UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

Alexandre Yuri Ribeiro Guerra

**Interjeições de assombro e de estranheza no
português paulistano e macaense: um contexto
pragmático e de afetividade**

Versão corrigida

São Paulo
2017

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

Interjeições de assombro e de estranheza no português paulistano e macaense: um contexto pragmático e de afetividade

Versão corrigida

Alexandre Yuri Ribeiro Guerra

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como requisito para fins de obtenção do título de Mestre.

Orientadora

Dra. Maria Célia Lima-Hernandes

Co-orientadora

Dra. Fraulein Vidigal de Paula

De acordo: Orientadora: _____ Data: ____/____/____

Co-orientadora: _____ Data: ____/____/____

**São Paulo
2017**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

G929i Guerra, Alexandre Yuri Ribeiro
Interjeições de assombro e de estranheza no português paulistano e macaense: um contexto pragmático e de afetividade / Alexandre Yuri Ribeiro Guerra ; orientadora Maria Célia Lima-Hernandes. - São Paulo, 2017.
201 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Cognição. 2. Linguística Funcional . 3. Interjeição. 4. Assombro. 5. Estranheza. I. Lima-Hernandes, Maria Célia, orient. II. Título.

Banca Examinadora

Membros titulares

Dra. Maria Luiza Braga
UFRJ

Dra. Maria Isabel da Silva Leme
IPUSP

Dra. Renata Barbosa Vicente
UFRPE

Membros suplentes

Dra. Cristina Lopomo Defendi
IFSP

Dra. Ana Luiza Gomes Pinto Navas
FCMSCSP

Dra. Lídia Spaziani
UNINOVE / UNIP

*Dedico este trabalho
aos
meus pais, Ronaldo e Eunice, por seu apoio incondicional,
e à
Maria Célia que, mais do que uma orientadora,
é o meu exemplo de dedicação e amor no que faz.*

Agradecimentos

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes, que acompanhou o meu percurso desde a graduação até a conclusão deste trabalho. Pelos seus conselhos, a paciência, o carinho e a sua intensa dedicação comigo e todos os orientandos do grupo de pesquisa Linguagem e Cognição. Pela sua competência profissional e força de vontade, que sempre me motivaram como um exemplo a ser seguido.

À minha co-orientadora, Profa. Dra. Fraulein Vidigal de Paula, por me apresentar a Psicologia Cognitiva no meu período de Iniciação Científica, o que culminou na elaboração desta obra. Por suas anotações e observações criteriosas que deram consistência e uma base sólida em muitos dos conceitos aqui apresentados. Pelo seu tempo gasto, seu excelente bom humor e a sua disposição em conversar comigo pessoalmente durante o processo de elaboração desta dissertação.

À Nathalia Pim, por ter me enviado o *corpus* das entrevistas de Macau e por suas ótimas transcrições de áudio, o que me ajudou muito.

Ao Prof. Dr. Paulo Segundo, por suas aulas de Funcionalismo e por seu empenho em analisar o meu projeto inicial de pesquisa, o que me foi muito útil e expandiu minha mente para prosseguir adiante.

Às Profas. Dras. Maria Isabel da Silva Leme, Maria Luiza Braga e Renata Barbosa Vicente, por suas análises minuciosas do trabalho e aconselhamentos produtivos que culminaram nesta edição revisada.

A todos os membros do grupo de pesquisa Linguagem e Cognição pelos debates, apontamentos e discussões teóricas que contribuíram para a minha formação acadêmica.

À CAPES, que financiou esta pesquisa e resultou nesta dissertação de mestrado.

À minha família e aos meus amigos, por todo o apoio incondicional que sempre me deram nos tempos bons e nos tempos difíceis.

“...palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução; alguns dizem mesmo que assim é que a natureza compôs as suas espécies”.

Machado de Assis, *Prima de Sapucaia!*

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre interjeições em viés funcionalista através de uma análise comparativa dos usos linguísticos de expressões de assombro e de estranheza do português paulistano em relação ao português macaense. A decisão teórico-metodológica ampara-se na Linguística Centrada no Uso, na linha cognitivo-funcional, estudada por meio das obras de Heine, Claudi e Hünne Meyer (1991), Tomasello (2003), Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007), Givón (2009), dentre outros autores. Este campo teórico tem como âmbito a preocupação em lidar com dados que preservem os contextos de produção de uso. Distinguir entre expressões de assombro e de estranheza não é uma tarefa fácil nem em dicionários e nem em gramáticas. É até mesmo impossível, atualmente, afirmar com certeza tal distinção pela ausência de investigação mais a fundo da pragmática e dos processamentos mentais envolvidos em conjunto com as produções linguísticas. O objetivo geral do estudo é o de introduzir uma nova pesquisa sobre interjeições ao verificar se existem diferenças nos usos de expressões interjetivas entre as duas variedades investigadas, indagando a questão da marginalidade dessa classe de palavras entre gramáticos e linguistas. Os dados para a investigação partiram de dois materiais. O primeiro *corpus* é constituído por registros audiovisuais oriundos de filmes paulistanos coletados por Guerra (2011) e de inquéritos realizados por Lima-Hernandes *et alii* (2012) e Rodrigues (2013). As expressões interjetivas presentes nestes materiais são comparadas com um segundo *corpus* composto por usos linguísticos manifestados por macaenses, falantes de língua materna cantonesa e portuguesa, registrados em gravações de teatro, conversas informais e entrevistas em programas televisivos e de rádio da península. Interjeições são preponderantemente de ordem pragmática, pois os seus significados derivam quase que exclusivamente da entonação do falante e do contexto em que se inserem. Apesar da pouca atenção recebida por gramáticos e linguistas, são estratégias comunicativas utilizadas fartamente em nosso cotidiano e, portanto, representam uma rica fonte de investigação.

PALAVRAS-CHAVE: Cognição; Linguística Funcional; Interjeição; Assombro; Estranheza.

ABSTRACT

This research presents a study on interjections in a functionalist perspective through a comparative analysis on language usages of astonishment and strangeness's expressions in Paulistano and Macanese Portuguese. The theoretical basis and methodological decision are sustained by the Usage-based Linguistics, in a cognitive functional bias, studied in the works of Heine, Claudi and Hünemeyer (1991), Tomasello (2003), Gonçalves, Lima-Hernandes and Casseb-Galvão (2007), Givón (2009), among other authors. This theoretical field has as its core the concern to deal only with data that preserve the contexts of usage production. Distinguish expressions between astonishment and strangeness is not an easy task in dictionaries or even in grammar books. Currently, it is even impossible to claim for sure that these expressions have a distinction because of the absence of a deeper investigation, focused on pragmatics and mental processes involved jointly with linguistic productions. The general objective of this project is to introduce a new research on interjections, verifying if there are differences in usages of these expressions between the two language varieties investigated and to inquire about the marginalization of this word class by grammarians and linguists. Data utilized for investigation are originated from two materials. The first *corpus* is composed by audiovisual records derived of Paulistano movies compiled by Guerra (2011) and interviews made by Lima-Hernandes *et alii* (2012) and Rodrigues (2013). The interjective expressions observed will be compared with a second *corpus* composed by linguistic usages of Portuguese displayed by Macanese, speakers of Cantonese and Portuguese as mother languages, recorded in theater presentations, informal dialogues and interviews realized by TV and radio programs. Interjections have the pragmatic order as a predominant characteristic because their meanings derive almost exclusively from the intonation of the speaker and the context inserted. Despite of the minimal attention gave by grammarians and linguists, they are communicative strategies heavily utilized in our daily life and, consequently, are a rich source of investigation.

KEYWORDS: Cognition; Functional Linguistics; Interjection; Astonishment; Strangeness.

Lista de esquemas e quadros

Esquema 1	<i>Continuum</i> de gramaticalização de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991)....	42
Quadro 1	Resumo do conceito de interjeição em gramáticas descritivas e de perfil tradicional.....	70
Quadro 2	Síntese das expressões interjetivas classificadas em gramáticas para os contextos de <i>espanto</i> e <i>admiração</i>	103
Quadro 3	As expressões interjetivas e os seus diferentes estados emocionais atribuídos nas gramáticas.....	104
Quadro 4	Resumo de assombro <i>versus</i> estranheza em contextos de uso.....	118
Esquema 2	<i>Continuum</i> da complexidade interjetiva.....	133
Quadro 5	Filmes selecionados.....	145
Quadro 6	Ficha técnica de <i>O grande momento</i>	145
Quadro 7	Ficha técnica de <i>São Paulo, Sociedade Anônima</i>	145
Quadro 8	Ficha técnica de <i>Joelma, 23º andar</i>	146
Quadro 9	Ficha técnica de <i>Eles não usam black-tie</i>	146
Quadro 10	Ficha técnica de <i>Perfume de Gardênia</i>	146
Quadro 11	Ficha técnica de <i>Os 12 trabalhos</i>	147
Quadro 12	Ficha técnica de <i>Trabalhar cansa</i>	147
Quadro 13	Ficha técnica de <i>O passaporte</i>	150
Quadro 14	Ficha técnica de <i>Futebol da 3ª idade</i>	151
Quadro 15	Expressões de assombro e de estranheza em <i>O grande momento</i>	168
Quadro 16	Expressões de assombro e de estranheza em <i>São Paulo, Sociedade Anônima</i>	169
Quadro 17	Expressões de assombro e de estranheza em <i>Joelma, 23º andar</i>	169
Quadro 18	Expressões de assombro e de estranheza em <i>Eles não usam black-tie</i>	169
Quadro 19	Expressões de assombro e de estranheza em <i>Perfume de Gardênia</i>	170
Quadro 20	Expressões de assombro e de estranheza em <i>Os 12 trabalhos</i>	170
Quadro 21	Expressões de assombro e de estranheza em <i>Trabalhar cansa</i>	170
Quadro 22	Expressões de assombro e de estranheza em <i>Lima-Hernandes et alii (2012)</i>	170

Quadro 23	Expressões de assombro e de estranheza em <i>Rodrigues (2013)</i>	171
Quadro 24	Expressões de assombro e de estranheza em <i>Rádio de Macau #1</i>	172
Quadro 25	Expressões de assombro e de estranheza em <i>Rádio de Macau #2</i>	172
Quadro 26	Expressões de assombro e de estranheza em <i>Rádio de Macau #3</i>	172
Quadro 27	Expressões de assombro e de estranheza em <i>Rádio de Macau #4</i>	173
Quadro 28	Expressões de assombro e de estranheza em <i>Telejornal</i>	173
Quadro 29	Expressões de assombro e de estranheza em <i>Conversa informal</i>	173
Quadro 30	Expressões de assombro e de estranheza em <i>O passaporte</i>	173
Quadro 31	Expressões de assombro e de estranheza em <i>Futebol da 3ª idade</i>	174
Esquema 3	<i>Continuum</i> da complexidade biológica na Fonética.....	185

Sumário

Introdução.....	14
A variedade paulistana.....	18
A variedade macaense.....	21
Por um estudo linguístico comparativo entre o português paulistano e o português macaense.....	24
I – Fundamentação teórica.....	37
1.1 A Linguística Cognitivo-Funcional.....	38
1.2 Os postulados teóricos subjacentes aos processos de gramaticalização na perspectiva cognitivista.....	40
1.3 O princípio da iconicidade e a complexidade sintática.....	43
1.4 A abordagem da Psicologia Cognitiva no desenvolvimento e na evolução.....	49
1.5 Consolidando as abordagens.....	54
II – As interjeições sob um viés cognitivo-funcional: revisando o tema.....	57
2.1 O conceito de <i>interjeição</i> em dicionários ao longo do tempo.....	58
2.2 A interjeição em gramáticas descritivas e de perfil tradicional.....	63
2.3 As interjeições nas produções acadêmicas brasileiras.....	72
2.4 O percurso diacrônico das interjeições.....	75
2.5 Os processos cognitivos, a afetividade e a influência cultural nas interjeições.....	80
2.6 Estudos de gramaticalização e seus princípios.....	86
III – A afetividade, a comunicação não verbal e as expressões interjetivas em contextos de assombro e de estranheza: delineando o objeto sob estudo.....	95
3.1 Os conceitos de <i>assombro</i> e de <i>estranheza</i> em dicionários em uma visão diacrônica.....	97
3.2 As expressões interjetivas de assombro e de estranheza em gramáticas descritivas e de perfil tradicional.....	102
3.3 Aplicações funcionais de <i>assombro</i> e de <i>estranheza</i> em língua escrita.....	106
3.4 As expressões não verbais de comunicação e a afetividade em contextos de assombro e de estranheza.....	119
3.5 As expressões interjetivas através de um <i>continuum</i> de complexidade e de	

gradação da capacidade cognitiva.....	131
IV – Encaminhamentos metodológicos.....	138
4.1 Objetivos, hipóteses e amostras de análise.....	138
4.2 Os materiais sob análise do português paulistano.....	141
4.3 Os materiais sob análise do português macaense.....	147
V – Análise das interjeições de assombro e de estranheza no português paulistano e no português macaense.....	152
5.1 Padrões de expressões interjetivas de assombro e de estranheza.....	153
5.1.1 Categorização de expressões interjetivas de assombro.....	153
5.1.2 Categorização de expressões interjetivas de estranheza.....	155
5.2 Síntese dos usos interjetivos paulistanos.....	167
5.3 Síntese dos usos interjetivos macaenses.....	171
5.4 Análise comparativa intercultural de expressões interjetivas de assombro e de estranheza nas variedades paulistana e macaense de língua portuguesa.....	174
Considerações finais.....	184
Referências bibliográficas.....	188

Introdução

A língua portuguesa remonta sua origem à região noroeste da Península Ibérica e da Galiza, estendendo-se em direção ao sul. Sendo inicialmente um conjunto de variedades provincianas denominadas de galego-português, suas raízes derivam do cruzamento entre o Latim Vulgar, após a conquista e a ocupação da região pelos romanos no século III d.C., e as línguas locais antes do domínio de Roma por povos autóctones tais como: celtas, cartagineses, púnico-fenícios, lígures e gregos.

Formada a partir da mescla de povos e de culturas, a língua portuguesa antes de se consolidar com o que hoje se conhece como a variedade de Portugal, passou por diversas transformações. No ano de 409 d.C., por exemplo, os conquistadores romanos, falantes de variedades do latim, passam a enfrentar ataques de povos germânicos conhecidos como vândalos, suevos e alanos. Após constantes conflitos, os suevos foram derrotados pelos visigodos, que são incorporados à Península (FERNANDES e COSTA, 2014).

É através dessa mescla cultural que o latim foi se transformando e constituindo as bases das línguas modernas chamadas de neolatinas. Diversas línguas são formadas ao longo de um extenso período na Península Ibérica como o castelhano, o catalão e o galego-português, sendo esta última a que deu origem à língua portuguesa. A partir da invasão germânica, inicia-se um processo de formação de um sentimento nacional na Península em relação a Roma. De acordo com Castilho (2009:19),

A grande importância linguística da invasão germânica está em que seu domínio libertou as potencialidades diferenciadoras da península em relação a Roma, não mais considerada como metrópole. Formou-se um sentimento nacional, e entre os sécs. VI e IX o Latim Vulgar Hispânico, matizado pelos germanismos, começou a dialetar-se nos diversos Romances de que surgiram a partir do séc. X as línguas românicas ibéricas.

No ano de 711 d.C., a Península Ibérica é invadida pelos árabes, que se estabelecem na região após a derrota dos visigodos. Com a introdução de sua cultura, observa-se um desenvolvimento literário muito intenso deflagrado pelos estudos linguísticos do Alcorão e pela constituição da poesia lírica medieval. A influência linguística dos árabes para a

formação do português é considerável, sendo inseridos diversos itens lexicais de sua cultura para designar novos conceitos na região ibérica.

Com o movimento da Reconquista, em que os cristãos buscaram retomar a região europeia, ocorreu a expulsão dos árabes no século XV da Península Ibérica, mas muitas das suas heranças culturais permaneceram, como alguns traços linguísticos e o desenvolvimento literário. Como afirma Castilho (2009), os invasores germânicos foram responsáveis pelo corte na ligação entre a Ibéria e Roma, os invasores árabes uniram os cristãos na guerra e isso consolidou a cultura romana na região.

É no período da Reconquista, entre os séculos IX e XV, que se distingue o primeiro grande ciclo da elaboração da língua portuguesa, com os cristãos dirigindo-se para o sul para retomar as regiões povoadas pelos árabes. Conforme Fernandes e Costa (2014), o processo da invasão dos mouros até a sua derrota foi responsável pela formação de três línguas peninsulares: o galego-português, no oeste; o castelhano, ao centro; e o catalão, a leste.

À medida que as áreas do sul foram reconquistadas, passaram a ser repovoadas pelos povos do norte, que transferiram sua língua para aquela região. Através do contato com as línguas locais e a interação cultural no sul, as diferenças linguísticas do galego-português em relação às características das variedades faladas no norte passaram a ser cada vez mais intensas, formando uma língua mais homogênea em relação às variedades do norte. É nesse contexto que se consolida, no século XII, o reino de Portugal, situado ao sul da Península Ibérica.

Portugal, estabelecido como um novo reino peninsular e ao lado mais ocidental das fronteiras da cristandade, apresentava inicialmente um modo de produção rural contra um mundo árabe urbano e mercantil. Krus (1998) relata que a visão do mar era para o povo português uma visão de caos e desordem. As imagens difundidas durante a Idade Média, em que o litoral europeu foi invadido e ocupado por povos não cristãos, era de medo, já que o mar e o litoral eram a estrada e o ponto de entrada na Europa desses invasores, respectivamente.

Durante o período da Reconquista, o medo e as histórias dos terrores do mar promoveram e incentivaram a cristianização pela Igreja, pois a religião era um modo de fortalecer a identidade do povo diante das constantes perdas sofridas durante as guerras.

Porém, em populações estabelecidas mais ao litoral, entre os rios Minho e Tejo, o medo não era muito marcante, visto que a população era formada por camponeses e pescadores que utilizavam a pesca e a extração do sal como forma de subsistência integrada aos cotidianos sociais (KRUS, 1998).

A partir da segunda metade do século XIII, período em que Portugal passa a ocupar o atual sul do país, o mar do Atlântico começa a ser encarado como uma realidade possível de ser conhecida e navegável. Ao tornar-se uma região mais populosa e dominar as zonas portuárias, o pensamento de cerceamento por povos hostis incentivava uma disputa pelo acesso ao mar, o que passa a modificar a economia de rural para uma busca de expansão mercantil por comércio ultramarino.

Segundo Benassar (1998), a Europa buscava pelas conquistas marítimas encontrar metais preciosos como recurso para romper os bloqueios de sua economia. Animada por um messianismo religioso anti-islâmico, tinha também como objetivo promover a difusão do cristianismo, além de uma busca utópica por um paraíso terrestre construído sob a égide de evangelizadores. É nesse contexto, no período entre os séculos XIV e XVI, que se configura o segundo grande ciclo da língua portuguesa: a expansão da língua para outras regiões do globo e a introdução de cultismos latinos e gregos, além da importação de léxico através do contato com línguas intercontinentais. Com as grandes navegações, a língua portuguesa é, então, introduzida em regiões fora da Europa, transplantada para locais como o Brasil, a Ásia e a África através dos processos de colonização e de ocupação.

O cruzamento entre tradições e culturas tão distintas nas diversas partes do globo deu-se de acordo com os seus desenvolvimentos próprios, mas Sousa (2011) reconhece alguns pontos em comum. O autor relata que sempre que a língua penetrava os diferentes continentes, já não era mais transportada pelos homens do mar com os seus capitães, mas por aventureiros, por pessoas violentas e homens mestiços que cruzavam diferentes oralidades a partir dos usos linguísticos. A difusão da língua portuguesa primeiramente partia do poder ligado aos esforços imperiais, mas logo depois intentava contra as tradições locais, subordinando e erradicando as línguas junto com outros traços culturais dos ‘colonizados’.

Apesar disso, a língua portuguesa também serviu e serve como traço de identidade e não apenas como instrumento de dominação. Sousa (2011:13) relata essa complexidade de

identificação linguística causada pelo choque cultural entre os europeus e os povos de outras áreas:

Língua também de paradoxo, como todas: o português que se foi afirmando historicamente como língua de dominação, foi instrumento de afirmação identitária em Timor Leste como mostrou Vicente Paulino, mas também serve no bairro kristang de Malaca para afirmar uma comunidade que jura falar uma língua (de origem) portuguesa. Língua também de costas largas: não podemos acusar a língua que falamos de todas as desordens e frustrações à nossa volta e que escondemos em nós mesmos: a língua que falamos limita-se a reflecti-las, a torná-las transparentes; a língua não as criou: retem-nas simplesmente quando aqueles que a falam persistem em as reter. Língua sujeita a transformações, manipulações, equívocos, a ser segunda e estrangeira ou mesmo a inventar-se.

Com o cruzamento intercultural e a formação das variedades do português em locais tão distantes globalmente, as mudanças acabaram por gerar diferenças linguísticas que praticamente fundaram novas línguas, ora proporcionando uma identidade, ora suprimindo culturas que novamente tornaram-se desveladas. Atualmente, as variedades da língua portuguesa apresentam-se a pleno vapor em países como o Brasil e alguns da África, mas cada vez mais em estado de relíquia do passado na região de Macau, na Ásia.

Em regiões africanas e asiáticas, o português mesclou-se com as línguas regionais e originou línguas *pidgins* e crioulas em localidades como Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, regiões do Índico, dentre outras, em que são predominantes as línguas crioulas de base portuguesa. O Brasil, como uma região de colonização, passou por processo similar, mas, com a influência da imigração europeia em camadas diferentes de migração, tal como a mais recente do século XIX pela família real ao Rio de Janeiro, além da ocupação açoriana nas regiões sulinas, contrapondo-se em números com o extermínio de nações indígenas, a língua portuguesa acabou por prevalecer sobre as línguas locais. Processo similar ocorreu em países, tais como Angola e Moçambique, por intermédio das constantes imigrações ocorridas durante o mesmo período.

A variedade paulistana¹

Com a investida ultramarina de Portugal para a exploração e comércio com outros povos entre os séculos XIV e XV, no período das grandes navegações, o império português conquistou diversas regiões ao redor do mundo. A partir da descoberta das Américas e a divisão de sua exploração entre os europeus, Portugal ficou com a área em que hoje se constitui o Brasil através do Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494 com o recém-formado Reino da Espanha.

A língua portuguesa foi, então, difundida pelos colonizadores no território, principalmente por padres jesuítas. Através dessa interação com a população indígena local, o português mesclou-se especialmente com os falantes do tupinambá, uma das variedades do Tupi, sendo diversas palavras nativas incorporadas ao idioma. Os índios, aculturados pelos europeus, ensinaram o seu idioma para os portugueses, formando uma nova língua de cruzamentos, através da constante interação entre os europeus e os indígenas na colônia. O idioma ficou conhecido como “língua geral”, havendo as variedades setentrional, chamada também de língua geral do norte e língua geral amazônica, e a meridional, conhecida como língua geral do sul ou língua geral paulista (NAVARRO, 2012).

Após a chegada dos povos africanos ao Brasil, a partir do início da escravidão em 1530, línguas como o quimbundo e o iorubá, provenientes de Angola e Nigéria, respectivamente, trouxeram uma nova expansão e incorporação de palavras ao léxico brasileiro (MENDONÇA, 2012). Visando a um maior controle político sobre a colônia, Portugal decidiu, então, obrigar o ensino da língua portuguesa aos índios, como forma de tentar evitar que a variedade local se consolidasse e a população local abandonasse o uso da língua falada na metrópole.

É nesse período do Brasil Colônia que surge São Paulo, região datada de meados do século XVI. Situada no sudeste brasileiro e separada do litoral pela Serra do Mar, São Paulo era uma zona estratégica para a exploração bandeirante do interior, sendo o Rio Tietê um meio de locomoção que facilitava o acesso e a comunicação com áreas mais afastadas.

¹ O termo ‘paulistano’ refere-se a tudo o que é oriundo da cidade de São Paulo. Em contrapartida, ‘paulista’ é a expressão utilizada para abranger todo o estado de São Paulo. Observa-se que o estado e sua capital são homônimos.

Apesar da distância em relação a São Vicente – o principal centro mercantil mais próximo –, a migração para a região de São Paulo passa a crescer bastante a partir da metade do século XVI, com o declínio da cultura de cana-de-açúcar no litoral. Com a busca por minérios no interior realizada pelos bandeirantes e incentivada pelo Governo Geral, a população passa a crescer gradativamente, expandindo-se nos arredores e tornando-se mais diversificada e complexa.

No início do século XVII, inicia-se uma expansão das fronteiras e um rumo para o interior, protagonizados pelos bandeirantes com o objetivo de mapear o território brasileiro. Ademais, destinava-se à busca de ouro e prata, entre outros minérios, à captura de escravos para serem utilizados como mão-de-obra além do extermínio em massa dos povos indígenas visando a conquistar os arredores e livrar-se da presença de jesuítas espanhóis que ocupavam áreas fronteiriças.

Por meio da constante interação forçada dos colonizadores com os colonizados, especialmente com os índios tupinambás do Alto Tietê e de São Vicente, a língua geral foi se moldando e assumindo características próprias da região de São Paulo, formando a variedade conhecida como língua geral paulista. Originada a partir dessa heterogeneidade de culturas, a língua geral paulista era uma língua crioula sulista formada a partir da língua geral (NAVARRO, 2013).

Os Bandeirantes, falantes dessa variedade linguística, ao adentrarem o interior e regiões, como o sertão nordestino no século XVII, disseminam-na pelo Brasil, fato este que influenciou a fala dos brasileiros até os dias de hoje. Tornando-se a língua mais falada na parte setentrional brasileira, era até mesmo necessário o uso de um intérprete como mediador na comunicação entre os representantes da metrópole e a população local. Devido a fatores como este, a coroa portuguesa passa a proibir o seu uso no final do século XVIII em todo o território brasileiro, impondo a língua portuguesa como idioma local. Entretanto, as marcas linguísticas permaneceram até os dias atuais, visíveis principalmente nos topônimos brasileiros como Aricanduva, Ubatuba, Anhanguera, etc.

Após a abolição da escravidão em 1888, dá-se o processo de imigração em massa de europeus para o Brasil como forma de suprir a mão-de-obra escrava, especialmente nos plantios de café. Entre o processo de imigração, a cultura do café e a industrialização de São Paulo, o português paulistano passa a englobar gradualmente diversos termos e

palavras advindos dos diversos idiomas europeus, havendo a presença marcante dos italianos, os quais se concentraram em sua maioria no estado de São Paulo, conforme exposto em Oliveira *et alii* (2006).

Vale ressaltar também a imigração dos japoneses, espanhóis e árabes – em especial os sírios e libaneses, entre os últimos – que contribuíram para a formação do falar paulistano contemporâneo, agregando diversos itens lexicais tanto para o português brasileiro quanto para a variedade paulistana a partir do século XX. Além da imigração, gerada em boa parte pela fuga das terras de origem em busca de abrigo de conflitos internacionais ou pela tentativa de uma vida melhor, houve também a forte presença da migração nordestina no estado, à procura de melhores condições de vida e de emprego nas indústrias e comércio metropolitanos, o que influenciou grandemente o falar da população paulista.

Atualmente, no século XXI, a cidade de São Paulo é uma megalópole constituída por diversos povos e etnias que convivem constantemente tanto com a migração quanto a imigração na região. Entre os imigrantes mais recentes, destacam-se os chineses, os bolivianos, haitianos, dentre outros, que, muitas vezes, procuram refúgio na cidade em busca de condições de uma vida melhor. Com toda essa mistura e diversidade, as diferenças entre a variedade de Portugal e a paulistana tornaram-se cada vez mais evidentes, perpassando desde a articulação da linguagem oral até diferenças de vocabulário e construções gramaticais.

A mistura de línguas, culturas e povos levam a uma constante mudança linguística e a formação de diversas variedades. Deste modo, como enfatiza Mattos e Silva (2008), analisando o passado e verificando o presente, reconhece-se que o português brasileiro é heterogêneo, polarizado e plural. Sendo a cidade de São Paulo uma das regiões com a maior concentração demográfica e de pluralidade étnica do país, admite-se como o falar da língua portuguesa paulistana o uso da língua por todos os cidadãos falantes de português oriundos da cidade, sendo cada um deles uma representação individual e própria de um todo que engloba as variedades linguísticas da região.

A variedade macaense

Macau, assim como São Paulo, é uma região fortemente marcada pela diversidade e pela multiculturalidade de povos, sendo um espaço geográfico que gera bastante turismo por seus cassinos, suas atividades comerciais e por sua história. Conforme Espadinha e Teixeira e Silva (2008), a sua organização sociocultural é composta por três principais grupos: os chineses – como maioria absoluta – os portugueses e os macaenses. Porém, em tempos recentes, passam a circular pelas ruas outras etnias, tais como os filipinos, os tailandeses, os paquistaneses, os australianos, dentre outras.

Desde dezembro de 1999, passou a ser designada como Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). É constituída por uma península e duas ilhas – Taipa e Coloane – nas quais a população foi, no passado, grandemente influenciada por Portugal, que, por sua vez, em meados do século XVI, estabeleceu no local o seu primeiro entreposto comercial através de sua ocupação por navegadores portugueses. A partir de então, a língua e a cultura portuguesas, em conjunto com o contato intercultural com os chineses, proporcionou um ambiente único.

Macau era povoada por pescadores e camponeses chineses, provenientes das províncias de Fujian e Cantão, no período da chegada dos portugueses ao local. Sendo um ponto estratégico de intercâmbio entre as culturas ocidentais e orientais, representava grande valor para Portugal, pois era uma ponte de atividades comerciais entre a China, a Europa e o Japão.

Ao contrário do Brasil, em que ocorreu uma colonização de exploração através de forte violência contra os nativos, a ocupação de Macau deu-se por um acordo entre os portugueses com o imperador da China, como um processo de interesse mútuo mercantil luso-chinês e de forma mais pacífica (GROSSO, 2007), mas a vida dos chineses, nem por isso, foi fácil. Conforme Pacheco (2009), na perspectiva chinesa, Macau era um território chinês ocupado pelos portugueses como uma espécie de arrendatários, sendo os chineses os verdadeiros proprietários e soberanos da terra.

Elo entre dois mundos, Macau simbolizava um tratado de monopólio português com o Oriente. Tal fato fez a região tornar-se uma base essencial para o comércio de especiarias e proporcionou a ida de missionários cristãos na tentativa de catequizar e ocidentalizar os

povos orientais, acarretando na interação entre culturas e o transplante da língua portuguesa para a região.

Assim como em outros países, tais como o Brasil, Angola e Moçambique, Portugal impôs a língua portuguesa como idioma oficial no território macaense, mas de maneira artificial já que a imensa maioria da população era de origem asiática e falante de outras línguas. Com as diversas interações entre os portugueses, outros povos e os nativos na península, o processo de apreensão do sistema linguístico não se deu exatamente como os portugueses esperavam que se desse, o que originou uma língua crioula² de base portuguesa na região durante o século XVI através do surgimento de *pidgins* (BAXTER, 2009).

Denominado de patuá macaense, o idioma foi influenciado também por línguas chinesas, malaias e cingalesas que eram faladas na península. Além destas vertentes linguísticas, sofreu influência do inglês, tailandês, japonês e de alguns idiomas hindus. Sendo uma língua desenvolvida por chineses habitantes de Macau, o patuá passou por diversas mudanças linguísticas nas suas construções morfossintáticas, fonéticas e semânticas no decorrer de sua história. A par dessa língua, havia a presença forte do cantonês, especialmente a partir do século XIX.

Durante o extenso período colonial regido pelos portugueses, houve a presença maciça de diversos grupos estrangeiros na península de Macau, predominando o interesse pelo comércio de mercadorias de exportação. Assim sendo, como afirma Baxter (2009), a região tem como traço caracterizador marcante, desde a sua configuração colonial, uma população etnicamente heterogênea, o que propiciou uma diversidade linguística também marcante.

O patuá macaense era comumente utilizado para a interlocução em toda a extensão de Macau até o século XIX. A língua, em suas diversas variedades faladas tanto pelos mais abastados quanto pelos cidadãos comuns, tornou-se um meio importante para a comunicação entre macaenses, portugueses e chineses em suas atividades na península,

² Uma língua natural crioula distingue-se das outras pelo seu processo de formação, que ocorre através da mistura de uma língua autóctone com outra língua, tornando-se uma língua materna. Originam-se de *pidgins*, ou seja, sistemas de comunicação rudimentares articulados por falantes de línguas distintas e que precisam estabelecer interações linguísticas. Ao contrário do que costuma ser difundido, estas línguas não são uma mistura de outras línguas, corruptelas ou dialetos, pois são autônomas. Assim sendo, possuem gramáticas próprias e, portanto, passam por mudanças linguísticas e se gramaticalizam.

apesar de mesmo em seu apogeu ter sido o seu uso pouco expressivo em relação ao cantonês e outras línguas presentes entre os falantes da região.

Embora Portugal tenha imposto a língua portuguesa de origem europeia como idioma oficial, diversos macaenses durante o século XIX faziam o uso do patuá como forma de resistência contra o padrão estipulado pelos portugueses, relegando o idioma português às aristocracias e autoridades europeias. Foi assim que, ao final do século XIX, o patuá foi perdendo o seu uso devido às reformas educativas realizadas por Lisboa em todas as colônias portuguesas, com o intuito de transplantar o português de Portugal como a língua padrão. Conforme Espadinha e Teixeira e Silva (2008), o ensino e a divulgação da língua portuguesa foram uma preocupação tardia da administração portuguesa, implementando escolas luso-chinesas através de um grande projeto educativo, mas que desmoronou gradualmente.

Com a instituição do projeto educativo português, macaenses de classe social mais elevada, como funcionários públicos administrativos, por exemplo, passaram de maneira gradativa a abandonar o uso do patuá nas esferas públicas e a adotar o português de Portugal aprendido nas escolas. Tal fato ocasionou a predominância do uso da língua crioula entre as classes mais baixas da sociedade, caindo drasticamente o seu uso até mesmo por estes últimos com o andamento das gerações, prevalecendo o uso do cantonês. A partir de então, o português macaense adquiriu cada vez mais similaridades com a variedade de Portugal enquanto o patuá, de vertente crioula, caiu paulatinamente em desuso.

Em meados dos anos 70 do século XX, após a publicação do estatuto Orgânico de Macau, a península passa a ser chamada de “Território Chinês sob Administração Portuguesa”. A partir de 1987, iniciam-se diversas negociações entre Portugal e China como forma de retomada da região pelos últimos. A administração portuguesa permaneceu até o ano de 1999, quando foi realizada a devolução do seu território para a China. Desde então, a presença chinesa tornou-se cada vez mais preponderante, enquanto a língua e a cultura portuguesas foram perdendo cada vez mais o seu espaço e prestígio.

Ao se tornar uma zona autônoma da República Popular da China, o português e o chinês passam a ser adotados como línguas oficiais em Macau. Entretanto, Baxter (2009) reconhece a presença de variadas línguas, sendo o uso do português utilizado por falantes

minoritários. Com um grau de estatuto prestigiado, o português tornou-se uma língua necessária ao funcionalismo público e à gestão administrativa. De acordo com Lima-Hernandes (2010b), o domínio da língua portuguesa tomou um caráter impositivo nas instituições, sendo um pré-requisito obrigatório para qualquer cidadão que almeja ingressar na carreira pública.

Atualmente, o patuá tornou-se uma relíquia do passado de Macau e está em vias de extinção, pois cada vez mais há menos cidadãos que compreendem a língua crioula. Já o português macaense, variedade esta que é o objeto de estudo desta pesquisa, encontra-se relegado a falantes minoritários, sobretudo a funcionários de repartições públicas e a famílias macaenses que se consideram de descendência portuguesa. Dentre os cidadãos que dominam ambas as variedades, sobressaem-se, em grande maioria, os adultos e pessoas mais idosas, pois carregam traços culturais anteriores ao processo de autonomia da península.

Diversos esforços visam à preservação dos traços portugueses que carregam a história da região, sobretudo do patuá através de atividades culturais, tais como o teatro, além de sua inclusão como patrimônio da humanidade pela UNESCO. Publicações de textos em língua portuguesa na variedade macaense são também frequentes. Apesar disso, o patuá e a variedade portuguesa falada por macaenses têm sido fontes de poucos estudos linguísticos por pesquisadores locais e internacionais. Assim sendo, a língua portuguesa continua em uso em raros espaços como, por exemplo, nas missas da Sé. Já o cantonês é a língua majoritária.

Por um estudo linguístico comparativo entre o português paulistano e o português macaense

Indagar a respeito daquilo que nos rodeia, nos diferentes âmbitos do conhecimento e sob diferentes perspectivas, formulando hipóteses a partir da interação com os outros e com os objetos do mundo físico, é o que nos torna sujeitos cognitivos ativos em nosso ambiente. As hipóteses, uma vez formuladas por via desses estudos, não necessariamente são estáveis e imutáveis. Elas podem passar por mudanças e reformulações, num crescente de complexidade.

Essas alterações, contudo, são alimentadas – e calibradas – pelo que vamos arrebanhando de conhecimentos mais globais das populações estudadas e das propriedades intrínsecas do ser humano. Essa também é a premissa de Croft (2010), que arrola, dentre outras informações requeridas e que esculpem as novas questões e hipóteses, justamente a cognição humana e as formas de conceptualização³.

Partindo do pressuposto de que as línguas estão constantemente em transformação em contextos de uso e são modificadas pelos variados processos de interações culturais, espera-se verificar a presença de formas distintas de interjeições para situações similares e significados diversos em variados contextos nas variedades de língua portuguesa aqui representadas. A contribuição prevista com a realização deste trabalho coaduna com a conjectura de que a interação é ponto crucial para se perceberem as mudanças e as adaptações da língua, sendo a análise linguística de interações em culturas distintas uma porta de acesso para o reconhecimento da perspectiva da heterogeneidade discursiva.

A comparação de usos linguísticos entre uma variedade de língua portuguesa em plena atividade por milhares de falantes, como a paulistana, em relação a uma variedade também rica, mas atualmente utilizada por grupos minoritários e caindo em desuso, como a macaense, suscita reflexões. A heterogeneidade de Macau pode remeter ao espaço brasileiro, como declara Silva Neto (1970), em especial o ambiente paulistano, uma das maiores metrópoles do mundo e a região demográfica mais populosa do país. Ao abordar o tema do contato entre línguas no Brasil, o autor utiliza o conceito de *crioulo*, termo este que também é comumente referido quando se trata do patuá e do português macaense.

Afora isso, ambas as regiões passaram por domínio português, agregando em suas culturas traços advindos do território lusitano. Devido à colonização pelo regime imperial de Portugal, muitas vezes por meio de imposições e decretos, no Brasil, a língua portuguesa consolidou-se como idioma nacional predominante, o que não ocorreu em Macau. Uma possível resposta para esta questão talvez seja a imigração em massa de europeus às diversas regiões brasileiras, ao contrário de Macau que sempre foi composta, em sua

³ “Language structure cannot be fully understood without situating it with respect to current theories of joint action, social cognition, conceptualization of experience, memory and learning, cultural transmission and evolution, shared knowledge and practice in communities, and demographic processes in human history.” (Croft, 2010:1).

maioria, por uma população de origem asiática e que pouco se identificava com a cultura e as tradições europeias.

Como declara Lima-Hernandes (2010b), a trajetória da língua portuguesa em território macaense promove um exame sobre os estágios de evolução de uma língua e de sua morte em um espaço geográfico tão pequeno, mas com pessoas de origens bastante diversificadas. A comparação linguística entre uma variedade totalmente ativa e uma quase em desuso, além de enriquecer o conhecimento sobre a nossa própria língua, voltando os nossos olhos para outra formada em diferentes contextos, fomenta e propõe maiores estudos a respeito das variedades linguísticas presentes em Macau, as quais são legados históricos para todos os falantes do português e patrimônio linguístico de toda a humanidade.

Além disso, estudos linguísticos interculturais podem propiciar pistas do comportamento humano, reveladas pelo modo de raciocínio, hábitos, gestos impensados (respostas do corpo humano às ações do meio e de outros indivíduos), sendo a interação humana fonte privilegiada para essa observação. Coincidiriam as interjeições de assombro e de estranheza, em situações semelhantes, nas variedades paulistana e macaense do português? Em caso positivo, quais os fatores que motivariam essas similaridades? Em caso negativo, seriam as diferenças culturais e não a sintaxe o fator primordial de influência nessas divergências? Longe de propor respostas definitivas para essas questões, este trabalho pretende descrever e cotejar usos de dois espaços geográficos administrados por portugueses durante muitos anos.

Ademais, em termos de perspectiva cognitivista, a análise de construções com o viés no uso da língua tem se revelado produtiva. Tal fato pode ser constatado justamente porque pesquisas com esse enfoque permitem investigar o aprendizado cultural convencionalizado pelos indivíduos em sociedade e como a formação de esquemas de categorização mentais, derivados de habilidades de percepção da intencionalidade e da causalidade das ações, podem denunciar a herança biológica da espécie (filogênese), que é cooperativa, e as evidências disso nas interações sociais.

Uma dessas construções que se tornam culturalmente transparentes para a apreensão de intenção é a interjeição porque, em sua grande maioria, são atos comunicativos incontidos por meio dos quais os falantes manifestam emoções e sentimentos via

codificação linguística. Variadas são as representações interjetivas e estudá-las demanda um recorte metodológico baseado em critérios semântico-pragmáticos. Para estabelecer um recorte semântico-pragmático mais preciso, neste trabalho priorizam-se as interjeições de assombro e de estranheza, justamente porque são, conforme demonstrou Guerra (2015), partes de um mesmo espectro orientado pelo grau de controle.

Por serem estratégias comunicativas do cotidiano, esperava-se que os variados usos de interjeições em contextos diversos fossem amplamente estudados. Ao contrário, no Português do Brasil, revelou-se um tópico pouco prestigiado para pesquisas no âmbito acadêmico, provavelmente porque linguistas questionam o estatuto das interjeições como uma classe de palavras. Estes ignoram em seus argumentos o fato de que (i) elementos pragmáticos estão na base evolutiva de elementos gramaticais e de que (ii) a gradualidade do processo de evolução gramatical das línguas, em geral, permite reconhecer dentro de um mesmo conjunto funcional itens dispostos em pontos distintos de um *continuum* de usos mais ou menos lexicais e mais ou menos gramaticais. A falta dessa percepção promove uma visão separatista de objetos linguísticos em termos de prestígio para estudos acadêmicos. Uma explicação corrente que radicaliza esse *apartheid* ampara-se na ideia de que as interjeições são classificadas como pertencentes exclusivamente à linguagem familiar ou à sua representação dessa linguagem em textos escritos. Essa atitude acaba por reverberar no meio acadêmico como um interdito.

O estigma que acompanha essas palavras e expressões impediu que muitas reflexões mais aprofundadas ou mesmo de estudos mais sérios de caráter linguístico fossem empreendidos. O livro didático, como material pedagógico importante na formação escolar brasileira, reflete esse preconceito, posto que seus autores dedicam ínfimas linhas de informação a respeito do tema e de maneira insuficiente para que os estudantes de língua e de literatura possam conhecer a dimensão pragmática de seus usos. Em sendo assim, a abordagem didático-pedagógica do tema traduz-se de modo superficial, o que bloqueia a exploração de técnicas de aproveitamento desses usos para discutir a língua e suas variadas funcionalidades.

Guerra (2011) realizou uma pesquisa de iniciação científica concernente às interjeições e seus variados usos no português paulistano. Em seu estudo, publicado no ano de 2015, baseando-se em uma análise de *corpus* linguístico constituído por filmes

paulistanos produzidos entre a década de 1950 até a de 2000, demonstrou a atuação das propriedades pragmáticas das interjeições. Além disso, evidenciou a relevância da entonação do falante e do contexto para a determinação de seus diversos significados, pois as interjeições estariam atreladas às estruturas específicas de cada língua e, portanto, orientadas pelas situações interativas.

Esse trabalho foi ponto de partida para esta dissertação, cujo enfoque prevê uma análise comparativa dos usos linguísticos de expressões de assombro e de estranheza do português paulistano em relação ao português macaense da China. Uma razão para aproximar dois espaços tão distantes e, num primeiro momento, considerados tão diversos, é justamente demonstrar o peso da sociocultura nesses usos, o que permitiria jogar sobre as interjeições uma descrição segundo princípios funcionalistas, normalmente considerados gerais e aplicáveis a línguas diversas. Uma pergunta que emerge dessa aproximação consolida-se na lacuna de aplicabilidade da lógica ocidental a uma lógica oriental. Torna-se relevante enfatizar que Macau é uma região da China, na qual a administração portuguesa permaneceu desde o século XVI até o final do século XX, mais precisamente o ano de 1999. No entanto, um grupo especial, rotulado de macaenses, apresenta raízes muito fortes na cultura chinesa de língua cantonesa, embora se identifiquem como lusófonos.

Macau, uma região peninsular, ao contrário da capital de São Paulo e do próprio Brasil com sua grande extensão territorial, foi, assim, influenciada pela cultura portuguesa, bem como pela chinesa do sul do continente, muito próxima territorialmente e com fluxos migratórios diários de grande monta. São Paulo, igualmente, providencia a convivência de migrantes de várias partes, que nela aportam em busca de oportunidades, mas guarda grandes diferenças de mobilidade e de interação. São espaços de interação diferentes e com surpreendentes situações cotidianas de aproximação de etnias socioculturalmente diversas. Nas variadas situações de contato intercultural, manifestam-se os sentimentos e emoções que guardam em si a surpresa interjetiva. Nota-se que são bons contextos para análise com cenas desencadeadoras de estranhamentos, as quais favoreceriam a expressão de interjeições de assombro e de estranheza.

Referente às expressões de assombro, segundo Houaiss e Villar (2007), equivalem ao efeito de uma reação a algo incomum vivenciado numa situação cotidiana qualquer. Linguisticamente, esse efeito aparece codificado por itens ou palavras que denunciam a

intenção pragmática de o falante deixar claro o contexto de uma situação de anormalidade. Na gramática, é possível estabelecer um paralelo com a categoria das interjeições, mas nem sempre as interjeições codificam esse efeito comunicativo na língua portuguesa, como será demonstrado no capítulo III.

Já as expressões de estranheza, ainda conforme Houaiss e Villar (2007), parecem estar associadas tanto ao efeito de uma manifestação pragmática instantânea quanto a uma avaliação mais reflexiva do indivíduo. Ocorrem comumente através da oposição entre situação esperada *versus* situação inesperada. Os valores pessoais, tais como crenças, cultura, classe social e época histórica aparentam possuir uma maior associação com esse efeito, já que moldam o mundo pessoal do indivíduo. Podem não ser manifestações tão instantâneas quanto as expressões de assombro, já que a estranheza seria decorrente de um estímulo baseado em um julgamento da comparação entre provável *versus* improvável, que são processamentos mentais pré-formados e ativados antes de o indivíduo manifestar essas expressões.

Confrontar assombro e estranheza em termos de instantâneo e incontrolável pede que retomemos uma questão de fundo na Linguística moderna. Trata-se do caráter inato das línguas humanas. Tomasello (2003:70-71)⁴, ao discutir essa questão da oposição do inato *versus* adquirido entre as linhas individual e cultural de desenvolvimento, assume que é preciso reconhecer que a distinção é essencialmente a que existe entre herança biológica e herança cultural, embora se refira à ontogênese⁵ e não à filogênese⁶. De acordo com a interpretação do autor, o desenvolvimento cognitivo individual diz respeito àquilo que o

⁴ “Em vez de inato *versus* adquirido, prefiro outra dicotomia, que alguns podem considerar igualmente problemática: a dicotomia vigotskiana entre as linhas individual e cultural de desenvolvimento. Essa distinção é essencialmente aquela que existe entre herança biológica e herança cultural, embora diga respeito à ontogênese e não à filogênese. De acordo com a minha interpretação dessa distinção, a linha individual do desenvolvimento cognitivo (o que Vigotski chama de linha “natural”) concerne àquelas coisas que o organismo conhece e aprende por conta própria sem a influência direta de outras pessoas ou de seus artefatos, ao passo que a linha cultural de desenvolvimento cognitivo concerne àquelas coisas que o organismo conhece e aprende por meio de atos nos quais tenta ver o mundo através da perspectiva de outras pessoas (incluindo as perspectivas incorporadas nos artefatos)”.

⁵ Processo de aprendizagem humana, desde a idade tenra, das habilidades cognitivas, sociocognitivas e culturais universais da espécie que proporcionam compreender e adquirir os aspectos de culturas particulares, desenvolvidas ao longo do tempo histórico. É através do processo da ontogênese que os membros imaturos de uma cultura aprendem a agir com eficiência ao serem expostos a problemas, por exemplo, pelas interações sociais com membros mais experientes e maduros. (Tomasello, 2003).

⁶ Processos biológicos e históricos envolvidos na evolução da cognição humana que ocorrem desde um passado muito distante da espécie. Por este fato, há informações escassas a respeito de suas origens. (Tomasello, 2003).

organismo conhece e aprende por conta própria, sem a influência de coespecíficos ou dos artefatos culturais que estão à disposição⁷. Ao contrário, a linha cultural de desenvolvimento cognitivo concerne a tudo o que o organismo conhece e aprende por intermédio de atos em que tenta ver o mundo da perspectiva de outras pessoas, incluindo aquelas incorporadas nos artefatos culturais⁸.

Assumindo a perspectiva de que há uma heterogeneidade distinta de artefatos culturais disponíveis no português paulistano e no português macaense, incluindo a riqueza dos variados usos linguísticos, além do contato intenso com o cantonês dos falantes de Macau, o que ocorre diversamente na cidade de São Paulo que se apoia em outras bases culturais, reconhece-se a possibilidade da presença de usos interjetivos diversos em contextos semelhantes no português macaense em comparação com o português paulistano porque, em termos de evolução sociocultural humana, adotaram soluções que podem reforçar os laços coespecíficos filogenéticos. Dado que estão sendo investigadas linhas culturais de desenvolvimento com aspectos similares e, ao mesmo tempo, diferentes, tal possibilidade torna-se um objeto relevante de uma análise de verificação da consistência de atuação de princípios funcionalistas de base cognitiva. Postula-se como hipótese que, devido às diferenças no desenvolvimento cultural entre paulistanos e macaenses, existam codificações de assombro e de estranheza distintas em ambas as regiões para contextos equivalentes, porém com estratégias explanáveis segundo os mesmos princípios.

Os dados que serviram de base para a análise foram obtidos através dos registros audiovisuais oriundos de filmes paulistanos coletados por Guerra (2015) e de inquéritos realizados por Lima-Hernandes *et alii* (2012) e Rodrigues (2013), junto ao PHPP (Projeto História do Português Paulista), sendo selecionados os registros provenientes de pessoas nascidas e criadas desde idade tenra na capital de São Paulo. Os usos interjetivos nesses materiais serão comparados com os usos manifestados por macaenses, falantes de língua materna cantonesa e portuguesa, registrados em gravações de teatro, diálogos informais e entrevistas ocorridas em programas televisivos e de rádio da Península. Por meio da

⁷ Trata-se da capacidade biologicamente herdada que cada ser humano possui de viver culturalmente ao compreender os coespecíficos como agentes intencionais/mentais iguais a si próprio. Ocorre por volta dos nove meses de idade. (Tomasello, 2003).

⁸ “A herança cultural humana enquanto processo está assentada nos pilares indissociáveis da sociogênese, por meio da qual a maioria dos artefatos e das práticas culturais é criada, e da aprendizagem cultural, por meio da qual essas criações e as intenções e perspectivas humanas que existem por trás delas são internalizadas por crianças em desenvolvimento (...)”. (Tomasello, 2003:74).

motivação de que o conhecimento é um ganho holístico, considera-se a importância de estudos linguísticos mais minuciosos na busca pelas diferenças e semelhanças de comunidades linguísticas tão heterogêneas e análogas entre si como um campo em que se plasman as consistências teóricas de princípios linguísticos considerados universais num arcabouço funcionalista.

O presente trabalho assenta-se em fundamentos teóricos da Linguística Cognitivo-Funcional, na perspectiva funcionalista da linguagem, em especial da teoria linguística de gramaticalização, preconizada no trabalho de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) e também de Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007), dentre outros autores. Como o processo de gramaticalização reflete mudanças graduais na língua, configurando-se numa escala gradual e unidirecional através de um *continuum* do aumento de gramaticalidade/abstratização, torna-se um encaminhamento interessante, principalmente porque favorece a apreensão de fenômenos em termos de graus e, ainda mais, por conter em seus encaminhamentos indicações metodológicas apropriadas para o objeto selecionado, já que privilegia o uso. Ademais, priorizar como objeto a classe de interjeições, invariavelmente posta à margem pelos estudos linguísticos, pode produzir resultados contributivos às características icônicas de representar a linguagem familiar, um filão a ser explorado dada a complexidade subjacente à compreensão.

Um dos linguistas empenhados nessa busca é Givón (2005; 2009), que trata da complexidade sintática como aspecto integral da evolução da comunicação humana. A gramática é vista não como um conjunto de regras normativas, mas, sim, como um instrumento adaptativo da comunicação, influenciado por objetos do mundo físico e pelos processamentos cognitivos. A recursividade linguística é, segundo ele, fruto dessa interação constante entre a percepção do mundo físico e os processos mentais individuais e coletivos, os quais atuam na sintaxe da língua e moldam a sua estrutura. As interjeições, assim sendo, integram esse paradigma, pois são expressões espontâneas no cotidiano dos falantes, sendo pertinente sua análise em uma perspectiva intercultural como demonstração de fatos linguísticos, tal como aqui se pretende realizar.

Além dos suportes teóricos citados anteriormente, o trabalho conta com os postulados decorrentes das pesquisas de psicólogos que abordaram o desenvolvimento humano sob viés cognitivista e evolucionista. Paul Ekman (2011), por exemplo, é um

psicólogo norte-americano pioneiro nos estudos de emoções e de expressões faciais, as quais favoreceram a análise do desenvolvimento das características humanas e de seus estados ao longo do tempo. Ekman conduziu pesquisas inovadoras no estudo das emoções a respeito de suas correlações biológicas, demonstrando o caráter universal e distintivo das emoções numa perspectiva apoiada na visão darwiniana. Entre os resultados de sua pesquisa, pôde concluir que os seres humanos possuem mais de dez mil expressões faciais. Outro resultado importante em suas experiências foi que, apesar da linguagem humana para descrever emoções e expressões ser limitada por contextos socioculturais e o número de emoções e expressões ser maior do que as línguas descrevem, nunca houve um caso em suas pesquisas em que a maioria, em diferentes culturas, atribuísse uma emoção diferente à mesma expressão. Esse campo teórico será de grande valia para repensar as funções interjetivas aqui priorizadas.

Como se trata de interjeição e de intenções presentes em expressões interjetivas, é inevitável esbarrar no campo da recepção dessas intenções comunicativas que, por sua vez, remete à consciência sobre si e sobre o outro, tema priorizado por António Damásio (2013), médico neurologista e respeitável estudioso que explora a relação entre o cérebro e a consciência. Atuante na área da ciência cognitiva, investiga as bases cerebrais da linguagem e da memória responsáveis pelas tomadas de decisões e condutas humanas. As emoções, assim como em Ekman (2011), são vistas pelo autor como biologicamente determinadas através de um foco evolutivo e mescladas com a aprendizagem e a cultura do indivíduo, as quais assumem uma função reguladora. As suas pesquisas sobre o automatismo de expressões emotivas sem deliberação consciente, impulsionadas pelas operações dos circuitos cerebrais, e o tempo de variação de como as respostas linguísticas às emoções são desencadeadas poderão trazer à tona pistas sobre a classificação de expressões interjetivas de assombro e de estranheza.

Outro importante psicólogo evolucionista que centra suas pesquisas no campo do desenvolvimento humano é Tomasello. Esse autor afirma haver uma coincidência entre a compreensão que temos da interação comunicativa e a conceptualização da experiência, pois a atuação de memórias, o aprendizado e a transmissão cultural do conhecimento, dentre outros fenômenos, são essenciais para se estabelecer a relação entre a estrutura da linguagem e o contexto psicológico e social. Contribui com essa discussão Croft (2010),

que defende que a linguagem humana molda-se, via interação, às intenções dos indivíduos. É preciso, contudo, acrescentar que essa moldagem não é caótica; ela atende a princípios semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos, os quais são essenciais durante a aquisição, o uso e os ajustes que decorrem em variação e mudanças linguísticas (cf. FURTADO DA CUNHA, 2011) ao longo do desenvolvimento humano, pareados com o desenvolvimento da linguagem.

E porque a linguagem assume função preponderantemente social, como bem lembram Beckner *et alii* (2009), uma espécie de ação conjunta⁹ (CLARK, 2000) se articula aos propósitos comunicativos. Cada um, de sua perspectiva, constrói na linguagem a relevância primordial e a insere na relação intercomunicativa. Essa estratégia é automatizada ao longo do desenvolvimento do falante, à medida que assume sua autonomia linguística. As interjeições, por nem sempre assumirem essa função social, ou seja, uma ação comunicativa de transmitir uma intenção explícita ao outro, mas, sim, expressões individuais presumivelmente instintivas em dados contextos – especialmente aquelas situações em que o indivíduo se sente ameaçado ou passa por algum tipo de emoção forte – parecem, aparentemente, não se enquadrar naquilo que muitos linguistas consideram como linguagem, efetivamente falando, pois nem sempre se pode captar nessas codificações a intenção do interlocutor em transmitir uma mensagem a um destinatário. Tal questão será discutida mais a fundo na *seção 2.6*.

A decisão teórico-metodológica é, assim, amparada por elementos fundantes da *Linguística Centrada no Uso* (ou *Usage-based Linguistics*), doravante LCU, com um viés cognitivo-funcional. Trata-se do campo teórico em cujo cerne está a preocupação de lidar com dados que preservem seu contexto de produção de uso. Torna-se relevante esclarecer que esse modelo de análise linguística inspira-se nos trabalhos de pesquisadores representantes da Linguística Funcional norte-americana e de formalistas cognitivistas, razão por que circunscreve um modelo adequado para a abordagem do aparato cognitivo humano, que favorece a apreensão do exercício da linguagem ao considerar o falante como um usuário da língua representante de sua espécie ligado pelo fio da herança cultural. Por conseguinte, admite-se que, em toda interação, há perspectivas em jogo e não apenas uma.

⁹ Refere-se a um cenário mais básico, que se constrói na interação face a face, envolvendo o significado do falante e o entendimento de um interlocutor destinatário.

Assim, as questões e hipóteses para as quais serão providenciadas respostas intuídas sobre as interjeições são as seguintes:

- (i) Haveria expressões mais primitivas do que outras e que remeteriam a um passado biológico filogenético mais remoto e expressões ulteriores e mais vinculadas à cultura e a um passado evolutivo mais recente da espécie humana?

Hipótese: As expressões interjetivas revelam-se associadas a expressões mais simples e a expressões mais complexas, sendo as primeiras mais primitivas em relação às últimas.

- (ii) Haveria expressões interjetivas que se aproximariam de uma característica reflexiva e, portanto, pensando em termos de gradação cognitiva, seriam originadas de processamentos mentais mais recentes e complexos?

Hipótese: Segundo o princípio da iconicidade, as formas linguísticas denunciam a complexidade através dos processamentos mentais.

- (iii) Por um viés interdisciplinar, associando a gramática às especificidades humanas, a distinção entre emoções mais primitivas e mais elaboradas transpostas para a linguagem propiciaria uma diferenciação plausível em tipos básicos de expressões interjetivas aplicáveis a contextos de uso?

Hipótese: As emoções mais primitivas aplicam-se mais a contextos de expressões universais da espécie humana enquanto as mais elaboradas inserem-se em usos culturalmente lapidados.

- (iv) Como o interlocutor seria capaz de perceber ou apreender que uma frase ou segmento linguístico qualquer codifica expressões de assombro e de estranheza?

Hipótese: O fator primário para a distinção entre assombro e estranheza revela-se nos contextos de uso, embora outros fatores mais opacos, tais como peso fônico e complexidade sintática correlacionem-se com esses usos.

- (v) Seria possível identificar a relevância do contexto pragmático para a identificação e distinção das expressões de assombro e de estranheza?
Hipótese: O corpo é mobilizado com maior intensidade e menor margem de controle para a codificação de assombro.
- (vi) Haveria cenários típicos de ocorrência para expressões de assombro e de estranheza?
Hipótese: O assombro estaria mais associado às cenas de reações instintivas. Já, a estranheza associar-se-ia a situações mais reflexivas, portanto, de maior controle.
- (vii) Haveria usos capazes de expressar assombro e estranheza em contextos semelhantes no português macaense em comparação com o português paulistano?
Hipótese: Uma vez que a estranheza emerge de usos mais elaborados culturalmente, a diferença entre as variedades macaense e paulistana residiria provavelmente nesse quesito.
- (viii) Coincidiriam as expressões interjetivas de assombro e de estranheza, em situações semelhantes, nas variedades paulistana e macaense do português?
Hipótese: Considerando que o assombro mobiliza formas mais involuntárias de reação, este teria maior probabilidade de se replicar interculturalmente.

A estrutura pensada para checar a validade dessas hipóteses nesta dissertação dá-se no seguinte formato: o capítulo I destina-se à fundamentação teórica desta dissertação, ou seja, será um capítulo em que serão apresentados postulados e princípios que conduzirão as tomadas de decisão nos capítulos seguintes. Já o capítulo II será dedicado ao delineamento do objeto priorizado no estudo. Nesse espaço, serão tratadas mais a fundo as interjeições sob perspectivas e vozes diversas.

Em seguida, o capítulo III focalizará as expressões de assombro e de estranheza como emoções, analisando os diferentes contextos de significação e uso destas construções em dicionários, sites de busca na internet e textos acadêmicos. É nesse capítulo que será

estabelecida uma definição e a distinção entre os dois tipos de expressões, com base nos autores estudados e nas orientações metodológicas. O capítulo IV envolve os encaminhamentos metodológicos utilizados na pesquisa, explicitando os objetivos e hipóteses relacionados ao objeto estudado. Após isso, será apresentada a análise propriamente dita no capítulo V, comparando as expressões interjetivas de assombro e de estranheza no português paulistano com o português macaense para, logo depois, apontar os resultados e as considerações finais referentes ao estudo abordado. Segue-se, então, para as referências bibliográficas.

I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo foi planejado para apresentar as ideias e os princípios que sustentarão as análises e conduzirão as reflexões que serão tecidas. Mais do que citar os autores e suas respectivas formulações, o propósito é evidenciar a perspectiva de onde se parte, ou seja, o lugar de onde se projeta o ponto de vista deste trabalho. Nesse sentido, primeiramente, serão abordados conceitos-chave da Linguística Cognitivo-Funcional, cuja principal característica é favorecer a análise da língua a partir do contexto¹⁰ e da situação de uso, tomando-a como meio da relação epistemológica entre sujeito e objeto.

Em seguida, serão discutidos conceitos básicos dos processos de gramaticalização. Será o momento em que princípios cognitivos, tais como a unidirecionalidade, entrarão em campo para auxiliarem na compreensão de que mentes humanas se orientam por lógicas próprias, conduzindo construções de um domínio mais concreto para outros mais abstratos. A iconicidade e os seus subprincípios, como explicação de fenômenos orientadores de usos na língua, serão também de grande valia para a compreensão de mecanismos analíticos da complexidade cognitiva nas cadeias sintáticas e das formas de categorização de diferentes tipos de interjeição.

Por ser a Linguística Cognitivo-Funcional uma perspectiva teórica que concebe a língua como um objeto dinâmico e não estável, pode ser relacionada com os variados estudos do desenvolvimento humano através da concepção evolucionista darwiniana, já que, naquela concepção, considera-se a evolução humana de modo pareado à maneira como se projeta a linguagem em uso. Tal associação será contextualizada e relacionada por via da exposição dos estudos de psicólogos cognitivistas e evolucionistas a respeito das emoções e da intencionalidade e causalidade no sujeito, a cooperação, dentre outros aspectos, que são elementos fundamentais a serem discutidos quando se trata de produções linguísticas interjetivas.

¹⁰ Entende-se o conceito de contexto não como uma entidade objetiva, mas como um constructo mental dependente de julgamentos de relevância (Givón, 2009). Como afirma Lima-Hernandes (2015), estudar o *contexto* é refletir sobre a incorporação de elementos ao dado sob análise. É um exercício de sair de si sem abandonar o que se conhece, buscando pistas para imaginar o que o outro possa saber.

1.1 – A Linguística Cognitivo-Funcional

A Linguística Cognitiva, conforme Silva (2004), firmou-se como um paradigma científico há cerca de três décadas, com a inauguração da *International Linguistics Association*. Desenvolveu-se na década de 1980, sobretudo por intermédio dos trabalhos dos norte-americanos Ronald Langacker (1987), George Lakoff (1987) e Leonard Talmy (1983; 1988). Suas origens advêm do interesse pela flexibilidade e variabilidade do significado em estudos linguísticos, da insatisfação com a proposta da Gramática Gerativa de Noam Chomsky – que privilegia a forma em relação ao conteúdo – e dos resultados de E. Rosch, a respeito da função dos protótipos no processo de categorização (cf. BERNÁRDEZ, 1999).

Um dos pressupostos fundamentais da Linguística Cognitiva é a abordagem da linguagem como um meio de conhecimento e de conexão com a experiência humana no mundo. As construções linguísticas são estudadas não como estruturas autônomas, mas, sim, como manifestações das capacidades cognitivas, de princípios de categorização, da organização conceptual da experiência e dos processamentos mentais adquiridos através das interações sociais e individuais (GEERAERTS, 2006).

Na Linguística Cognitiva, as categorias gramaticais (classes e construções) são consideradas em termos de suas propriedades sintáticas agregadas de sua base semântica. A gramática é, em consonância com postulados de Geeraerts (2006), motivada por aspectos e funções conceptuais e semânticas assim como o léxico, e relaciona-se intimamente com modelos cognitivos e culturais pelos mecanismos de categorização e pelos processos imagéticos.

No transcurso dos anos, a sua consolidação como paradigma gerou uma diversidade de teorias e métodos e, em certos casos, uma complementação mútua das teorias linguísticas correntes, sendo uma delas a tradição funcionalista, que inicialmente se opôs à tradição formalista ou gerativista, mas que, ao longo do tempo, foi se revelando uma abordagem que poderia se beneficiar de alguns postulados formalistas. Foi essa aproximação dialógica que fez florescer a Linguística Cognitivo-Funcional, uma tendência funcional nos estudos de línguas, rotulada por alguns segmentos de Linguística Baseada no Uso (*Usage-based Linguistics*), sendo sua característica principal a análise linguística sob o

ponto de vista do contexto e da situação extralinguística. A diferença entre os segmentos ficou por conta da maior ou menor ênfase às construções em si ou aos princípios em si.

Tal abordagem é o resultado das tradições desenvolvidas por pesquisas de representantes da Linguística Funcional, tais como Hopper, Thompson, Traugott, Givón, Bybee, entre outros, e da Linguística Cognitiva, como Lakoff, Langacker, Fauconnier e Goldberg (Tomasello, 2003). De acordo com Furtado da Cunha e Martelotta (2012), essas duas correntes compartilham diversos pressupostos teórico-metodológicos, tais como: a incorporação da semântica e da pragmática nas análises linguísticas, rejeição à autonomia sintática, a não distinção estrita entre léxico e sintaxe, a interrelação entre a estrutura das línguas e os usos dos falantes em contextos reais de comunicação, etc. A gramática passa a ser vista, portanto, como uma representação cognitiva da experiência dos falantes com a língua, sendo não estável por ser constantemente afetada pelos seus variados usos em contextos diversos.

Martelotta (2008:62) afirma que a teoria cognitivo-funcional caracteriza-se

por considerar que a linguagem reflete um conjunto complexo de atividades comunicativas, sociais e cognitivas, integradas com o resto da psicologia humana, isto é, sua estrutura é consequente de processos gerais do pensamento que os indivíduos elaboram ao criarem significados em situações de interação com outros indivíduos.

Ao reverso do que se costuma generalizar, o enfoque da cognição não significa assumir as mentes como entidades descontextualizadas, excluindo ou secundarizando os fatores interacionais, sociais e culturais. As mentes individuais não são entidades autônomas, mas corpóreas e interativas em seu meio. É por intermédio dessa interação, tanto com coespecíficos quanto com os artefatos culturais transmitidos através da herança cultural filogenética da espécie – em seu “Efeito Catraca”¹¹ – conforme aponta Tomasello

¹¹ Algumas tradições culturais acumulam conhecimento e modificações realizadas por diferentes indivíduos ao longo do tempo, de maneira que se tornam mais complexas e elaboradas, sendo transmitidas constantemente de geração para geração com um espectro mais amplo de funções adaptativas. Tal fato pode ser chamado de evolução cultural cumulativa ou de “efeito catraca”. Conforme Tomasello (2003:54): “A metáfora da catraca nesse contexto pretende dar conta do fato de que a aprendizagem por imitação (com ou sem instrução ativa) propicia o tipo de transmissão fiel necessária para manter a nova variedade dentro do grupo, proporcionando assim uma plataforma para as futuras inovações – com as próprias inovações variando em função de elas serem individuais ou sociais/cooperativas”.

(2003), que a cognição e a linguagem surgem, se desenvolvem e se estruturam (SILVA, 2004).

A ciência cognitiva, dado seu caráter de investigação em diversos ramos do conhecimento, tais como a linguagem, os processos mentais e a relação dos indivíduos com o meio interacional cultural e biológico, assume uma abordagem interdisciplinar no meio acadêmico. Gardner (1996:60) indica como linhas dominantes a psicologia cognitiva, porções extensas da filosofia e da linguística, a inteligência artificial e estudos neurocientíficos e antropológicos: “Se cientistas cognitivistas querem dar uma explicação completa dos aspectos mais fundamentais da cognição, contudo, eles (ou outros cientistas) terão de descobrir ou construir as pontes que ligam sua disciplina a áreas vizinhas de estudo (...)”.

Essa asserção de Gardner (1996) dá relevo ao papel da interdisciplinaridade em pesquisas cognitivistas e, assim, atesta o interdiálogo e a necessidade da produção de conhecimento que envolva uma consolidação das abordagens da linguística cognitivo-funcional com a psicologia cognitivista do desenvolvimento e a psicologia darwiniana. Este trabalho se inspira nessa ideia, pois assume a iniciativa de estabelecer algumas pontes de diálogo interdisciplinar em estudos sobre cognição.

1.2 – Os postulados teóricos subjacentes aos processos de gramaticalização na perspectiva cognitivista

Um dos pilares que sustenta os fundamentos desta pesquisa se constitui na concepção de gramaticalização como um processo, tal como alertam Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) e também Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007). Nessa concepção de processo, a gramaticalização traduz-se como comum a todas as línguas, envolvendo qualquer tipo de função gramatical. Por via desse processo, itens lexicais e construções sintáticas passam a assumir funções referentes à organização interna do discurso ou a estratégias comunicativas. Possui como princípio fundamental a unidirecionalidade, em que tais elementos, em determinados contextos, assumem funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver outras funções gramaticais.

Nos últimos anos, as descobertas acumuladas sobre os processos de gramaticalização ascenderam a conhecimentos mais universais sobre os seres humanos, o que permitiu um diálogo com vertentes científicas mais cognitivistas. Esse foi o caminho assumido nos estudos de, por exemplo, Bybee (2003) e de Lima-Hernandes (2010a). O princípio de unidirecionalidade foi, com estudos como esses, elevado a um estatuto de organização mental humana. Em consonância com isso, os resultados de descrições linguísticas reforçaram cada vez mais que conceitos concretos são mobilizados e motivados na língua em uso para o entendimento, explanação e descrição de fenômenos mais abstratos para atender a uma acomodação de perspectivas interativas, mas não é só isso: as categorias e processos envolvidos nessa acomodação são, na verdade, respostas cognitivas requeridas para a construção de um espaço conjunto de atenção.

Os resultados têm permitido reconhecer processos de transferência de conceitos (metáfora), aproximando domínios cognitivos distintos por motivações pragmáticas e reinterpretação induzida pelo contexto (metonímia). Contudo, talvez não tenha ficado suficientemente claro qual a diferença entre a teoria clássica da gramaticalização e a teoria cognitivista mais recentemente apresentada. A resposta pode ser formulada com o diálogo travado entre linguistas e psicólogos evolucionistas que, de outra perspectiva, demonstram que mudanças ocorreriam na filogênese e na ontogênese humana.

A vertente no presente estudo baseia-se, assim, nesses desenvolvimentos de cunho mais cognitivo. Testa-se a hipótese de que haveria uma gradação cognitiva dos seres humanos em todas as suas funções físicas e psicológicas, tanto na filogênese humana – herança biológica da espécie, em que são transmitidas as capacidades cognitivas desenvolvidas através da evolução no tempo histórico – quanto no processo ontogenético, ou seja, nos momentos de maturação individual, em que cada membro da espécie recupera essa herança desde a fase embrionária até a adulta (TOMASELLO, 2003). Esse material seria a base para os usos linguísticos em fases cada vez mais maduras de desenvolvimento. Isso, numa visão mais geral, poderia ser traduzido na ideia de que há um paralelo evolutivo da espécie humana observável nos usos linguísticos.

Nessa nova forma de estudar processos de gramaticalização, reconhece-se que os seres humanos exploram suas aptidões, tais como a de adquirir linguagem e as mobilizam para configurar diversos recursos da língua, inclusive gramaticais, fazendo com que usos

menos complexos se alterem para usos mais complexos. E essa é uma resposta cognitiva que se orienta pelo contexto de interação, cada vez mais, à medida que a maturação humana vai se impondo.

Desse modo, o desenvolvimento das capacidades cognitivas humanas se processaria do nível mais simples para o mais complexo, inclusive a linguagem humana. Tal processo se daria através de um *continuum*, do concreto para o abstrato, semelhante ao utilizado na teoria de gramaticalização das línguas naturais, divulgada por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), conforme ilustrado abaixo:

Pessoa > Objeto > Processo > Espaço > Tempo > Qualidade

Esquema 1: *Continuum* de gramaticalização de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991).

Segundo Lima-Hernandes (2009:28), há um paralelo teórico que pode ser traçado entre língua e desenvolvimento humano:

Quando estudiosos tomam por um *continuum*-guia das mudanças gramaticais aquele em que se têm as categorias cognitivas dispostas da esquerda para a direita, revelam muito mais do que a abstratização de categorias gramaticais. Estão assumindo que a evolução do homem pode ser, até onde sabem, correlata a essa organização, e que, num movimento de deslizamento (perdas/ganhos imperceptíveis de traços), o analista pode reconhecer que as ações humanas vão se abstratizando (ou tornando-se mais complexas) à medida que os indivíduos amadurecem mental e fisicamente.

Bybee, Traugott, Lima-Hernandes e os demais pesquisadores que seguem essa abordagem teórica reconhecem alguns pressupostos fundamentais. As máximas que compõem a teoria de gramaticalização podem ser assim sintetizadas:

- (i) não há universais inatos estáticos na língua;
- (ii) a língua é composta por uma multiplicidade de fatores diversos;
- (iii) categorias e constituintes gramaticais não são estáticos e mudam conforme o uso;
- (iv) as mudanças linguísticas ocorrem a todo o momento e não apenas a partir das transmissões entre gerações;

- (v) não há conhecimento “estrutural” inato;
- (vi) as evoluções gramaticais são motivadas pela economia de energia do falante;
- (vii) as influências socioculturais afetam as gramáticas e propiciam usos inovadores e mudanças linguísticas.

Sendo a proposta da gramaticalização, sob o enfoque cognitivista, investigar a língua considerando a sua dinamicidade natural e os seus padrões fluidos, é um aparato teórico-metodológico eficaz para identificar e associar processos, reconhecendo as mudanças a partir da interação da semântica, da gramática e do discurso. É, por conseguinte, uma visão metodológica fundamental para a proposta deste trabalho, pois abrange a mente humana acoplada à interação e à produção real dos discursos dos falantes como foco de análise e atesta usos e mudanças a partir de diferentes domínios linguísticos, inclusive por intermédio da influência do dinamismo sociocultural que propicia a criatividade linguística.

1.3 – O princípio da iconicidade e a complexidade sintática

Todo ser humano busca, em seus processos de maturação e de aprendizagem, o reconhecimento de similaridades. Para demonstrar seus sentimentos e emoções, recorre a símbolos e sinais que possam transmitir alguma correspondência semântica ao seu interlocutor. Dessa forma, o processo de interação torna-se mais ágil e menos energia é gasta na comunicação e na busca de objetivos. Alguns mecanismos de busca de identificação e aproximação foram a partir do século XX reconhecidos em sua produtividade nas línguas em geral.

A iconicidade é um desses princípios que favorece uma comunicação mais econômica em energia despendida pelos participantes da interação. Por isso tem sido aceito entre funcionalistas como a resposta a uma correlação natural e motivada entre forma e função na língua, ou seja, o código linguístico e o seu conteúdo. Consubstancia, assim, uma relação motivadora, estando a estrutura linguística, de algum modo atrelada à estrutura da experiência. Essas estratégias econômicas revelam propriedades da conceptualização e da

mente humana (LIMA-HERNANDES, 2006). Exemplificando, onomatopeias como “tique-taque”, “tico-tico” e construções como “apagador” e “beija-flor” teriam motivação fonológica, morfológica e semântica, respectivamente, refletindo a cultura e o conhecimento de mundo humano na língua.

Alguns linguistas, como Bolinger (1977), ao considerarem esse princípio referem-se à isomorfia em diversas línguas, assumindo uma visão forte (que se sustenta em exemplares linguísticos) referente ao princípio da iconicidade. É assim que se considera que existe uma condição natural na língua para preservar uma forma para uma função e vice-versa. Votre (1992), porém, aponta essa asserção como uma noção radicalizada e que impediria o reconhecimento de outras manifestações, mas deve-se considerar que o momento contextual dessa manifestação de Votre ainda pedia que se mobilizassem mais esforços nos estudos sobre gramaticalização. O grande volume de trabalhos só veio a lume na década seguinte.

Conforme Furtado da Cunha *et alii* (2003), existem muitos exemplos em que não há uma relação clara e transparente entre forma e conteúdo, sendo a codificação morfossintática opaca em relação à sua função. Especialmente em certas estruturas sincrônicas, é possível perceber um grau acentuado de opacidade referente ao grau que desempenham. Como exemplos, pode-se mencionar a construção “embora” que surgiu com a expressão temporal “em boa hora”, conforme Said Ali (1964), e se gramaticalizou, adquirindo também a função gramatical de conjunção concessiva.

Além disso, uma forma pode assumir várias funções na língua assim como uma função pode ser codificada por assumir várias formas (isso, com o correr dos estudos, foi se revelando algo esperado e comum entre todas as línguas, sem constrangimentos ao processo de gramaticalização). No primeiro caso, podem-se mencionar os usos para o sufixo *-inho* em “mãezinha” (valor afetivo), “gentinha” (valor pejorativo) e “rapidinho” (valor superlativo). Já no segundo, o recurso da impessoalização do agente da ação presente em verbos como “construir” sendo expreso, por exemplo, na voz passiva, como 3ª pessoa do plural, com a partícula “se” apassivadora, dentre outros.

Reconhece-se com os casos ilustrados que as formas e funções na língua se modificam gradativamente através dos usos ao longo do tempo, mas nem sempre têm reconhecimento de analistas. O “poder enxergar” fenômenos icônicos depende sempre do

olho que vê e analisa, e essa capacidade depende também de maturação de análises e de teorias que dão o suporte. Até o momento, o que se sabe é que três subprincípios podem manifestar a iconicidade:

- (i) *Subprincípio da quantidade*: quanto maior a construção linguística, mais informações estarão codificadas, além de uma maior imprevisibilidade da informação e de importância para a continuidade temática;
- (ii) *Subprincípio da integração ou proximidade espaço-temporal*: há uma relação estreita quanto à distância entre expressões na cadeia de frases ou em unidades textuais maiores, sendo os conteúdos cognitivamente mais integrados à codificação sintática;
- (iii) *Subprincípio da ordenação ou ordenação espaço-temporal*: informações mais importantes, previsíveis e essenciais para assegurar a ordem da cadeia sintática tendem a aparecer em posição primária na ordem, de modo que a posição revela a importância do conteúdo para o ouvinte.

Esses três subprincípios da iconicidade remetem à estrutura da cadeia sintática e, por isso, à complexidade das sentenças. Construções mais extensas gerariam maior esforço mental em decorrência da maior quantidade de informação e de imprevisibilidade do conteúdo, o que demandaria maior atenção do ouvinte para captar e interpretar toda a informação. Além disso, as modalidades deôntica (ordem, pedido, etc.) e epistêmica (conhecimento, crença, etc.) refletem a complexidade no léxico, sendo os usos deônticos considerados menos complexos em termos de grau por refletirem uma relação mais direta do falante com o ouvinte, enquanto a modalidade epistêmica relaciona-se com usos mais reflexivos e, portanto, exigem maior processamento cognitivo, o que os tornam mais elaborados. Deste modo, a complexidade linguística estaria similarmente relacionada com a recursividade¹² na produção dos enunciados, pois a posição de cada item não seria algo

¹² Refere-se à capacidade cognitiva do falante de construir seus discursos conforme suas intenções comunicativas (MATURANA e VARELA, 2001).

meramente aleatório, mas decorreria de processos cognitivos na mente do falante que indicariam suas intenções em relação ao ouvinte.

Nesse sentido, não se trata apenas de reconhecer o paralelo formal, mas de destrinchar construções complexas, tal como defende Givón (2009). Segundo o autor, a complexidade é uma propriedade intrínseca de entidades, organismos ou sistemas, sendo a organização interna, por definição, mais básica e simples. Assemelha-se à ideia da teoria do caos, em que se concebem partes como unidades replicadoras da unidade maior, com representação de todas as propriedades atributivas. É como se fosse dito que a semente de uma laranja é uma laranja.

A complexidade é, assim, um processo que perpassa diversos estágios de desenvolvimento através de uma evolução gradativa das capacidades cognitivas. Apenas é possível que a estrutura se torne mais complexa a partir da interação dentro de um sistema organizado. Em resumo, um sistema – seja ele sintático, neurológico, biológico, seja de outro nível qualquer de análise – parte de composições mais simples para composições mais abstratas, de modo que as interrelações e conexões dentro do sistema são fundamentais para a sua complexificação.

Damásio (2011) expõe esse desenvolvimento por via dos processos a que chama de *protossself*, *self central* e *self autobiográfico*¹³. Não há, segundo o autor, como chegar à

¹³ Conforme Damásio (2011), estes seriam os processos de construção da mente consciente. O cérebro, segundo a hipótese do autor, construiria a consciência gerando um processo do self em uma mente em estado de vigília. Assim sendo, o self seria um enfoque da mente sobre o organismo material que ela habita, atuando como um elemento distintivo. Constituído através de estágios, Damásio (2011:224-226) assim os descreve: “O estágio mais simples tem origem na parte do cérebro que representa o organismo (o *protossself*) e consiste em uma reunião de imagens que descreve aspectos relativamente estáveis do corpo e gera sentimentos espontâneos do corpo vivo (os sentimentos primordiais). O segundo estágio resulta do estabelecimento de uma relação entre o *organismo* (como ele é representado pelo *protossself*) e qualquer parte do cérebro que represente um *objeto a ser conhecido*. O resultado é o *self central*. O terceiro estágio permite que múltiplos objetos, previamente registrados como experiência vivida ou futuro antevisto, interajam com o *protossself* e produzam pulsos de self central em profusão. O resultado é o *self autobiográfico*. Os três estágios são construídos em espaços de trabalho separados, mas coordenados. São os espaços de imagem, a arena onde se dá a influência da percepção corrente e das disposições contidas em regiões de convergência-divergência”. O *protossself*, deste modo, atuaria como uma plataforma estável e de continuidade para inscrever as mudanças causadas pela interação do organismo com o meio (ao olhar um objeto e o pegar, por exemplo) ou para inscrever a modificação da estrutura ou estado do organismo (ao sofrer um ferimento ou ter uma queda excessiva nos níveis de açúcar no sangue). Através do processo de interação com o meio por intermédio do *protossself*, o cérebro introduz na mente algo que não estava antes, ou seja, um protagonista. Forma-se, assim, o *self central* e molda-se a (inter) subjetividade. O primeiro evento para a sua formação é o sentimento de “conhecer o objeto” que faz o indivíduo diferenciar um objeto de outros. O segundo evento resulta do sentimento de conhecer. Dá-se um “destaque” para o objeto da interação gerando a “atenção” por via de uma convergência de recursos de processamento para um objeto específico mais do que para outros. Com os

última etapa, a qual está ligada à percepção de padrões externos e internos ligados a noções causativas e coordenadas pela evocação de memórias, ou seja, não existe *self autobiográfico* que não tenha sido antes *self* central, pois a maturação de um ser que pensa sobre sua condição transmitindo sua história de formação passa pelas interações prévias do organismo com o meio, em que o sujeito aprende replicando modelos que já existem. Tais interações circunscrevem a modificação do estado das estruturas psíquicas e físicas do organismo (*protossself*), moldando conteúdos mentais que formam um sujeito protagonista, produzindo, assim, a (inter) subjetividade (*self central*).

A cultura é, deste modo, um fator-chave para essas interações prévias que asseguram a complexidade linguística, desempenhando uma função essencial para o desenvolvimento ontogenético, subordinado à filogênese da espécie. Geertz (2011:56) dialoga com essa questão ao afirmar que “(...) a cultura humana é um ingrediente e não um suplemento do pensamento humano”, ou seja, as diversas atividades cerebrais são inteiramente dependentes dos recursos culturais para o seu funcionamento pleno. Um ser humano sem cultura é um ser incompleto, pois não possui uma teoria da mente¹⁴ e, conseqüentemente, não está exposto aos estímulos ambientais necessários, até mesmo, para a própria sobrevivência¹⁵.

O estabelecimento ontogenético de domínios de condutas comunicativas por intermédio da inserção cultural resulta em comportamentos coordenados associáveis a

conjuntos substanciais de memórias biográficas de interação agrupadas de modo que cada uma possa ser prontamente tratada como distinta das outras, cada uma pode modificar o *protossself* e produzir seu pulso de *self* central, com os sentimentos de conhecer e o conseqüente destaque do objeto. É através dessa evocação de memórias em nossa biografia, por via de mecanismos capazes de coordená-las e transmiti-las ao *protossself* para a interação requerida e mantendo os resultados dessa interação e de outras prévias em um padrão ligado aos objetos causativos, que se forma o *self autobiográfico*, ou seja, as imagens componentes de uma autobiografia por via de mecanismos coordenadores extremamente elaborados.

¹⁴ Capacidade cognitiva de atribuir estados mentais tais como intenção, crenças, desejos, etc. a si próprio e aos outros e, também, a compreensão social de que os outros possuem estes mesmos estados mentais de maneira distinta de si próprio. Tal habilidade possibilita o ser humano inferir o que o outro sente, pensa, deseja, etc., agindo da maneira mais adequada e eficiente possível nas diversas situações de seu convívio em sociedade (TOMASELLO, 2003).

¹⁵ Exemplo disso pode ser verificado no caso emblemático da menina norte-americana sob o pseudônimo de Genie Wiley. A garota foi mantida durante seus primeiros treze anos, praticamente, em total isolamento da sociedade. Ao ser descoberta pelas autoridades em 4 de novembro de 1970, Genie apresentava comportamento selvagem, era incapaz de andar e falar adequadamente e usava fraldas. Em um teste cognitivo não verbal aplicado por especialistas, a garota obteve o desempenho equivalente a uma criança de dezoito meses de idade. Para mais detalhes sobre o caso, é possível acessar: *Wild Child Speechless After Tortured Life* [<http://abcnews.go.com/Health/story?id=4804490&page=1>] e *Genie Wiley – TLC Documentary* (2003) [www.youtube.com/watch?v=VjZolHCrC8E] – acessos em 22 de março de 2017.

termos semânticos. Tal qualidade dos comportamentos comunicativos ontogênicos possibilita a consciência de si mesmo, o que acarreta o desenvolvimento da recursividade linguística e a habilidade de leitura da intencionalidade do outro através dos diversos códigos culturais. Por conseguinte, os comportamentos humanos são condutas que ocorrem num domínio de acoplamento estrutural ontogênico estabelecido pelos próprios seres humanos, e mantido como resultado de ontogenias coletivas (MATURANA e VARELA, 2001).

Retomando o tema da complexidade sintática, Givón (2009) afirma que a ordenação hierárquica das sentenças está presente desde as composições mais simples até as mais elaboradas. A expansão de um signo holístico e sua reanálise partiria de morfemas para palavras ou frases que se combinariam desde pequenas unidades até a formação de uma construção mais complexa na cadeia sintática.

Atesta este fato a aquisição linguística infantil, em que a aprendizagem de palavras morfológicamente mais elaboradas, tais como formas compostas, dá-se pelo modelo de expansão holística, conforme estudos de Tomasello (2000). Ademais, na perspectiva diacrônica, Givón (2009) aponta que a morfologia gramatical sempre ocorre a partir de formas lexicais anteriores, de maneira que a complexidade morfológica sucede por via da combinação e condensação de construções sintáticas.

Para Givón (2009:10)¹⁶, há fortes evidências para a afirmação da existência de uma tendência de desenvolvimento da gênese da complexidade sintática de formas composicionais na diacronia, na ontogênese e na evolução. Pesquisas de aquisição infantil, levantamentos linguísticos diacrônicos e de pidginização, além de estudos de comunicação com primatas fornecem evidências relevantes para esta tendência evolutiva de formas mais básicas para mais intrincadas em termos de filogênese. Obras, tais como as de Bloom (1973), Bowerman (1973), Heine e Kuteva (2007) e de Givón (1979, 1989, 2005) demonstram tal comprovação.

¹⁶ “There is strong cumulative evidence that the developmental trend in the genesis of syntactic complexity, in diachrony, ontogeny, and no doubt in evolution, is primarily compositional (...)”.

“Há forte evidência acumulada de que a tendência de desenvolvimento na gênese da complexidade sintática, em diacronia, ontogenia e, sem dúvida, na evolução, é primariamente composicional (...)” (Tradução minha).

O princípio da iconicidade e a complexidade sintática evidenciam que a língua perpassa de estruturas mais simples e concretas para mais abstratas e elaboradas, e que a ordem e a quantidade de formas para expressar conteúdos na composição das sentenças não decorre de modo aleatório, estando presentes ali as marcas individuais e culturais em que o falante está inserido em conjunto com as suas intenções. As produções linguísticas são cognitivamente motivadas, e a cultura é um fator primordial para que o desenvolvimento da linguagem e de sua fluência de maneira plena possa ser realizado.

As interjeições, como uma importante classe de palavras presente nos usos cotidianos de todos os falantes da língua portuguesa, independentemente da localidade, não poderia estar de fora dessa cadeia de complexidade e, tampouco, às margens do princípio icônico que molda a estrutura sintática e semântica motivada pelos processos cognitivos na mente dos falantes. Referente à classificação das interjeições, a partir dos critérios linguísticos apresentados anteriormente, será dedicada uma seção no segundo capítulo desta dissertação com o devido aprofundamento.

1.4 – A abordagem da Psicologia Cognitiva no desenvolvimento e na evolução

Ao abordar um tema linguístico como objeto de pesquisa tão pouco discutido no meio acadêmico como a classe de interjeições, é preciso levantar um conjunto de teorias coerentes que deem cabo de uma análise consistente. Tratando-se de interjeições e das expressões de assombro e de estranheza, em especial, torna-se imprescindível a discussão de conceitos como a intencionalidade e a causalidade no sujeito, a cooperação, as evoluções de desenvolvimento ao longo do tempo filogenético e ontogenético e a questão das emoções ou afetividade humanas, os quais serão introduzidos ao longo desta seção em conjunto com uma explanação sobre a Psicologia Cognitiva e Evolucionista e suas relações com os estudos de linguagem.

A Psicologia Cognitiva foi fundada na década de 1950 a partir do paradigma do computador digital. Neisser (1967) a define como uma psicologia que estuda como os processos de *input* sensorial são transformados, reduzidos, elaborados, usados, armazenados e recuperados. Um dos fatores para o seu surgimento deve-se à influência da teoria da Gestalt, que propõe que a percepção depende também do aparato visual, cuja

organização ocorre de modo holístico, o que leva em conta a maneira como são registradas as relações de figura e fundo na formação das imagens mentais. Ademais, apresenta uma forte crítica ao Behaviorismo, teoria esta que se atém às instâncias observáveis, o que não permite que descrições deem conta da complexidade psíquica (EYSENCK e KEANE, 2007).

Os objetivos das pesquisas em Psicologia Cognitiva são especificar os processos simbólicos e representações subjacentes ao comportamento. Com o passar dos anos, a abordagem prosperou e, na década de 1970, por intermédio de diversos estudos que propunham a interação entre várias disciplinas, tais como a Linguística, emerge um campo mais abrangente denominado de “Ciência Cognitiva”. O esforço visava a uma busca pela interdisciplinaridade, em especial entre a Psicologia, Linguística, Filosofia, Antropologia, Inteligência Artificial e as Neurociências, pois os pesquisadores acreditavam que o enfoque em apenas uma área específica do conhecimento não seria capaz de propiciar a adequada explicação dos fenômenos processuais da mente em conjunto com o comportamento. É a partir, então, dos anos de 1980, que as ciências passam a caminhar em paralelo, uma interação produtiva, a que chamaram de Ciências Cognitivas, privilegiando estudos interdisciplinares (VASCONCELLOS e OLIVEIRA, 2012). É assim que, alimentadas por essas discussões, surgem as pesquisas iniciais da Linguística Cognitiva Funcional por meio de trabalhos, tais como os de Talmy (1983), Langacker (1987) e Lakoff (1987).

Michael Tomasello, psicólogo comparatista norte-americano que atua no ramo das ciências cognitivas referentes à aprendizagem social e da linguagem, além de estudos comparativos de crianças com grandes símios, é um importante pesquisador cognitivista alinhado com as abordagens da Linguística Cognitivo-Funcional. Como um paralelo entre estudos funcionalistas e sua pesquisa, Tomasello (2003) afirma que construções mais abstratas e complexas derivariam de construções verbais insuladas, as quais seriam esquemas cognitivos básicos da linguagem. A partir de seu uso, padrões seriam apreendidos e interpretados em sua prototipicidade ou inovação, neste caso construções mais abstratas, singulares e periféricas se apresentariam. Essa ideia coincide com os estudos linguísticos de gramaticalização, em especial na complexificação da língua pareada com o desenvolvimento humano.

Durante o processo de desenvolvimento, a criança, em sua fase de aquisição linguística, ao ser inserida em um ambiente social, aprende e conhece a linguagem por meio de atos e de interações, construindo sua visão de mundo através da perspectiva de outras pessoas. Tais habilidades cognitivas são propiciadas pela capacidade de percepção da intencionalidade e da causalidade¹⁷ no outro. Com a percepção de causa, ou seja, que ações diversas podem levar a um resultado similar ou a resultados distintos, o indivíduo é capaz de estabelecer diversas analogias entre os seres e os objetos do mundo em que vive, o que o torna capaz de analisar um determinado comportamento e supor ali uma intenção, percebendo o outro como um agente intencional diferente de si próprio (TOMASELLO, 2003).

Segundo Gopnik (1993), referente ao desenvolvimento humano e à aquisição de linguagem, só é possível conceituar os próprios estados mentais após ser cognitivamente capaz de conceituar os estados mentais dos outros. Assim sendo, a interação é fundamental para que a complexidade vá se desenvolvendo e a consciência de si vá se formando (DAMÁSIO, 2013). Igualmente, só é possível falar de si mesmo se, antes, falar dos outros (BARTSCH e WELLMAN, 1995). Assim sendo, os espaços conjuntos de atenção são fundamentais, do mesmo modo que a capacidade de apreender intenções alheias.

Conforme o avanço do desenvolvimento cognitivo no transcurso da ontogênese, o indivíduo adquire, através das diversas interações, capacidades de percepção mais complexas, tais como as de causa, que compõem o aparato cognitivo típico dos seres humanos. Esse aparato que é recuperado através da herança biológica filogenética da espécie é igualmente ferramenta fundamental para a aquisição e para o desenvolvimento funcional da língua. A esse respeito expõe Tomasello (2003:31) que

(...) a compreensão da intencionalidade e da causalidade exige que o indivíduo entenda as forças mediadoras nesses eventos externos que explicam “por que” uma determinada sequência antecedente-consequente ocorre como ocorre – e essas forças mediadoras, por definição, não são observáveis de maneira direta.

Dessa forma, a linguagem, como um sistema combinatório das representações de objetos e ações, consolida-se como o mecanismo para a capacidade de aprendizado das

¹⁷ Compreende-se o conceito de causalidade como a capacidade de separar ações de resultados.

ferramentas culturais e da compreensão dessas forças mediadoras. Oposto à concepção de um todo inato e integrado, a intencionalidade em conjunto com a capacidade de compartilhar experiências emerge, sendo a linguagem adquirida e as suas representações gradualmente combinadas. É apenas através dessa integração que o indivíduo pode ser inserido em um ambiente social cooperativo e, assim, também atuar e cooperar dentro desse meio.

As atividades cooperativas, como descritas por Tomasello (2009), requerem a leitura dos estados intencionais do outro. Tais leituras propiciam a interpretação adequada das intenções em suas variadas expressões linguísticas e no estabelecimento de metas em comum, o que abarca o indivíduo nos distintos grupos sociais através da colaboração e do assentimento das normas sociais vigentes. A infraestrutura psicológica forma-se, assim, pela capacidade de atenção conjunta, através da comunicação interativa e da colaboração em atividades sociais com os coespecíficos e com o mundo. Torna-se, então, mais complexa, propiciando o desenvolvimento de novas habilidades cognitivas, como a manipulação do outro através da linguagem e a percepção da afetividade e desejos do outro e de si mesmo, caracterizados como sendo de cunho mais abstrato e de âmbito psicossocial.

A afetividade, como conjunto dos processos emocionais, é outro importante fator aliado à cognição para a sociabilização dos indivíduos, pois assume um papel motivacional da conduta, o que pode acarretar um atraso ou uma aceleração das reações cognitivas. Em pesquisas que tratam da afetividade, sua denominação é feita de maneira bastante variada e, ao que tudo indica, segundo os postulados de Coulthard (1991), essa profusão de nomes já indicaria um preconceito ou tabu relativo ao fenômeno. De acordo com Duncan e Barrett (2007 *apud* LEME, 2011), pesquisadores utilizam termos variados como afeto, emoção, sentimento para designar o que pode ser definido como qualquer estado que represente o modo como um objeto ou situação impacta uma pessoa. Leme (2011) e diversos estudiosos alegam que o afeto seria uma forma de cognição, pois, como definida por Neisser (1967), a cognição engloba todos os processos em que o *input* sensorial é transformado, reduzido, elaborado, armazenado, recuperado e usado. Nesta dissertação, para abranger essa profusão de rótulos, serão adotadas as terminologias para designar a afetividade em conformidade com os usos decididos pelos autores consultados, preservando, assim, o termo conceitual utilizado em cada contexto original.

Paul Ekman, psicólogo norte-americano pioneiro nos estudos das emoções e da sua relação com as expressões faciais, é um desses pesquisadores. O autor assume como ponto de partida teórico a Psicologia Evolucionista, que tem suas origens na Psicologia Cognitiva e na Biologia Evolutiva. Esta área do conhecimento visa relacionar a biologia com a cultura, através da compreensão da arquitetura da mente humana. Com uma perspectiva teórica heurística, adota modelos e métodos para examinar o comportamento humano e os processos mentais por meio da proposta de Charles Darwin sobre os mecanismos de seleção natural, sendo a mente humana um produto evolutivo atrelado pela cultura de maneira complexa e intrincada (BARKOW, COSMIDES e TOOBY, 1992).

No que concerne ao conceito de emoção, Ekman (2011:31) a define nos seguintes termos:

A emoção é um processo, um tipo específico de avaliação automática, influenciado por nosso passado evolucionista e pessoal, em que sentimos que algo importante para nosso bem-estar está acontecendo e um conjunto de mudanças fisiológicas e comportamentos emocionais influenciam a situação.

Similarmente ao processo de aquisição linguística, em que a criança, exceto em circunstâncias especiais, jamais perderá a capacidade de articular a linguagem, ocorre o mesmo com as emoções. Linguagem e emoção são ferramentas comunicativas, o que permite aproximá-las em contextos de língua falada, de cognição, de evolução filogenética e de desenvolvimento ontogenético. Um dos objetos que favorecem uma análise desses aspectos combinados (emoção e linguagem) é justamente a interjeição, por ser a categoria linguística que mais se relaciona à ordem pragmática do discurso e, conseqüentemente, às manifestações da afetividade. Tal relação será retomada e discutida de forma mais ampla nas seções 3.4 e 3.5 deste trabalho.

1.5 – Consolidando as abordagens

Givón (2005) afirma que a categorização, ou seja, a representação individual dos códigos experienciais reconhecíveis por membros de uma comunidade como recorrentes é um dos saltos mais profundos nos anais da evolução biológica. Esses códigos seriam apreendidos, inicialmente, por mecanismos de inferência sobre a mente dos outros, os quais seriam os precursores da consciência e da autoconsciência como representações mentais.

Como precursores evolucionários, ou o que chama de “pré-adaptações”, esses mecanismos primordiais contribuiriam para o desenvolvimento de modelos mentais, estados reflexivos internos e das emoções mais primitivas – emoções desencadeadas, geralmente, por situações inesperadas e de impacto na busca por sobrevivência – como pré-requisitos para que o sujeito possa ser capaz de fazer leituras sobre outras mentes. Sendo a língua – oral e escrita – o mais complexo e sofisticado meio de comunicação e de representação humana, o desenvolvimento das aptidões previamente elencadas, especialmente o processamento de modelos mentais do outro, seriam pressupostos para o seu desenvolvimento (GIVÓN, 2005). Considerando que a aquisição linguística conforma-se num contínuo processo guiado unidirecionalmente do concreto para o abstrato e, ainda, que a complexidade seja dependente de todo um processo de interação com os coespecíficos (TOMASELLO, 2003), supõe-se que as expressões interjetivas, como uma das diversas produções linguísticas, derivem do processo de categorização.

A relação dinâmica entre o desenvolvimento ontogenético atrelado com a herança filogenética da espécie e a transmissão cultural do conhecimento é o fator que permite ao indivíduo se inserir plenamente em um ambiente social. É somente através da percepção de causalidade e de intencionalidade que o indivíduo é capaz de ler o que o outro pretende e deseja; é também a partir disso que mobiliza usos linguísticos em contextos e situações diversas de acordo com as demandas sociais. Os atos de fala são, então, convencionalizados em um espaço sócio-cognitivo pelas interações através de inferências e do aprendizado direto das normas culturais e pragmáticas (GIVÓN, 2005).

É assim que se desenvolvem os atos de fala nas produções linguísticas e o indivíduo passa a utilizar recursos, tais como a prosódia como um modo de manipular o outro e de compreender aspectos mentais, como a afetividade, por via de uma percepção pragmática e

semântica da linguagem. Dentre tais atos está o que Wittgenstein (1953) e Givón (2005) chamam de “força ilocucionária” – estados intencionais associados com os atos de fala considerados performativos: atos declarativos, interrogativos, imperativos, etc. (AUSTIN, 1962; SEARLE, 1970 *apud* GÍVON, 2005).

As interjeições, incluídas as expressões de assombro e de estranheza, são codificações que, muitas vezes, aparecem como forças ilocucionárias e evidenciam a intenção pragmática do falante em deixar claro o seu intento, apesar de nem sempre codificarem esse efeito na língua portuguesa. Três perguntas interessantes que serão discutidas no decorrer deste estudo são sobre como o interlocutor é capaz de perceber ou apreender que uma frase ou segmento linguístico qualquer codifica expressões de assombro e de estranheza, se é possível identificar a relevância do contexto pragmático para a identificação e distinção das expressões e quais os cenários passíveis de ocorrência dessas expressões. Essas questões serão retomadas e respondidas no capítulo III.

Em relação à afetividade ou emoções, existem algumas evidências que apontam para a existência de dois níveis de processamento de afeto: o nível em que predominariam as reações automáticas e o em que prevaleceriam os aspectos reflexivos. O primeiro seria mais independente da cognição, restrito ao processamento de estímulos mais simples que visariam à sobrevivência, e o segundo envolveria um processamento cognitivo mais complexo e mais atrelado às experiências de mundo e ao contexto sociocultural, em que interagiriam processos de estruturas como a amígdala, córtex sensorial e córtex pré-frontal (LEME, 2011).

Pode-se, com a explanação anterior, fazer uma correlação entre a complexidade linguística, postulada pela teoria da gramaticalização, tal como lida em Lima-Hernandes (2009), em que um *continuum*-guia em mudanças das categorias gramaticais revelaria a abstratização de itens mais concretos, desde a afetividade e seus estímulos de ordem mais simples a processamentos cognitivos mais elaborados. Pensando em termos de linguagem, seja de forma verbalizada, seja de forma pragmática intuída, torna-se possível e coerente hipotetizar que existiriam expressões mais primitivas e que remeteriam a um passado biológico filogenético mais remoto e expressões ulteriores e mais vinculadas à cultura e a um passado evolutivo mais recente da espécie humana.

Pensando em termos de linguagem e de capacidades cognitivas da espécie, algumas expressões interjetivas – verbalizadas ou não – por serem mais simples e remeterem a estímulos valiosos para a sobrevivência, assumiriam um maior controle sobre o indivíduo. Leme (2008:4), tecendo comentários sobre a filogenia, adota uma posição similar no que tange à questão da afetividade. Ela afirma que alguns estímulos são relativamente impenetráveis, não sendo, portanto, controláveis, o que os relacionaria à sua antiguidade filogenética. De acordo com a autora, “(...) quanto mais arcaico, mais impenetrável”, daí a característica mais automática de suas expressões.

Haveria, também, expressões interjetivas de outra ordem que se aproximariam mais de uma característica reflexiva e, portanto, pensando em termos de gradação cognitiva, seriam originadas de processamentos mentais mais recentes e complexos. Tais expressões estariam mais relacionadas ao que Tomasello (2003) chama de processos de aprendizagem sociocultural, associando-se mais à ontogênese do indivíduo e apoiando-se na cultura e na mente mimética mais recente, já que haveria um maior controle do indivíduo em expressá-las ou não, pois não abrangeriam contextos em que a luta instintiva iminente pela sobrevivência prevaleceria em relação às expressões de ordem mais simples.

Ainda citando Leme (2008:4), como argumentação recorre-se ao traço social da mimese, que equivale a “(...) uma habilidade mais complexa porque exige um controle progressivo da ação, no sentido de que é necessário representar simultaneamente o observado e transpô-lo para a conduta”. A relação entre cognição e afeto parece atuar através de um intercâmbio constante, sendo a mimese um recurso de controle que pode interferir nas expectativas e motivações no desencadeamento das expressões afetivas.

O afeto e a cognição são fatores que guiam e motivam a percepção humana da realidade, sendo a linguagem – mecanismo responsável pela interação do eu com o outro – a sua operação mais complexa que se deu através do desenvolvimento filogenético da espécie. Associando os conceitos expostos e, por um viés interdisciplinar entre gramática e as especificidades humanas, torna-se possível hipotetizar que a distinção entre emoções mais primitivas e mais elaboradas pode, de certa forma, ser transposta também para a linguagem, havendo uma diferenciação plausível em dois tipos básicos de expressões interjetivas em contextos de uso. O capítulo seguinte abordará essa questão.

II – As interjeições sob um viés cognitivo-funcional: revisando o tema

Este capítulo tem como premissa apresentar uma visão cognitivo-funcional que englobe a classe das interjeições, expressões linguísticas relegadas à marginalidade pelas teorias da linguagem. Antes que esse objetivo seja cumprido, porém, torna-se necessário apresentar o resultado de um levantamento sobre a conceptualização do que são as interjeições em diversas perspectivas.

O primeiro tópico deste capítulo mostrará uma investigação diacrônica de como a etimologia de *interjeição* foi contextualizada a partir de três dicionários de língua portuguesa em distintos períodos históricos. Como os dicionários normatizam e tornam estáticas as significações dos usos linguísticos, estes servirão de base para se ter um conhecimento sobre mudanças de atribuição de sentido, em uma perspectiva normativa.

As gramáticas tradicionais e descritivas serão o tema do segundo tópico, observando de que modo essa classe de palavras é apresentada por gramáticos da língua. A proposta é certificar como os gramáticos normativos prescrevem o que seria a interjeição nos livros didáticos e se existem ou não diferenças significativas em relação à maneira como os descritivistas a concebem, gramáticos estes que buscam privilegiar mais a língua falada e os diversos contextos de uso sincrônicos.

Esse apanhado não estaria completo sem que fossem feitas incursões nas produções acadêmicas brasileiras anteriores a este estudo. Isso se faz necessário para conhecer o que já foi investigado no que concerne à proposta deste trabalho, para que as diretrizes tenham uma sustentação coerente em alguma lacuna de discussão que possa se consolidar com uma contribuição científica.

Na sequência desses estudos, será realizada uma análise histórica e elucidada uma proposta de conceptualização da classe das interjeições sob um viés cognitivo-funcional no quarto, quinto e sexto tópicos. O enfoque terá como escopo a interdisciplinaridade, numa proposta de diálogo entre a psicologia cognitiva e a psicologia evolutiva como forma de contestação da separação entre língua e gramática em estudos interjetivos. A ideia parte do princípio de que apenas um modelo teórico que envolva a pragmática e o discurso pode dar

conta de explicar o fenômeno linguístico da interjeição sem colocar determinados contextos de uso na marginalidade ou ignorá-los completamente.

2.1 – O conceito de *interjeição* em dicionários ao longo do tempo

Com a finalidade de estabelecer o que é etimologicamente classificado como interjeição, do latim *interiectio*, é fundamental resgatar a sua descrição em diferentes períodos históricos para determinar se houve ou não mudanças significativas de atribuição de sentido ao longo do tempo. Como não é possível identificar diacronicamente de maneira precisa os usos e contextos em que o termo foi utilizado por falantes nas variadas épocas, a opção foi buscar um recorte lexicográfico de alguns períodos espaçados no tempo, a fim de que uma rota histórica de reflexões e definições possa ser traçada por esse recurso.

Visando obter esses dados, foram selecionados três dicionários de língua portuguesa – Bluteau (2002 [1712]), Silveira Bueno (1968) e Houaiss e Villar (2007) – contemplando os séculos XVIII, XX e XXI na pesquisa. Bluteau (2002 [1712]) foi escolhido por ser o primeiro dicionário de caráter científico usado para referência e por estar situado em um período histórico remoto da língua portuguesa, podendo as diferenças e similaridades ser facilmente confrontadas com as atribuições de sentido dos dois últimos, um do século passado e o outro recente, através da análise de possíveis divergências.

A seguir, seguem as definições de *interjeição* extraídas dos dicionários selecionados para essa consulta.

Bluteau (2002 [1712]:167) adaptado¹⁸:

Interjeição (Termo Grammatical) é uma brevíssima parte da oração, que nela serve de demonstrar as paixões do ânimo: umas significam alegria, como *Ha, Ha*; outras são indícios de dor, como *ay*; outras são sinais de maravilha, como *Oh*. Chamam-se Interjeições porque se entremetem na oração.

¹⁸ As definições em Bluteau (2002 [1712]), Silveira Bueno (1968) e Houaiss e Villar (2007) não estão apresentadas *ipsis litteris*, mas sim adaptadas. Tal fato deve-se devido à linguagem arcaica do português em Bluteau e as constantes siglas e abreviações contidas nos outros dois dicionários. A escolha por uma adaptação teve como critério favorecer a compreensão dos conteúdos das obras aqui expostas, o que poderia ser comprometido se fosse dada uma ênfase às formas e às siglas apresentadas pelos sistemas de abreviação dos dicionários.

O autor, como se lê no excerto, considera a interjeição um termo gramatical, e sua semântica liga-se a “paixões do ânimo”. Já, o critério de Silveira Bueno (1968:1960), adaptado, baseia-se exclusivamente na semântica, mas também numa motivação da alma:

Palavra, frase exclamativa, admirativa, que encerra, enfim, um movimento vivo da alma, seja de alegria, de horror, etc.

Anos depois, Houaiss e Villar (2007:1634), adaptado, descrevem-na como uma categoria gramatical. Os autores expandem o verbete para dar conta dos critérios fônico, sintático, semântico e pragmático, inclusive criando uma tipologia por origem:

Palavra invariável ou sintagma que, com entonação peculiar, geralmente sem combinar-se gramaticalmente com elementos de oração, formam, por si sós, frases que exprimem uma emoção, uma sensação, uma ordem, um apelo ou descrevem um ruído (por exemplo: *psiu!*, *oh!*, *coragem!*, *meu Deus!*). Há interjeições de vários tipos ou ‘níveis’ vocabulares, diferentemente tratadas neste dicionário: **1)** aquelas que ocorrem de modo mais ou menos espontâneo, imediato, podendo ser consideradas como “sintomas atitudinais” e que não derivam de outras palavras; estas podem se subdividir em **a)** as que praticamente não apresentam caráter vocabular, já por serem constituídas de sons inarticulados, ou que não fazem parte dos fonemas da língua, já por serem formadas por sequências de fonemas que não ocorrem em outras palavras; tais interjeições são, de certo modo, o limite da língua, pois, embora sejam emissões acústicas realizadas com o aparelho fonador e tenham função expressiva e comunicativa, estão fora do sistema fonológico, assemelhando-se mais, a este respeito, a elementos não linguísticos ou supralinguísticos como os gestos, a entonação etc. (algumas dessas interjeições chegam a ter uso relativamente convencional; além disso, podem ou não receber representação gráfica mais ou menos padronizada): *ó* (vocativo); *oh* (espanto etc.); *x/ch* (som do ch, para pedir silêncio); *hm* ou *hm-hm* ou *ham-ham* ou *hum-hum* (representação do ruído que se faz ao pigarrear para chamar a atenção sobre si, quando não se é notado, ou para sugerir ironicamente que algo que foi dito não é verdadeiro); *hã* (interrogação, surpresa); deve-se notar que as onomatopéias, embora sejam um recurso expressivo associado à linguagem, diferenciam-se deste tipo de interjeição, pois não traduzem um estado emocional; pode-se legitimamente considerar a representação gráfica ou a imitação das interjeições deste tipo como onomatopáicas (pois imitam sons, e não palavras, e podem estar inseridas em um encadeamento frasal: *morreu sem dizer ah / sem fazer um ah sequer*), mas sua realização espontânea na fala, ainda que onomatopáica ou imitativa, é tipicamente interjetiva; dentre as interjeições deste tipo, são registradas, neste dicionário, aquelas que, além de ter uso relativamente convencional, recebem representação gráfica padronizada e são compatíveis com as regularidades da língua (por exemplo, *psiu* [onomatopéia do som /ps/, usada para chamar alguém ou

pedir silêncio]; já, por exemplo, *pf* [expressão de desprezo] ou *ts* ou *tsc* [ruído que se faz com a língua no céu da boca, para exprimir contrariedade ou reprovação] não se registraram) **b)** aquelas que apresentam sons articulados, com fonemas que fazem parte do sistema da língua (*ai, eba, ei, epa, oba, opa, ui, xi* etc.) e cujo caráter vocabular é mais definido, tendo uso bastante generalizado e convencionado, embora algumas guardem espontaneidade e expressividade bastante marcadas, como *ai* e *ui* (gritos de dor, excitação); este tipo de interjeição incorpora-se, de certo modo, ao repertório comunicativo da língua, passando a fazer parte do vocabulário desta; este dicionário as registra normalmente na categoria gramatical *interjeição*. **c)** por convenção lexicográfica, algumas onomatopéias e palavras expressivas são registradas como interjeições, especialmente aquelas cujo emprego não é apenas de caráter imitativo, mas evoca vivamente o modo como uma ação ou processo se dá (*zás, tchã, pimba, vapt-vupt*) ou aquelas em que a expressividade é como que atribuída àquilo que produz o som evocado, como por exemplo as onomatopéias de vozes de animais (*mu; au-au; miau*); tal tipo de “interjeição onomatopaica” é potencialmente substantivável, sem acréscimo de afixos, seja na designação do próprio som imitado (*o currupaco do papagaio, o bé [= balido] da cabra*, que são exemplos análogos ao que ocorre com outras onomatopéias, como em *o blém-blém do sino*), seja na designação daquilo que o produz (*o au-au mordeu a mão do Pedro*) ou, figuradamente, de uma coisa/idéia associada (*fez tudo num zás; faltavam apenas umas flores para dar um tchã à decoração*) **2)** aquelas que se originam de um uso interjetivo (exclamativo, emocional, expressivo) de palavras ou expressões previamente existentes; estas podem ser divididas em **a)** palavras (às vezes desenvolvidas em sintagmas) empregadas sobretudo em exclamações expressivas e que têm um significado mais ou menos definido, mas cuja relação semântica ou morfológica com o étimo ou expressão originária fica consideravelmente obscurecida (*puxa/poxa; puxa vida/ poxa vida; aqui-del-rei; homessa; bolas/oras bolas*; tais unidades léxicas são classificadas neste dicionário como interjeições, e os sintagmas deste tipo são também registrados **b)** palavras cujo uso interjetivo é um desenvolvimento ou derivação do conteúdo semântico e da função sintática da palavra ou expressão de origem (por exemplo *tomara* [verbo tomar]; *oxalá*). [sic]

Analisando a categorização proposta por Houaiss e Villar (2007), nota-se sua fragilidade diante dos usos efetivos que identificamos no português paulistano, por exemplo. Todos os usos listados e classificados pelos autores poderiam integrar uma vasta lista de “mais ou menos” espontâneos; alguns deles apresentam “caráter vocabular” e outros, embora sejam listados como inarticulados do ponto de vista sonoro, não poderiam ser manifestados sem que o aparelho fonador fosse envolvido, tais como *oh, psiu!* e *ch* para pedir silêncio.

Como é possível observar numa leitura mais superficial, Bluteau (2002 [1712]) e Silveira Bueno (1968) exibem a definição de interjeição de maneira bastante reduzida, em

comparação com o apresentado por Houaiss e Villar (2007). Ao analisar mais detidamente o conteúdo dessas definições, nota-se que explicações mais ligadas aos sentimentos e emoções aparecem relacionadas às interjeições: *serve de demonstrar as paixões do ânimo* (BLUTEAU, 2002 [1712]), *encerra, enfim, um movimento vivo da alma* (SILVEIRA BUENO, 1968) e “*sintomas atitudinais*” (HOUAISS e VILLAR, 2007).

Conforme os dois primeiros dicionários, as interjeições situam-se no campo dos estados afetivos humanos, representando emoções de alegria, expressões de horror, dor, etc. Para Bluteau (2002 [1712]) tais expressões se interpõem aos termos da oração e, por conseguinte, são chamadas de interjeições. Os últimos autores, Houaiss e Villar (2007), atribuem diversas significações para o termo, classificando algumas expressões interjetivas mais espontâneas e imediatas como sem caráter vocabular e excluídas da cadeia de fonemas da língua por não derivarem de outras palavras. De acordo com eles, o falante se utilizaria de fonemas que estão fora do sistema fonológico e não compatíveis com as regularidades da língua em algumas expressões interjetivas, e estas se enquadrariam mais no que concerne aos gestos e entonações por serem não linguísticas ou supralinguísticas.

Os detalhes da descrição oferecida por Houaiss e Villar (2007) suplantam muitas vezes o que é possível encontrar em gramáticas. Chegam até mesmo a exemplificar com representações (como o som de *ch* para expressar silêncio e de *hã* como interrogação ou surpresa) que são classificadas como não vocabulares e fora do sistema linguístico, apesar de os falantes reconhecerem claramente o significado destas expressões em contextos de uso. Se estão fora do sistema fonológico da língua, seria coerente supor que fossem codificações inerentemente universais e reconhecidas em qualquer idioma, mas isso parece não ocorrer. Na língua inglesa norte-americana, por exemplo, é comum encontrar-se a grafia de *psht* e *hush* para expressar silêncio e *oh my* e *ho* para surpresa, codificações estas que não seriam reconhecidas e nem utilizadas por um falante de língua portuguesa para essas situações e vice-versa.

As onomatopeias são também classificadas por Houaiss e Villar (2007) como interjeições em realizações espontâneas de fala, mas, quando a função é apenas imitar um som, são consideradas apenas como recurso expressivo associado à linguagem por não traduzirem estados emocionais. Além disso, onomatopeias e expressões que evocam ações ou processos ou cuja expressividade é atribuída ao som produzido como *zás*, *vap-vupt* e

tchã costumam ser registradas como interjeições, de acordo com os autores, por “convenção lexicográfica”. Outra categoria de interjeições descrita no dicionário são aquelas formadas a partir de palavras ou expressões já existentes. Estas apresentariam com frequência uma extensão morfológica maior e um conteúdo semântico mais definido, apesar de alguns casos apresentarem uma distância obscurecida com a sua origem.

Essa descrição de Houaiss e Villar (2007) parece não reconhecer a interação existente entre forma e conteúdo no discurso, atestado pelo princípio da iconicidade, discutido por Lima-Hernandes (2006) e Furtado da Cunha *et alii* (2003), dentre outros. Apesar de solicitações de silêncio através do som de *ch* serem mais imediatas e utilizadas em situações menos abrangentes do que uma construção como *tomara*, ambas possuem conteúdo semântico definido. Outro fato que surpreende é que os critérios adotados para cada tipo de interjeição não parecem uniformes, o que leva a crer que são de natureza realmente diferente, pedindo uma análise mais detida.

Um interlocutor fluente em língua portuguesa é capaz de compreender de maneira imediata tanto um gesto pragmático de colocar o dedo indicador verticalmente na boca quanto o som de *ch* para solicitar silêncio. No caso de *tomara* há diversas situações em que o emprego é possível, por exemplo, como uma expressão de desejo (*tomara, tomara que*), na conjugação do pretérito mais-que-perfeito do verbo *tomar*, em contextos de ironia, etc. Os usos de *tomara* parecem exigir um maior processamento cognitivo do ouvinte para o reconhecimento semântico do contexto devido à sua multiplicidade de atribuições em comparação com expressões interjetivas imediatas. Estas últimas requerem uma ação instantânea do ouvinte (manter o silêncio, por exemplo), enquanto as de conteúdo morfológico e semântico mais extenso demandam a compreensão de uma codificação mais ampla e, por consequência, são mais lentas em termos de processamento mental para a interpretação.

Em resumo, parece existir um consenso em Bluteau (2002 [1712]), Silveira Bueno (1968) e Houaiss e Villar (2007) que as interjeições estão intimamente relacionadas com as expressões afetivas humanas. Houaiss e Villar (2007) consideram a existência de duas categorias de interjeições: expressões mais espontâneas e imediatas que estariam à margem da língua por seu caráter vocabular indefinido e aquelas que tenderiam a possuir maior extensão morfológica e conteúdo semântico mais delimitado. As onomatopeias também

estariam inclusas na classe interjetiva, todavia os autores parecem discordar de algumas atribuições ao descrevê-las apenas como convenções, sendo somente as onomatopeias em realizações espontâneas de fala consideradas plenamente como expressões interjetivas.

2.2 – A interjeição em gramáticas descritivas e de perfil tradicional

Após a pesquisa do significado de *interjeição* em dicionários, é importante observar o modo como essa classe de palavras é apresentada por gramáticos de língua portuguesa. Reconhecendo que os dicionários têm por função expor descrições normativas de léxicos, não há uma ênfase ou abordagem mais aprofundada de aspectos gramaticais e estruturais da língua. Embora as obras de gramática sejam constituídas por cristalizações de aspectos que não necessariamente descrevem de maneira fidedigna a dinâmica da linguagem e, portanto, estejam próximas às características lexicográficas, são importantes devido aos seus apontamentos mais específicos que os dicionários são incapazes de suprir – até porque não é essa sua função.

As gramáticas, tanto de perfil mais tradicional quanto as normativas, são, assim, fontes úteis para compreender como se costuma comumente definir o conceito de *interjeição*. Essa definição acarreta, no campo didático-pedagógico, um reflexo que produz o espelhamento da conduta na elaboração de livros didáticos. Considerando que os gramáticos de cunho mais normativo assumem uma posição prescritivista, ao passo que os descritivistas buscam privilegiar a língua em situações reais de uso e os contextos sincrônicos, o objetivo deste tópico é verificar se existem diferenças significativas na abordagem da classe das interjeições.

Para esse fim, foram pesquisadas as obras de Almeida (1978), Cunha e Cintra (1985) e Azeredo (2004), no caso das gramáticas mais tradicionais e as obras de Neves (2000), Bechara (2009), Castilho (2010) e Bagno (2011), como representantes de uma perspectiva mais descritiva. A opção por um recorte mais amplo diacronicamente nas gramáticas de perfil mais tradicional deve-se ao fato de que os estudos em Linguística e o reconhecimento das mudanças na língua através da fala foram sendo aceitos de modo gradual por esta abordagem. Como Castilho (2010) comenta, a oposição “linguista *versus* gramático” era bastante cultivada nas décadas de 1960 e 1970, período em que a

Linguística moderna foi implantada no Brasil. Com o passar do tempo, essa dicotomia foi superada pela pesquisa científica, e os gramáticos aprimoraram a sua formação em Linguística. Em relação aos descritivistas, o recorte mais sincrônico deve-se à tentativa de observar como autores que têm como foco a oralidade descrevem o que é *interjeição*, considerando os contextos de uso contemporâneos. Iniciando pelas gramáticas tradicionais, destacam-se, a seguir, as definições de interjeição.

Almeida (1978:81-365):

Constitui esta [interjeição] a última das classes das nossas palavras; nelas estão incluídas todas as manifestações súbitas, repentinas, momentâneas do nosso íntimo. (p.81)

Interjeição é a palavra ou a simples voz, ou, muitas vezes, um grito, que exprime de modo enérgico e conciso não já uma ideia, mas um pensamento, um afeto súbito da alma; a interjeição vem a ser a expressão sintética do pensamento, podendo desdobrar-se numa oração (...). (p.365)

Muito pouca importância tem esta classe de palavras [interjeição]; além da divisão e de algumas notinhas, nada mais há que sobre ela dizer. (...) as interjeições dividem-se de acordo com o sentimento que exprimem. (p.365)

Cunha e Cintra (1985:77):

Interjeição é uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções. A mesma reação emotiva pode ser expressa por mais de uma interjeição. Inversamente, uma só interjeição pode corresponder a sentimentos variados e, até, opostos. O valor de cada forma interjectiva depende fundamentalmente do contexto e da entonação. Classificam-se as INTERJEIÇÕES segundo o sentimento que denotam.

Azeredo (2004:149):

Chamam-se interjeições as palavras que se empregam exclusivamente como frases de situação. Elas pertencem, por sua função comunicativa à classe dos substitutos oracionais, designação que abrange ainda os advérbios *sim* e *não*, que se utilizam, por exemplo, como resposta a uma pergunta. As interjeições, porém, têm a particularidade de só serem utilizadas nas chamadas funções emotiva e conativa da linguagem.

De acordo com a intenção de quem as enuncia, as interjeições podem ser:

- *sintomáticas*, quando traduzem estados emocionais como admiração, surpresa, desalento etc. São formas condensadas de frases exclamativas.
- *apelativas*, quando servem para alertar ou chamar o interlocutor. São formas condensadas de comandos verbais.
- *onomatopaicas*, quando reproduzem sons não-linguísticos. São formas condensadas de declarações.

Em relação às definições referentes à classe de interjeições, Almeida (1978:365) minimiza a sua importância de estudo: “Muito pouca importância tem esta classe de palavras [interjeição]”. Essa avaliação decorre da valorização que se dava à língua escrita, e tudo o que fosse ligado à língua falada era considerado menos relevante. Outro fator que tornava menos importante o estudo das interjeições era a informalidade das situações em que ocorrem. A linguagem familiar, informal e distensa, não acarretaria prestígio linguístico, daí ficarem apartadas das gramáticas normativas. Referente à concepção das interjeições, o autor desconsidera que existam expressões intencionais e planejadas, sendo as expressões linguísticas dessa classe de palavras compreendidas como expressões sintéticas do pensamento. Todas, segundo ele, seriam súbitas e irrefreáveis, o que significa uma associação com o não planejamento do discurso.

Cunha e Cintra (1985), por sua vez, salientam que as interjeições estão relacionadas com as nossas emoções. Além disso, afirmam que o valor da forma interjetiva depende fundamentalmente do contexto e da entonação, apesar de apresentar diversos exemplos e classificá-los como interjeições típicas de determinadas expressões e emoções, seguindo uma normatividade similar, nesse quesito, às outras duas obras de perfil tradicional pesquisadas. As definições e exemplos de interjeições são bastante escassos e simplificados, como é comum se observar nas gramáticas de língua portuguesa. Em Cunha e Cintra (1985:77), ainda, é possível verificar que os autores excluem os fenômenos interjetivos das classes de palavras e emitem a seguinte afirmação: “(...) a interjeição, vocábulo-frase, fica excluída de qualquer das classificações”. Tal afirmação leva a refletir se não haveria nessa decisão uma exclusão arbitrária, posto que, independentemente do objeto, os processos de lexicalização ou gramaticalização não estariam implicados em alguma fase de evolução.

No caso de Azeredo (2004), não há uma ênfase na associação das interjeições com as emoções. O autor classifica-as como “frases de situação”, ou seja, dependentes do

contexto em que se inserem. Ademais, Azeredo (2004:38) define frase como a menor enunciação capaz de expressar um ato comunicativo, podendo se apresentar como uma interjeição ou um período. As emoções estariam relacionadas com as expressões sintomáticas, mas excluídas nas enunciações que categoriza como apelativas e onomatopaicas. A abordagem do autor revela uma perspectiva estruturalista, sendo sua classificação das interjeições, aparentemente, centrada nas funções da linguagem de Jakobson (1974).

As expressões sintomáticas e apelativas em Azeredo (2004), por exemplo, estão em paralelo com as funções de linguagem expressiva (ou emotiva) e conativa (ou apelativa) de Jakobson (1974), respectivamente. De acordo com este último autor mencionado, a função expressiva (ou emotiva) tem como foco o emissor e o conteúdo gira em torno de suas emoções e/ou sentimentos, predominando a subjetividade, verbos da 1ª pessoa do singular e o uso de exclamações e interjeições. Já a função conativa (ou apelativa) focaliza o receptor na tentativa de influenciá-lo, por exemplo, através de um apelo, um conselho ou uma ordem. A intenção é de convencer ou alertar, tendo como características marcantes a presença de vocativo e imperativo e o uso da 2ª pessoa do discurso.

Na pesquisa sobre interjeições em gramáticas descritivas, dentre as quatro obras investigadas, apenas foi possível encontrar dados de referência em Bechara (2009) e Bagno (2011). Neves (2000), em sua gramática de usos da língua portuguesa, não interpela a respeito desse tema, assim como Castilho (2010). Estes dois últimos são autores que representam a abordagem funcionalista. Ambos parecem desconsiderar as legítimas funções pragmáticas, talvez porque julguem serem transparentes demais, não requerendo uma discussão a respeito.

Ilustram-se, a seguir, as definições de *interjeição* observadas nas gramáticas descritivas.

Bechara (2009:331-332):

Interjeição – É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas. Acompanham-se de um contorno melódico exclamativo. Podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades

próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda por unidades verbais, como é o caso do imperativo.

As interjeições são proferidas em tom de voz especial, ascendente ou descendente, conforme as diversas circunstâncias de nossos estados emotivos.

Segundo o autor, são itens autônomos que traduzem emoções, mas podem ser combinados a outras unidades e tornarem-se mais complexos. Estranha-se a asserção de sua expressão equivaler a uma oração, posto que orações, em sua maioria, não são autônomas.

Em consulta à gramática de Bechara (2009), nota-se que as emoções são também descritas como fonte de expressões interjetivas, o que demonstra uma assunção da influência da afetividade. O autor, ainda, se refere à maleabilidade das interjeições, por considerar que estabelecem relações entre unidades linguísticas mínimas e complexas. O significado a elas atribuído estaria intimamente relacionado com a prosódia, que determinaria os seus significados em diferentes contextos.

Bechara (2009) afirma que a interjeição é um processo ligado à codificação de emoções. A existência autônoma que o autor atribui às expressões interjetivas parece apontar para a relevância dos contextos de uso e para os diferentes efeitos sobre o falante. O autor categoriza as interjeições em três tipos: unidades interrogativo-exclamativas, de chamamento (vocativas) e verbais (imperativas). Algumas formas de expressão são também classificadas como complexas, partindo do princípio das relações estabelecidas com outras unidades. No entanto, Bechara (2009) não discute sobre essa relação mais a fundo ou se haveria uma gradação dessa complexidade por um critério de categorização entre construções mais ou menos complexas. O autor apenas conceitua o que chama de “locução interjetiva”, que seria um grupo de palavras com valor de interjeição, apresentando, como exemplo, as expressões *Ai de mim*, *Ora bolas* e *Com todos os diabos*. O valor pragmático dos sons é também reconhecido em sua obra, a partir da afirmação que a prosódia é revestida pelos estados emotivos do falante. Tal asserção corrobora os estudos de Pinker (2007), que demonstram que o pensamento é transposto em palavras através de situações distintas e, até mesmo, opostas, sendo o sentido inerentemente relacionado com a representação da realidade na mente do falante.

Em Bagno (2011), lê-se:

(...) uma interjeição constitui, de fato, um fenômeno de *entoação*, *prosódico*, e não uma categoria lexical plena como as demais – afinal, toda e qualquer palavra, de qualquer classe – “*Fogo!*”, “*Chega!*”, “*Demais!*”, “*Gostosa!*” –, ou mesmo uma sentença inteira pode constituir uma interjeição: “*Valei-me, minha Nossa Senhora da Abadia!*”. (p.425-426)

(...) a noção de classe de palavra está vinculada à *morfossintaxe*, ou seja, ao papel sintático que a palavra exerce na sentença. As palavras-frases, que muitas vezes se expressam como interjeições do ponto de vista prosódico, se situam fora da *sintaxe* e, a rigor, toda e qualquer palavra pode se transformar numa interjeição: *Lindo! Mesmo?! Não!? Ela?! Eu?! Quem!? Agora!? Vamos! Chega! Socorro! Ajuda! Rua!* (p.491)

Dentre as gramáticas pesquisadas, tanto de perfil mais tradicional quanto as de proposta descritiva, Bagno (2011), autor que tem como meta em sua gramática escolar atribuir reconhecimento às diversas variedades linguísticas do Brasil, demonstra ser o único que parece não dar relevância às emoções e ao afeto nas interjeições. Ao tentar ao máximo se desvincular do normativismo presente nas gramáticas tradicionais, Bagno (2011) assume postura paradoxal, pois formula normas, privilegiando a forma em detrimento da situação de uso no que tange à conceptualização de expressões interjetivas. O autor parece ignorar que toda forma lexical tem suas raízes evolutivas na prosódia, como força de atração para dentro de outros núcleos (advérbios, por exemplo, irrompem fronteiras oracionais para assumirem função de ligação no período sintático). Bagno (2011) também parece desconsiderar ou recusar o que funcionalistas e formalistas vêm organizando em termos de processos e paradigmas de gramaticalização: *léxico* > *gramática*; *pré-sintaxe* (*pragmática*) > *sintaxe* > *morfologia*, dentre outros processos referendados amplamente em Heine e Kuteva (2007).

Ao referir-se às interjeições, Bagno (2011:425-426) considera que estas não deveriam ser incluídas como uma classe de palavras, assim como fazem Cunha e Cintra (1985), por não serem categorias lexicais plenas. A atribuição de muitos gramáticos às interjeições como uma classe de palavras é chamada pelo autor de “bizarrice latina”, pelo simples fato de Quintiliano a ter incluído por considerar seu aspecto apelativo que a diferenciaria das outras classes. Deste modo, as gramáticas, desde a Idade Média, teriam cometido um “erro”, graças aos teóricos latinos, em considerar interjeições como palavras gramaticais.

Bagno (2011), em sua afirmação, ignora que nenhuma categoria lexical é desde a origem e *ad aeternum* plena, pois tanto a forma quanto o significado não são fixos na língua e estão sempre em constante modificação, podendo mesmo chegar a evoluir para marcadores conversacionais (funções no discurso) ou preposições (funções na gramática). Em sua gramática, afirma que uma construção linguística não é plena devido ao seu contexto estar intrinsecamente relacionado com a prosódia, mas, ao expressar isto, sinaliza o entendimento de que existem formas linguísticas independentes da influência prosódica. No entanto, as construções linguísticas se modificam ao longo do tempo através do uso, tanto oral quanto escrito, e as produções são dependentes da situação e da atribuição de sentido, tanto por quem profere quanto por quem interpreta os enunciados.

Construções descritas como verbos podem atuar como substantivos (*Vou te dizer sobre o que aconteceu ontem / Os dizeres sobre aquilo me incomoda*^m), formas semelhantes podem atuar em classes gramaticais distintas e apresentar diferentes significados (*Eu fui para Moscou / Para com isso! / Fui sempre desse jeito*) e nem por isso serem da mesma fonte. Adjetivos podem exercer função de substantivo (*Ela é muito bonita / A bonita chegou agora*), etc. Se mesmo na linguagem escrita a função exercida por uma construção é totalmente dependente do contexto, não parece fazer sentido um linguista que busca privilegiar a língua falada excluir as interjeições das classes de palavras e atribuir tal classificação a um “ erro de bizarrice latina”.

Observa-se o seguinte quadro resumitivo, antes de se dar prosseguimento às discussões:

Interjeição	Almeida (1978)	Cunha e Cintra (1985)	Azeredo (2004)	Bechara (2009)	Bagno (2011)
Definição	Última das classes de palavras; exprimem um pensamento ou afeto súbito da alma.	Espécie de grito com que traduzimos de modo vivo as emoções.	Palavras que se empregam exclusivamente como frases de situação.	É a expressão que traduz os estados emotivos; são autônomas e funcionam como orações.	Fenômeno de entonação prosódico e não uma categoria lexical plena como as demais.
Função	Expressar o pensamento de modo sintético.	O valor de cada forma depende do contexto e da entonação.	Emotiva e conativa; podem ser sintomáticas, apelativas ou onomatopaicas.	Unidades interrogativo-exclamativas, de chamamento e verbais.	Emprego da prosódia através de toda e qualquer palavra.

Quadro 1: Resumo do conceito de interjeição em gramáticas descritivas e de perfil tradicional.

A partir do quadro resumitivo e da exposição anterior, acrescenta-se que existem divergências de conceptualização da classe de interjeições nas gramáticas de perfil mais tradicional. Enquanto Almeida (1978) associa tais expressões a pensamentos e afetos súbitos e minimiza a sua importância, Cunha e Cintra (1985) parecem associá-las mais à oralidade e aos contextos de uso. Já Azeredo (2004), sob a perspectiva estruturalista, reconhece a presença marcante das emoções nas expressões que classifica como sintomáticas, mas parece excluir completamente a influência afetiva de outros contextos, tais como os considerados como apelativos. Ademais, as emoções assumem um papel essencial em expressões interjetivas para Cunha e Cintra (1985), enquanto parece não ter a mesma relevância para os outros dois autores.

Bagno (2011:504), ao excluir completamente as interjeições como classe de palavras, afirma: “(...) as classes gramaticais não ‘existem’ como objetos do mundo empírico concreto: elas são *decisões* tomadas pelo teórico com base em suas pesquisas e em suas opções filosóficas”. Ao invés de buscar explicar o fato de as interjeições serem atribuídas como uma classe de palavras por gramáticos, o autor desconsidera que muitas concepções presentes nas gramáticas de perfil tradicional correspondem a preceitos e observações preexistentes, e confere aos gramáticos uma capacidade volitiva e não de conceitos teóricos preestabelecidos. A partir dessa noção, um gramático poderia classificar

um artigo ou preposição como verbo ou adjetivo, por exemplo, sem levar em consideração os contextos orais e escritos de uso da língua. Ao propor um aparente relativismo, o próprio Bagno age de maneira preconceituosa ao chamar de “bizarrice” a concepção latina e como normativista ao listar regras estritas de classificações gramaticais em sua obra. A obra poderia ter trazido grandes contribuições aos estudos linguísticos se tivesse tratado da categoria que mais se aproxima dos sentimentos e das emoções humanas, independentemente da ‘classe’.

Referente às duas obras descritivistas não ilustradas no quadro devido à ausência de abordagem das interjeições, Castilho (2010:33), primeiramente, assevera, na apresentação de sua gramática, que pretende “acrescentar um elo a mais na longa tradição das gramáticas de referência (...)”, mesmo afastando-se de seu modelo prototípico. O autor, apesar de dar ênfase aos usos funcionais da língua, reconhece que, naquele momento, é impossível descrever todos os movimentos mentais que atuam na atividade linguística. Tal fato parece justificar o não tratamento da classe das interjeições na sua gramática, sendo esta discussão deixada para ser investigada futuramente por outros estudiosos.

Em Neves (2000), era esperado que não fosse abarcado o tema das interjeições, pois a autora trabalha com *corpus* centrado em língua escrita, composto por textos de literatura romanesca, técnica, oratória, jornalística e dramática. O material é proveniente do Centro de Estudos Lexicográficos da UNESP – campus de Araraquara e que também serviu para a organização do *Dicionário de usos do português*, elaborado sob a coordenação de Francisco da Silva Borba. Ademais, em Neves (2000:13), a autora afirma que a sua gramática de usos “parte das tradicionais classes de palavras”, que atuariam na predicação, na referenciação, na quantificação, na indefinição e na junção. A classe das interjeições, deste modo, sendo de ordem mais discursivo-pragmática, não se encaixa no contexto priorizado em sua obra.

Em suma, a partir das gramáticas pesquisadas, foi possível concluir que existem diferenças visíveis entre gramáticas de perfil mais tradicional e as descritivas no que concerne ao tratamento das interjeições. As descritivas de caráter funcional ignoram a classe das interjeições, enquanto as normativistas não reconhecem plenamente a importância do contexto nos usos linguísticos para a atribuição de sentido. Além disso, estas últimas priorizam a língua escrita e os contextos formais e, ainda, os mais recentes

filólogos que abraçaram a tarefa de gramáticos, tais como Azeredo (2004), deixam transpirar sua formação estruturalista. Exceção a todos esses casos é o linguista Bagno (2011), que gasta grande energia para criticar o que foi feito previamente, mas não apresenta solução para o caso e nem olha para as palavras com a isenção necessária, como deve um linguista fazer. Ademais, ambas as perspectivas atribuem às emoções o papel de desencadeadora de expressões interjetivas, exceto Bagno (2011).

2.3 – As interjeições nas produções acadêmicas brasileiras

Os estudos acadêmicos no Brasil também deixam um grande vácuo temático no que se refere às análises sobre as interjeições. Proceder a um levantamento mais profundo do que se tem realizado no campo de estudos de investigação é um passo importante para todo estudioso, pois em tal ato encontram-se o amparo e o esteio para erigirem suas reflexões. É o que se busca nesta seção retratando algumas das pesquisas anteriores sobre o tema.

Meireles (2007) dedicou-se ao estudo das interjeições e das onomatopeias por considerar que recebem pouca atenção dentro dos estudos linguísticos, e gramáticas e dicionários frequentemente restringem-se a apresentar uma definição estereotipada e alguns exemplos. Considera propício constituir uma amostra com as histórias em quadrinhos, especificamente em mangás (histórias em quadrinhos japonesas) traduzidos para alemão e português. Evidenciou que, embora houvesse padrões fonéticos básicos comuns, as interjeições e onomatopeias da amostra diferiram nas línguas estudadas por serem percebidas de modo diverso por membros das comunidades linguísticas.

Spaziani (2008), por sua vez, partindo de um arcabouço teórico funcionalista, analisou as alterações gramaticais e semânticas de um item lexical que sofreu gramaticalização no português do Brasil. O seu objetivo mais geral foi avaliar a diferença existente entre os modelos de análises propostos por Lehmann (1982), Hopper (1991), Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) e Castilho (2006), quando aplicados a dados das modalidades falada e escrita. O item escolhido para proceder ao estudo foi o item-fonte adverbial *FORA*, evidenciando que à unidireção subjazia uma rota de abstratização funcional que culminava com a recategorização em item gramatical. A autora, em sua dissertação, apresenta diversos usos do item *fora* em sua rota de gramaticalização, tais

como a acepção adverbial, preposição e interjeição. Dentre os exemplos de uso como interjeição, menciona o uso deôntico que denota comando para sair e como indicação do fato de “tocar o solo/chão” em contexto de alguns jogos, como o voleibol, revelando um parâmetro não aceito diante de regras pré-existentes.

Já Fortes (2008) tomou como ponto de partida os *marcadores discursivos* (MDs), que se constituem de mecanismos verbais (vocábulos, pequenas cláusulas, expressões cristalizadas etc.) que atuam no nível pragmático, inscrevendo a enunciação no discurso, e textual, organizando coesivamente partes do texto. O objetivo central de sua pesquisa foi verificar nos textos de Donato (séc. IV d.C.) – nas seções *De coniunctione*, e *De interectione*, contidos na sua *Ars maior* – e Prisciano (séc. VI d.C) – nos livros XIV, parte do XV e XVI, de suas *Institutiones grammaticae* –, a maneira como são neles tratadas as propriedades hoje consideradas “textuais” e “pragmáticas”, que permitem uma aproximação entre as antigas preposições, conjunções e interjeições latinas e o atual conceito de MDs. Segundo o autor, Donato define as “interjeições” latinas como a parte da oração que está interposta (*interiecta*) às outras, a fim de exprimir “estados de alma” (*animi affectus*), tal como Prisciano, que as define como sons interpostos por exclamação, com o pulso anímico das paixões de quem quer que seja. As interjeições, tomadas como representativas dos “estados de alma”, seriam dependentes do contexto para esses autores. O autor conclui que as interjeições latinas representavam palavras de fronteiras gramaticais pouco definidas, servindo a diferentes funções: interjeições, preposições e advérbios.

Amorim (2009), um ano depois, analisa o comportamento do item *mesmo* no português brasileiro segundo diferentes sincronias. Trata-se de uma abordagem pancrônica que adota como fonte empírica de dados as entrevistas sociolinguísticas integrantes do *Corpus Variação Linguística da Paraíba* e As Cartas Oficiais dos Séculos XVIII e XIX, da Paraíba, constituintes do *Corpus Linguístico Diacrônico da Paraíba*. O objetivo do trabalho é compreender e explicar os diferentes usos do item *mesmo*, inclusive como interjeição, numa abordagem funcionalista. Estudou a multifuncionalidade do item, observada no discurso, demonstrando que sucessivas mudanças, via Gramaticalização, motivaram diferenças sintática, semântica e pragmática. No português atual, os dados revelam um quadro funcional de uso do item estendido (gramaticalizado), apresentando-se preferencialmente, como discursivo. No português colonial, esse quadro de uso mostra-se

reduzido, apresentando-se o item como, essencialmente, anafórico. A pesquisa revelou a influência decisiva de fatores socioculturais, cognitivos e pragmáticos nos diversos processos de gramaticalização, ocorridos com o item no decorrer dos últimos duzentos anos. Investigou, ainda, livros didáticos de português, observando o tratamento conferido ao item em pauta. Em sua investigação do item *mesmo*, a autora aponta que não há um consenso, sendo ora visto como advérbio, ora como interjeição.

Fortes (2010), tomando a descrição de atos expressivos proposta em Hengeveld e Mackenzie (2008) como atos que expressam um sentimento do falante sem necessariamente transmitir algum conteúdo informacional ao destinatário, caracteriza tais atos nas variedades do português falado no Brasil, em Portugal, nos países africanos de língua portuguesa oficial e no Timor Leste. Segundo os princípios da Gramática Discursivo-Funcional, a ilocução de um ato expressivo teria como núcleo interjeições e locuções interjetivas. Dessa forma, descreveu o comportamento e o funcionamento dos atos expressivos do português falado, centrando-se em seus significados (sentimentos) e suas posições. Conclui que as interjeições expressam, prioritariamente, uma emoção ou um sentimento e são itens invariáveis que não apresentam uma estrutura morfossintática.

Complementarmente, Aguiar (2012), num modelo teórico da Análise do Discurso, torna como objeto a obra *Alice no País das Maravilhas* para avaliar a função emotiva das interjeições. No decorrer da obra, os personagens perpassam em suas falas sentimentos que suscitam e ridicularizam o outro. A função emotiva das interjeições, segundo a autora, distribui-se ao longo do discurso dos sujeitos como uma ponte que constrói a palavra seca, estancada, até uma repleta fonte de sentidos. Ela traz, de forma subjetiva, mais emoção, ação, contextualiza de forma consistente o enredo, dinamiza o texto para mostrar ao leitor um prisma de sentidos e características incumbidas a cada personagem da obra.

Na pesquisa de Batista (2013), voltado ao estudo do item *uai*, busca-se investigar dois temas em relação a esse item: a) apresentar um estudo sobre seu estatuto gramatical e discursivo; b) discutir algumas hipóteses sobre sua origem. Para tanto, é feita, inicialmente, uma discussão sobre interjeições e marcadores discursivos. Em seguida, é desenvolvida uma análise sobre a variação de ‘uai’ com as formas ‘ué/uê’. Sobre a origem, investiga-se a hipótese de ‘uai’ ter surgido a partir de uma evolução diacrônica do vocábulo ‘olhai’. Além disso, é feita uma discussão sobre outras hipóteses, independentemente de terem sido

atestadas em estudos acadêmicos ou não, sobre a possibilidade de ‘uai’ ter ocorrido via empréstimo linguístico. O autor argumenta que as interjeições funcionam como marcadores discursivos e que ainda é muito obscuro considerá-la como classe de palavras, pois a complexidade formal do fenômeno bem como o critério utilizado pela gramática tradicional – funcional – é bem diferente em relação às demais classes que possuem respaldos formais.

Considerando que os estudos acadêmicos brasileiros de interjeições costumam ser escassos e o tema, muitas vezes, é posto à margem por linguistas, pesquisas que visam a proporcionar reflexão a respeito do tema são sempre positivas, pois trazem referências para a ampliação do debate em diferentes perspectivas teóricas. Autores como Spaziani (2008) e Amorim (2009) tratam de construções linguísticas específicas que se aplicam a contextos de uso de expressões interjetivas, enquanto Meireles (2007), Fortes (2010) e Aguiar (2012) focam-se mais na definição e na função discursiva dessas expressões. Já Fortes (2008) e Batista (2013) apresentam expressões interjetivas e discutem o seu estatuto de classe gramatical, por meio das representações em gramáticas tradicionais.

No entanto, nenhum dos autores aponta uma proposta que dê conta de definir e classificar expressões interjetivas de modo que escape da conceptualização normativista das gramáticas tradicionais e abarque os usos linguísticos em contextos de uso, apesar de não terem essa pretensão como foco. A análise de expressões interjetivas de assombro e de estranheza, sob o viés cognitivo-funcional, nos capítulos subsequentes desse trabalho, trará essa proposição. Espera-se acrescentar, em conjunto com os autores antecedentes, novos apontamentos a fim de enriquecer o debate sobre o tema das interjeições.

2.4 – O percurso diacrônico das interjeições

Recapitulando os estudos linguísticos a partir da Antiguidade e confrontando-os com a perspectiva moderna, conforme Caixeta (2015) afirma, valorizava-se a noção de categoria enquanto, nos dias atuais, tem-se uma nova visão ascendente de valorização da língua em uso. Em análises de linguagem, especialmente gramaticais, os fenômenos que não podem ser explicados com base nos aparatos teóricos existentes sempre foram postos à margem, sendo este o caso das interjeições.

As interjeições como classe gramatical ou frases de situação é um tema recorrente entre gramáticos. Como exposto anteriormente, não há um consenso nessa linha de abordagem da língua sobre a definição do que seria a *interjeição*, mas há o consenso de ignorá-la enquanto parte da morfologia, pelo menos entre os manuais dos séculos XX e XXI. Enquanto alguns a incluem como classe gramatical (em grande maioria, as gramáticas anteriores a 1990), outros a excluem completamente dessa possibilidade de classificação, sendo essas expressões comumente associadas com as emoções. As expressões interjetivas, de acordo com os variados gramáticos, poderiam ser formadas por um único item linguístico ou mesmo por orações extensas.

Como observa Martins (2012), muitos gramáticos definem a interjeição como classe gramatical devido à sua adoção pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Todavia, demonstram insegurança quanto a essa conceptualização e acrescentam notas de rodapé ou observações opondo-se a tal classificação.

A confusão que gira em torno de classificações referentes à categorização de construções linguísticas não é fato recente. Câmara Jr. (2002:72)¹⁹ comenta a respeito desse fenômeno que ocorre desde a época dos gregos e latinos. A norma vigente interfere nas classificações das gramáticas normativas, o que acarreta na exclusão de determinados fenômenos linguísticos, sendo postos na marginalidade ou tratados como “exceções”. Como afirma Caixeta (2014:24):

Ao longo dos estudos linguísticos, todos os empreendimentos quanto a uma análise mais acurada acerca do FI [Fenômeno *Interjeição*] restringem-se ao *continuum* das *partes orationis*. Com exceção das gramáticas filosóficas do século IX, em que o FI ocupa posição inicial, nas demais gramáticas se encontra na posição final, que é um lugar historicamente periférico. De modo geral, os estudos gramaticais apenas propõem uma classificação para o FI: interjeições simples e compostas, puras e imitativas, seguida de uma lista de exemplos descontextualizados.

¹⁹ “A tradicional classificação dos gramáticos greco-latinos está pautada em critérios heterogêneos, e confusos, e sem hierarquia entre si. Daí a divisão entre substantivo e verbo ser de ordem semântica e mórfica (tipos de flexões diferentes), mas entre o substantivo e o adjetivo ser funcional (o primeiro como determinado e o segundo como determinante, dentro de um sintagma (v.), e daí ainda o advérbio semanticamente ser de natureza nominal (ex: *belamente*, *cedo*, *barato*) ou de natureza pronominal (ex: *aqui*, que é também pronome demonstrativo, como *isto* e *este*: *onde*, que é também pronome relativo), e assim por diante.”

Destarte, como o autor ressalta, as interjeições sempre ocuparam historicamente uma posição periférica nas gramáticas, salvo raras exceções. Apesar dos estudos gramaticais proporem, muitas vezes, classificações para o fenômeno da interjeição, eles se focam na forma e ignoram os contextos ao listar exemplos considerados “prototípicos” para determinadas situações de uso. Entretanto, muitas dessas expressões aplicam-se também em situações opostas, que são desconsideradas nessas obras.

Analisando o conceito de *interjeição* apresentado nos dicionários, as definições do fenômeno em gramáticas e a afirmação dos pesquisadores supracitados, o único postulado que aparentemente predomina é que suas expressões estão intrinsecamente relacionadas com os sentimentos e os estados emotivos humanos. As categorizações variam desde a exclusão completa desse item das classes gramaticais até a sua inclusão, mesmo com ressalvas. Ademais, as composições de tais expressões seriam formadas por um único item ou mesmo por uma oração completa, o que torna complexa sua inserção num modelo que considera locuções de maneira superficial.

Caixeta (2014), em consonância com Gonçalves (2002), aponta a problemática no que tange ao fenômeno da interjeição em um percurso histórico. Desde a época de Aristóteles até a Linguística Moderna, persistem as oscilações em estudos interjetivos. As (in)decisões sobre o possível “lugar” reservado para o fenômeno interjetivo em estudos gramaticais e linguísticos seria, segundo o autor, devido à persistência de uma “obrigatoriedade” adversa: a força da tradição *versus* os avanços dos estudos linguísticos.

Ainda segundo Caixeta (2014), remontando aos gregos, Aristóteles estabelece uma classificação gramatical em dois blocos: os categoremáticos e os sincategoremáticos²⁰. Porém, Dionísio da Trácia fixa em oito divisões o sistema das *partes orationis*: o nome, o verbo, o particípio, o artigo, o pronome, a preposição, o advérbio e a conjunção, sendo a interjeição inserida na classe dos advérbios. Posteriormente, Apolônio Díscolo contribui para a sistematização da gramática grega ao considerar a Sintaxe como núcleo da análise linguística e afirma que as “interjeições são ‘advérbios no sentido impróprio’” (APOLÔNIO DÍSCOLO [s.d.] *apud* GONÇALVES, 2002:48).

²⁰ Para Aristóteles, os termos categoremáticos são aqueles que têm uma significação definida e determinada, ou seja, o que por si só pode assumir um sentido completo. Já os termos sincategoremáticos não têm uma significação completa e atuam modificando, qualificando ou determinando os categoremáticos.

A ausência de consenso referente às interjeições permanece entre os estudiosos gregos, o que acaba por influenciar que os latinos as excluam da classe dos advérbios com a justificativa de que muitas de suas ocorrências apresentam-se sem a presença de verbo. Destarte, os latinos atribuem um estatuto próprio às interjeições além do alcance dos advérbios (CAIXETA, 2014). Varrão, através da obra de Carísio, (GONÇALVES, 2002) é o primeiro filósofo latino a refletir sobre uma “teoria da interjeição” em *De sermone latino*. O autor já reconhecia uma “análise de tipo funcional das partes do discurso” (HOLTZ [s.d.] *apud* GONÇALVES, 2002:50). Varrão refere-se à interjeição como *partícula interiecta*, o que ocasiona a sua definição etimológica em *inter* + *jacere*, demonstrando ser uma partícula discursiva de emoção forte (*pathos*). Nesse período, as emoções e os sentimentos eram emaranhados sem uma clara segmentação nem definição, pois os estudos recorriam à alma para explicar tais fenômenos.

De acordo com Gonçalves (2002:50), o FI (Fenômeno Interjeição) passa a ocupar, a partir de então, o último lugar das *partes orationis* em gramáticas de perfil tradicional por ser um espaço “reservado não só à arrumação do anormal/exceptivo, mas que também acolhia a inovação”. A atitude dos latinos em relação aos gregos, ao contrário do que Bagno (2011) considera como uma “bizarrice latina”, seria mais uma posição de continuidade ao invés de mudança. Conforme Caixeta (2012:26): “Continuidade porque, para ambos, a margem extrema (polo final das *partes orationis*) caberia/cabe à anomalia ou ao não explicável”.

No transcorrer dos séculos, a influência dos filósofos de língua greco-latina sobre as gramáticas tradicionais deu-se de modo evidente, afetando as normas vigentes. Apesar das interjeições muitas vezes ocuparem estatuto de classe gramatical por gramáticos, estas foram sempre colocadas à margem, como um fenômeno anômalo e que mereceu pouca atenção e dedicação em estudos mais complexos.

Caixeta (2012:26-27), em conformidade com Gonçalves (2002), apresenta o percurso gramatical diacrônico das interjeições, classe de palavra esta a que ambos os autores chamam de FI (Fenômeno *Interjeição*), compreendendo quatro períodos. São eles:

I. Antiguidade Clássica à Idade Média:

- o FI possui um estatuto sintático independente;
- o FI acolhe itens que são considerados não lexicais; e
- o FI expressa e/ou significa sentimentos ou estados da alma.

II. Idade Média ao século XVIII:

- o FI é signo natural; e
- o FI é ou está a/na origem da linguagem.

III. Século XIX à primeira metade do século XX:

- o FI é equivalente de frases;
- o FI tem natureza psicológica e lógica;
- o FI associa-se aos aspectos estilísticos afetivos;
- o FI materializa-se num elemento linguístico ou não; e
- o FI tem lugar reservado nas *partes orationis*, na sintaxe ou fora do sistema.

IV. Segunda metade do século XX aos dias atuais:

- o FI é marcador conversacional;
- o FI é próprio da modalidade oral;
- o FI possui um papel textual-discursivo;
- o FI tem um status morfossintático definitivo;
- o FI é, ao mesmo tempo, lexema e enunciado – retorno a embates anteriores; e
- o FI é elemento sintático-semântico, voz holofrástica, lexismo ou ato discursivo.

O esquema acima transcrito de Caixeta (2012) visa a ilustrar os questionamentos e inquietações que os pesquisadores de língua enfrentaram ao lidar com as interjeições. Cada um, considerando os avanços ou descobertas científicas de seu tempo, providenciou soluções às interjeições. E esse continua sendo o motivo que move esta dissertação. Em sintonia com as mais recentes descobertas das neurociências, da Psicologia Cognitiva e dos processos de gramaticalização, também será apresentada, adiante, uma solução ao tratamento das interjeições. Finalizando as explanações de Caixeta, predominavam nos dois primeiros períodos uma visão imanentista da língua(gem). Tal fato propiciava a

marginalização das interjeições, pois os recursos disponíveis nesses períodos pareciam ser insuficientes para sustentar análises que levassem em conta a interação e a natureza linguístico-cognitiva.

Em relação aos dois últimos períodos, estes teriam sofrido forte influência das épocas anteriores, acarretando a manutenção da visão imanentista de muitos gramáticos em suas análises. No entanto, no período mais recente, passa a haver também uma valorização do texto e uma transição de foco do categorial para análises que visem a uma união entre o categórico e o discursivo, o que denuncia uma perspectiva funcional que valoriza os usos linguísticos em contextos reais. Além disso, muitos teóricos vão ainda mais além por via de análises interdisciplinares, levando em consideração a natureza psicológica do ser humano através de seus processos cognitivos, suas motivações afetivas e a influência cultural, tanto em produções linguísticas quanto de ordem pragmática. Esta dissertação nasce nesse contexto de reflexões.

2.5 – Os processos cognitivos, a afetividade e a influência cultural nas interjeições

Considerando que a cognição, definida por Neisser (1967), é um processo de aquisição do conhecimento, como ação primária de conhecer o mundo, o desenvolvimento cognitivo é fundamental para que haja a interação efetiva do ser humano com os seus coespecíficos. Já a afetividade, conforme Leme (2011) relacionar-se-ia a processamentos de estímulos automáticos e simples valiosos para a sobrevivência do indivíduo e a interação entre processos estruturais mais complexos do cérebro humano. A afetividade seria uma resposta, deste modo, a um conjunto de processamentos mentais atrelados à cognição que tem o efeito motivacional no sujeito, podendo acelerar ou atrasar a conduta.

Por conseguinte, a afetividade e a cognição estabeleceriam uma relação complementar e indissociável. Em estudos de suas correlações, Bruner (1998) demonstrou que a motivação para a aprendizagem não é um registro passivo da realidade, mas que sofre a interferência de expectativas. Cognição e afetividade atuariam em uma relação dinâmica do sujeito com o mundo, o que propiciaria a interação e o conhecimento através do aprendizado.

Dado ser um processo de mudança duradouro produzido por intermédio da experiência, a aprendizagem possui um forte caráter adaptativo que confere aos organismos a vantagem de se modificarem em resposta ao vivenciado no ambiente. Além disso, o aprendizado proporciona a similaridade entre espécies, pois não advém apenas da ancestralidade compartilhada, mas de pressões seletivas em comum (LEME, 2011). O potencial que o aprendizado confere para as espécies proporciona a transmissão da experiência para as gerações futuras, no caso da espécie humana, pelo “Efeito Catraca” descrito em Tomasello (2003), ou seja, pela transmissão cultural do conhecimento.

Em conformidade com Tomasello *et alii* (2005), uma pequena diferença na espécie humana possibilitou uma vasta mudança na cognição humana, dando origem à cultura e à sua evolução no transcorrer do tempo histórico. A habilidade de compartilhar intenções proporcionou a seleção, durante a evolução humana, da capacidade de leitura de causalidade e, através desta, da intencionalidade, o que motivou o compartilhamento de estados psicológicos intraespécie. Os componentes de intenção e motivação para partilhar permitiram a cooperação entre coespecíficos, produzindo uma trajetória singular para a cognição cultural no que se refere às formas de envolvimento social, comunicação simbólica e representação cognitiva.

Mithen (2002), ao estabelecer distinções entre os seres humanos e as outras espécies, apresenta em sua perspectiva a teoria de que a mente evoluiu devido à evolução do cérebro, modificação esta causada por pressões adaptativas, tais como o bipedalismo e a vida em grupo. As interações grupais para o autor teriam sido o estímulo decisivo para a mente tornar-se representacional por intermédio da linguagem. A formação da cultura seria fruto das adaptações filogenéticas com o surgimento da agricultura, da religião e da arte.

A cultura seria o sistema organizado de práticas e de crenças sociais, o qual é adquirido através das operações mentais que processam as informações, transformam, dão significados e são postos em prática por meio do pensamento e do comportamento. Tais operações seriam processadas através da interação entre cognição e afetividade. Chamada de recursividade, essas operações ocorreriam ciclicamente, recriando representações, sendo aquilo que permite a nós, humanos, termos a cultura (CORBALLIS, 2007). O conjunto desses processos nos possibilitaria a sociabilidade, que é afetiva e cognitiva.

Transpondo a questão da recursividade para a língua na tentativa de verificar o processo de desenvolvimento da aquisição linguística e sua analogia com as questões da linguagem, Guerra (2013) realizou um estudo em consonância com as orientações de Tomasello (2003). O objetivo foi investigar o processo de desenvolvimento humano correlacionado com a articulação da língua oral de crianças e adolescentes durante as fases iniciais de letramento. Nesses estudos, constatou que o nível de elaboração e de complexidade da articulação semântica e pragmática no discurso infantil gerava uma dinâmica gradual que partia de um ponto de maior concretude e deslizava para um ponto de maior abstratização, numa espécie de *continuum*, a depender do amadurecimento ontogenético.

Além da influência cultural, haveria, nas produções linguísticas, traços decorridos dos processamentos mentais individuais, assim como sugerem os estudos psicológicos. Considerando que os falantes constroem seus discursos conforme suas intenções comunicativas e de acordo com a percepção e importância que dão ao ouvinte, elaboram uma teoria da mente por via do pensamento, propiciado pelos aparatos comunicativos nas diversas situações de fala, partes que são mais relevantes do que outras. É através dessa recursividade linguística que se pode apreender muito da intenção do falante, sendo a parte do discurso que não contribui para seus objetivos, mas que amplia, sustenta, ou comenta o aspecto principal (chamado de *fundo*) e a parte que mostra os pontos principais e suas intenções (nomeadas de *figura*), tal como explicitado por Pezatti (1994).

É pelo fato de se interpretar a informação no momento da representação que Bruner (2001) propõe que se leve em conta o significado, o qual se dá através da cultura sendo, portanto, subjetivado. A partir de sua visão, apresentada por Correia (2003), a mente seria constituída pelo uso da cultura humana e realizada nela por intermédio de um simbolismo compartilhado que organiza e interpreta a vida. A mente, em seu desenvolvimento na ontogênese, buscaria regras específicas (modelos universais) de processamentos, mas estes não dão conta da produção de significados, os quais são confusos, ambíguos e dependentes do contexto em que se inserem. Em consequência, os três domínios – cognição, afetividade e cultura – são os fatores que nos moldam como indivíduos. A cultura, vinculada aos processamentos mentais, interfere no desenvolvimento psicológico, sendo um fenômeno

interno do sujeito. Os significados, por conseguinte, não são neutros, mas, sim, influenciados por esses domínios.

A construção da identidade de um indivíduo, as atribuições de significado, os valores morais, as crenças, o conhecimento humano, as representações de mundo de uma cultura, a sociabilidade, as características mais individualistas ou coletivistas dos diversos povos, mesmo entre pequenos grupos, todos estão intimamente relacionados com a cognição, a afetividade e a cultura. A relevância dá-se pelo fato de que tudo supracitado transcorre através da interação entre cultura e os processamentos mentais. Ambos foram evoluindo em conjunto e também paralelamente, um impactando o outro continuamente, por intermédio da filogênese e da ontogênese da espécie. Sendo assim, estão intimamente relacionados, um potencializando o outro.

Pensando em termos de linguagem, a comunicação pragmática e a linguística estariam inteiramente associadas com a cultura e os processamentos mentais individuais. O fenômeno da interjeição, como parte integrante desse sistema, não seria diferente. Reconhecendo que os contextos de interação comunicativa estão ligados à cultura, à cognição e ao afeto, logo as interjeições também estariam por suas atribuições de significado dependentes do contexto. Ademais, por serem produções linguísticas ligadas à cultura, sofreriam adaptações estruturais pertinentes a essa mesma cultura. Tais adaptações seriam orientadas pelos planos semântico, sintático e morfológico em suas codificações.

Nesse sentido, o contexto – o campo que pressiona as adaptações – assume papel fundamental. Givón (2005) afirma que o contexto é formado a partir de representações mentais. Os códigos gramaticais e lexicais, de acordo com o autor, passam por um processamento em que se ativam estruturas mentais que representam os aspectos que são mais relevantes e, portanto, mais frequentemente acessados. A gramática seria usada sistematicamente durante os atos comunicativos para ativar representações mentais dos estados de crença e da intenção do interlocutor. Nos atos de interação, tais representações ativariam contextos compartilhados de conhecimento.

Cunha e Cintra (1985), Azeredo (2002), Bagno (2011), dentre outros autores, associam a atribuição dos significados das interjeições como dependentes do contexto. Bagno (2011) sustenta, ainda, que não são formas lexicais plenas, uma posição plausível se tiver como ponto de partida um campo teórico que biparte classes e as desvincula dos

movimentos e dinâmicas de uso. No entanto, partindo do ponto de vista que os usos linguísticos são interpretados a partir da cultura e dos processamentos mentais individuais, todas as formas de comunicação, desconsiderando os casos patológicos, estariam associadas aos contextos de uso, tanto orais quanto escritos, sendo as diferentes atribuições de sentido dependentes dele. A prosódia, tão associada às interjeições por estudiosos de língua, estaria incorporada a todos os contextos orais e não especificamente às expressões interjetivas.

Gramáticos de perfil tradicional e descritivistas concordam em afirmar que há um relacionamento intrínseco entre as interjeições e as emoções, mas não apresentam uma definição clara daquilo que entendem por emoção. O perigo de pressupor a mesma acepção é o risco de expurgar um uso de sua legitimidade. Neste ponto, é preciso descrever brevemente essa relação íntima exercida pelas interjeições, a qual será tratada de maneira mais aprofundada no capítulo posterior. Hoje, nos albores do século XXI, já é possível reconhecer diferenças objetivas entre emoção e sentimento a partir das áreas neurocientíficas. Essas descobertas precisam ser conhecidas e estudadas para avaliar a aplicação no campo da linguagem.

Segundo Damásio (2013), as *emoções* são adaptações que integram os mecanismos dos organismos para regular a sobrevivência. Em consequência da aprendizagem humana, elas assumem tonalidades que ajudam a ligar a regulação homeostática e os valores de sobrevivência aos acontecimentos e objetos da experiência autobiográfica. Constituem-se um conjunto de respostas que, muitas vezes, são publicamente observáveis. Já os *sentimentos* são reservados à experiência mental e privada de uma emoção, não podendo ser observáveis em outras pessoas por serem estados próprios individuais, a menos que sejam intencionalmente externados.

A afetividade, por incluir tanto os estímulos automáticos e simples que visam à sobrevivência quanto os processos estruturais mais complexos do cérebro humano (LEME, 2011), engloba as emoções e os sentimentos. As expressões interjetivas em seus diversos contextos, deste modo, representam algumas das respostas observáveis de reflexos e impulsos biológicos, das intenções pragmáticas do sujeito e dos estados internos e próprios dos sentimentos humanos transpostos por via das emoções na linguagem.

Souza (2002) aponta a distinção entre emoções mais primitivas (instintivas) e mais elaboradas. Segundo a autora, estas últimas já teriam passado por avaliações cognitivas, enquanto que as primeiras estariam mais ligadas às necessidades biológicas mais elementares e seriam de mais difícil acesso empiricamente. Ao estabelecer a classificação em duas categorias de emoções através do critério de maior complexidade cognitiva, é possível estabelecer também uma analogia com as expressões interjetivas em construções linguísticas, pois estas são a transposição das emoções na oralidade.

Deste modo, incorporando emoções de avaliação mais automática e outras que envolvem processamentos mentais mais complexos, as expressões interjetivas também poderiam ser classificadas em tipos. Expressões mais automáticas e com menor carga silábica relacionar-se-iam às emoções mais automáticas e instintivas, enquanto expressões mais extensas, tais como orações compostas por vários itens linguísticos, envolveriam maior processamento mental e, conseqüentemente, se situariam na categoria de emoções de maior complexidade cognitiva.

Expressões interjetivas não são exclusivas da interação única entre cognição e afetividade, pois suas diversas manifestações podem ser influenciadas por traços culturais particulares. Por envolverem contextos pragmáticos que fogem aos usos em língua falada e escrita, aplicam-se também às codificações culturais em gestos comportamentais e comunicativos e em situações dos domínios de reflexos e impulsos automáticos que visam à sobrevivência da espécie e da autoproteção individual. Além disso, expressões interjetivas, inclusive as mais automáticas e instintivas, possuem traços culturais intrínsecos, pois variam de língua para língua em sua forma e conceptualização. A linguagem, portanto, seja ela em contexto linguístico, seja pragmático, é inteiramente dependente da interação dos processamentos mentais, culturais e afetivos.

Comentando sobre a elaboração de significados culturais, Matsumoto e Hwang (2012) destacam que um aspecto das emoções que é exclusivamente humano consiste no fato de que criamos significados sobre as emoções através de conceitos, atitudes, valores e crenças. Estes são construções que decorrem apenas devido à existência da memória, da linguagem, do pensamento abstrato e do conhecimento de si e do outro. Pelo fato de as habilidades cognitivas serem intimamente relacionadas à cultura, os fenômenos mentais são mais influenciados por ela do que por reações primárias ou pela experiência subjetiva.

Devido a isso, os significados e as formas linguísticas das emoções são variáveis entre culturas precisamente porque são influenciadas pelas construções culturais.

Essas ideias podem ser reforçadas pelas de Ekman (2011) ao analisar a relação entre emoção e linguagem. Ele atesta que, após o processo de aquisição linguística, a capacidade de articular só é perdida em situações especiais (por exemplo, algum evento traumático). Essa projeção ganha paralelo quanto às emoções, constituindo-se como igualmente funcionais durante toda a vida. Há, assim, uma aproximação legítima entre a oralidade, as emoções e suas expressões pragmáticas e linguísticas.

No entanto, concorda-se com Ekman no que se refere a não redução de emoções a palavras. As construções linguísticas são representações de emoções e não as emoções em si. A linguagem é um dos muitos artifícios usados pelos seres humanos para lidar com suas emoções, mas não se deve cair no erro de reduzir emoções a construções linguísticas. Esse será o mote para a discussão a ser desenvolvida no capítulo subsequente. Antes, porém, será preciso trazer para este cenário o que a Linguística Funcionalista tem usado como ferramentas para alcançar esses redutos linguísticos pouco estudados.

2.6 – Estudos de gramaticalização e seus princípios

Embora a gramaticalização seja um processo já reconhecido e o termo tenha sido cunhado desde o início do século XX (MEILLET, 1948 [1912]) e já demonstrasse sua novidade ao lidar com mudanças que estavam em curso, no Brasil somente na segunda metade do século XX uma produção científica mais consistente ganhou fôlego. No final do século XX e início do XXI, já se argumentava sobre o papel da cognição ao se discutir a unidirecionalidade de categorias cognitivas. Com Heine, Claudi e Hünemeyer e sua comparação de várias línguas africanas, consolida-se um modelo que parte do uso e das intenções comunicativas para a compreensão de fenômenos gramaticais. A consolidação desse modelo ficou mais evidenciada por meio do levantamento que Heine e Kuteva (2007) fizeram sobre a direção de mudança assumida por fenômenos em línguas diversas. O que eles demonstraram foi que alguns fenômenos assumiam um caráter universal. Sem esses trabalhos, nada do que foi feito teria o mesmo vigor. Foram, portanto, contribuições significativas para o arranque de estudos funcionalistas de base cognitivista.

A teoria de gramaticalização é concebida por Gonçalves *et alii* (2007) como constituída por um conjunto de princípios que fornecem aparatos teórico-metodológicos para a identificação de processos que levam a mudanças categoriais na língua que ocorrem nos vários níveis: a semântica, o discurso e a gramática. Entendida como um processo dinâmico da mudança linguística que se dá de maneira altamente produtiva, a gramaticalização ocorre em todas as línguas naturais nas instâncias morfológica, sintática, fonológica e semântica.

Como afirmado por Lima-Hernandes (2010a), o processo de gramaticalização se inicia por motivações dos usuários da língua, transferindo domínios de conceptualização para outros, o que promove o deslizamento de uma forma mais simples e concreta para uma forma mais complexa e abstrata, sendo o conteúdo original do conceito reduzido e a sua forma mais extensa ampliada. Conforme Gonçalves *et alii* (2007), o deslizamento favorece a sobreposição de sentido e de forma, o que pode gerar ambiguidade, polissemia e paradigmaticização do uso inovador. Nada de novo, portanto, é o ponto de partida. Esse processo mobiliza velhas formas para uma dinâmica que dará à luz novas funções.

Travaglia (2003) exemplifica o processo de gramaticalização através de um estudo do funcionamento textual-discursivo dos verbos. De acordo com o autor, algumas dessas estruturas não remeteriam a contextos relacionados com o mundo biopsicofisicossocial assumindo, desse modo, um conteúdo de natureza funcional, gramatical ou relacional que atuaria dentro dos limites de funcionamento e organização da língua. O autor classifica essas formas como *verbos gramaticais* e afirma que são consequentes do processo de gramaticalização.

Ainda conforme Travaglia (2003), os verbos poderiam exercer diversas funções quando gramaticalizados, atuando, por exemplo, como verbo de ligação, conjunção e interjeição. Ao serem recategorizados, os verbos perderiam o antigo *status* por exercerem nova função em outras classes. Exemplifica-se com Martins (2012:6), que aponta os verbos *querer, ser, poder, viver, sujar, danar-se* e *dar* como inclusos neste caso, pois operariam em determinados contextos como interjeições. A autora demonstra como exemplo as expressões ***Viva Jesus!*** / – ***Viva!***

A partir do exposto, é possível afirmar que há um deslocamento de construções entre categorias que dão origem a expressões interjetivas. Entretanto, não é possível

observar uma mudança unidirecional de unidades menos gramaticais para mais gramaticais no processo descrito pela autora para expressões interjetivas. Como Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, 4-5) afirmam:

A terceira característica que (...) tem sido frequentemente mencionada como propriedade intrínseca do processo é que a gramaticalização é unidirecional, i.e., que ela leva uma unidade do menos para o mais gramatical, mas não vice-versa (...).

O que parece ocorrer no exemplo exposto por Martins (2012) é um processo de conversão, provocando que uma palavra da frase assuma o valor de toda a sentença, inclusive da intenção interjetiva. Deste modo, a prosódia ou o contexto da expressão altera a função e o significado do verbo, transformando-o em expressão interjetiva. Entre os exemplos apresentados, conforme aponta Travaglia (2003), apenas é possível considerar como processos de gramaticalização as mudanças linguísticas de verbos plenos para verbos de ligação e conjunção, pois estes são mais gramaticais do que aqueles. Expressões interjetivas não podem ser consideradas mais gramaticais do que verbos plenos, pois aquelas assumem função mais lexical e podem estar relacionadas a contextos específicos de uso, apesar de também sofrerem mudanças linguísticas como estes. Verbos de ligação e conjunções atuam nas mais diversas cadeias sintáticas da língua, não estando relegados exclusivamente a contextos específicos e, portanto, não podem ser colocados em posição gramatical similar às expressões interjetivas. O direcionamento da mudança gramatical descrita para as expressões interjetivas mencionada pela autora parte rumo ao mais lexical e não para o mais gramatical no *continuum* de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) e, portanto, não há evidência do princípio da unidirecionalidade em ação neste caso. Como Gonçalves *et alii* (2007:61) salientam:

(...) em gramaticalização, interessa considerar cada percurso individualmente e focalizar aquele em que uma mudança de estatuto categorial se implementa. A unidirecionalidade não deve ser entendida como percurso ou caminho único, mas como direção única para tantos quantos forem os caminhos de desenvolvimento do léxico para a gramática.

Sendo assim, somente quando a mudança do estatuto categorial é unidirecional do léxico para a gramática é que se pode considerar um percurso individual como um processo de gramaticalização. Martins (2012), além de desconsiderar a unidirecionalidade, aparenta ignorar o princípio da iconicidade em sua análise sobre as interjeições. A autora afirma em um trecho de seu texto que as interjeições são signos arbitrários. Como podem ser arbitrários num modelo de gramaticalização? O processo de gramaticalização permite explicar de onde saem as formas para as novas funções e também suas motivações. Sendo assim, não são tão arbitrários. Os estudos de Heine e Kuteva (2007) são prova cabal de que há direções universais que claramente refutam a arbitrariedade. Portanto, torna-se incompatível justapor arbitrariedade e iconicidade, em especial se se assume uma abordagem cognitivo-funcional: se a língua está em constante instabilidade através da interação entre a cognição, a cultura e a afetividade, como pode ela seguir desgovernada ao sabor das escolhas individuais? De acordo com Martins (2012:7):

Por serem signos arbitrários socialmente aceitos, as interjeições não têm caráter semântico restrito e são de natureza representativa. Esses dois fatos da língua, apreciados sob a ótica do processo de gramaticalização, são indícios fortes de que as estruturas interjectivas podem ser o resultado de um processo de mudança diacrônica, em que recursos linguísticos primitivos, sejam eles *fonema*, *morfema*, *vocabulo*, *sintagma*, *frase*, *sequência de frase* ou *estruturas oracionais complexas* tenham sofrido alterações nas suas propriedades sintática, semântica e discursivo-pragmática, a ponto de mudarem de estatuto categorial.

Furtado da Cunha *et alii* (2003) definem a iconicidade como a correlação natural entre forma e função, a relação do código linguístico (expressão) e o seu *designatum* (conteúdo). A estrutura da língua reflete de algum modo a experiência, pois a linguagem é uma faculdade humana e, assim sendo, sofre a interferência da cultura e das conceptualizações humanas individuais através dos processamentos mentais. A estrutura linguística é, portanto, motivada entre forma e função, segundo Lima-Hernandes (2006), e não algo arbitrário.

A própria noção de aceitação social explicitada por Martins (2012) implica a motivação e não a arbitrariedade, pois a língua é algo mutável e está em constante transformação por via das produções linguísticas de falantes plurais. Expressões interjetivas religiosas no português paulistano como *Virgem Maria!* e *Ave Maria!*, por exemplo,

modificaram-se ao longo do tempo histórico e adquiriram usos informais na linguagem cotidiana de jovens e adultos, formando expressões como *Vixi* e *Af*. Tais construções perderam a conotação religiosa e tiveram a forma e a semântica alteradas, o que não impediu que as expressões de origem permanecessem em uso e convivessem em contextos distintos.

Abordagens de língua, tanto realizadas por gramáticos quanto por linguistas, mesmo alguns descritivistas e funcionalistas, aparentam excluir, em certa medida, o contexto de uso em suas análises sobre expressões interjetivas. A gramática jamais poderá ser entendida como independente do discurso. Não somente linguistas, mas também gramáticos parecem se contentar em associar as expressões interjetivas com as emoções – sem descrever o que compreendem como “emoção” –, relegando as construções interjetivas a contextos específicos e colocando-as em um limbo, apartadas das demais classes de palavras.

Essa atitude pode ser derivada de um histórico de formação na ciência linguística. Não é incomum que se identifiquem pesquisadores cognitivistas cuja abordagem centre em estudos interculturais de linguagem, adotando uma posição mais gerativista/estruturalista e não reconhecendo a importância dos contextos de uso e dos falantes como interventores nas mudanças linguísticas. Paul Kockelman (2010), em seu livro *Language, Culture and Mind*, assumindo uma visão naturalista e antropológica da linguagem, sob uma perspectiva cognitivista, é um exemplo dos autores que não reconhecem essa importância da abordagem da interação entre discurso e gramática em análises que se referem às interjeições. Em um capítulo do seu livro, dedicado às interjeições como núcleo das emoções, Kockelman (2010:188)²¹ afirma:

Considerando que as interjeições são particularmente difíceis de serem categorizadas semanticamente e socialmente, elas são passíveis de uma caracterização em termos de um idioma relativamente não-linguístico e não-social, tal como o empregado na Psicologia Popular – com suas ferramentas de forças mediadoras invisíveis (Tradução minha).

Kockelman (2010) elide, em certa medida, as interjeições e suas características sintáticas e semânticas das influências que são intrínsecas às tradições e culturas das

²¹ “Insofar as interjections are particularly difficult to characterize semantically and socially, they are amenable to characterization in terms of a relatively non-linguistic and non-social idiom, such as folk psychology – with its toolbox of invisible mediating forces.”

diferentes comunidades linguísticas que as produzem. Tanto as interjeições quanto as onomatopeias estão ligadas aos códigos culturais e à estrutura sintática das línguas, sendo suas produções realizadas de diferentes maneiras em cada cultura.

Como exemplo, é possível mencionar a expressão linguística *ai*, expressão esta que comumente é utilizada para sinalizar dor no português brasileiro, mas que se apresenta com sentido similar nas formas *ouch* e *aua* em variedades da língua inglesa e do alemão, respectivamente. As diferenças são fonéticas e morfológicas, não podendo expressões de outras línguas serem facilmente reconhecidas pelo falante na mesma medida que as de sua língua nativa. Especialmente em língua escrita, a tarefa torna-se ainda mais árdua, devido, muitas vezes, a uma maior dificuldade de compreensão da situação em que a expressão se insere no texto, a menos que o indivíduo consiga interpretar o contexto de uso ou seja proficiente no respectivo código de língua estrangeira.

Além disso, há também diferenças semânticas entre expressões foneticamente semelhantes em diferentes línguas. No alemão, por exemplo, a construção *ei* dita [aj] indica o substantivo *ovo*, enquanto, no português brasileiro, é reconhecida como uma expressão interjetiva muitas vezes utilizada para exprimir dor. A cultura é indissociável das codificações linguísticas, inclusive as expressões interjetivas, não podendo estas serem dissociadas em nenhuma instância das influências sociais e da estrutura que molda a sintaxe da língua.

Os usos de expressões interjetivas e de onomatopeias em língua escrita são também relacionados com a articulação linguística dos sons. Os símbolos escritos são, portanto, motivados e não arbitrários, pois são baseados nos processamentos mentais individuais e culturais e na percepção linguística, os quais originam a transcrição de sons baseados na sintaxe de cada língua.

As interjeições, além disso, apresentam um aspecto característico que as distingue de outras classes gramaticais: suas expressões linguísticas nem sempre visam a uma intenção comunicativa com o outro, podendo estar relacionadas a contextos involuntários que motivam o falante a se expressar. Situações típicas desses usos podem ser ilustradas com o momento em que um indivíduo se assombra com algo ou alguém ou tropeça/escorrega em um objeto, exprimindo *ai!//ui!//credo*, por exemplo, ou simplesmente

contraindo os músculos e expressando sua reação a um fato que não envolve outros indivíduos.

Expressões involuntárias como as mencionadas anteriormente estão relacionadas a contextos evolucionários filogeneticamente mais primitivos, conforme Givón (2005) assente. O controle motor interno humano, as representações somáticas internas e derivadas de estímulos externos estariam associadas com os neurônios espelho, sistema este que está correlacionado com o córtex motor primário no cérebro de primatas, incluído o de humanos. Deste modo, expressões mais automáticas e com baixo nível de controle dos indivíduos seriam desencadeadas através de percepções visuais, espaciais e de movimento, o que envolveria conexões cerebrais mais anteriores em termos de desenvolvimento evolutivo da espécie humana.

Referente a essa característica específica que, aparentemente, distingue as interjeições de outras classes gramaticais, Kockelman (2010:188)²² comenta que

As interjeições podem ser exprimidas em situações não comunicativas e, aparentemente, em contextos não sociais e parecem estar focadas no falante ao invés do destinatário. Portanto, é difícil de afirmar quais seriam suas intenções comunicativas ou a ‘mensagem endereçada ao outro’ (Tradução minha).

Como discutido anteriormente, as interjeições são indissociáveis dos contextos sociais e dos processamentos mentais humanos. Kockelman (2010), em sua afirmação, discrimina as interjeições e as dissocia de seus aspectos comunicativos e sociais devido a muitos contextos de expressões interjetivas não estarem explicitamente direcionadas a um destinatário e não possuírem intenção comunicativa direta com o outro.

Todavia, expressões interjetivas costumam ser facilmente interpretadas e a elas pode ser atribuído um significado em diversos contextos pelos usuários de uma língua. Materiais prosódicos, por exemplo, podem ser marcadores discursivos fundamentais no português brasileiro na distinção de sentido de dor e de ironia para a expressão interjetiva *ai*, assim como o sentido de dor ou prazer para a expressão *ui*. Além disso, a intenção de

²² “Interjections may be uttered in non-communicative and seemingly non-social encounters, and seem to be speaker focused rather than addressee focused. In this way, it is difficult to say what their communicative intention, or ‘message to another’, would be.”

comunicação com o outro é claramente perceptível em pedidos de socorro, assim como expressões mais reflexivas como *tsc* são perceptíveis em contextos reflexivos. O simples fato de o outro poder captar intuitivamente se um item é reflexivo ou com uma intenção endereçada a si já se configura como um caráter social a este código. Assim sendo, até mesmo expressões reflexivas estão inseridas dentro de um espectro que abrange a relação do “eu” com o mundo.

Kockelman (2010) rejeita o contexto de uso em sua análise, apesar de ser facilmente apreendido por falantes quando uma interjeição é reflexiva ou dirigida ao outro. O autor enfatiza uma visão de interjeição como signo não comunicativo, embora situações reflexivas e intencionais costumem coexistir de maneira equilibrada nas produções linguísticas. Em uma perspectiva cognitivo-funcional, não é possível afirmar que qualquer classe de palavras não possua uma relação comunicativa e social. Não há uma separação entre discurso e gramática, estando ambos plenamente integrados como ferramentas comunicativas.

Hipotetiza-se que, como os processos de gramaticalização partem da mudança linguística que vai do concreto para o abstrato, envolvem uma mudança unidirecional em que processamentos mentais mais complexos são operados. Pensando no caso das interjeições, estas poderiam ser classificadas através de um *continuum* entre expressões com maior extensão silábica *versus* menor extensão silábica e expressões mais automáticas *versus* expressões com maior processamento cognitivo baseado em um conhecimento prévio de mundo.

Como atesta o princípio da iconicidade e os três subprincípios da quantidade, da integração e da ordenação linear em Furtado da Cunha *et alii* (2003), a quantidade da informação, a proximidade dos conteúdos e a ordenação na cadeia sintática são motivados e não aleatórios. Conforme Guerra (2015), expressões interjetivas com maior quantidade de forma comumente englobariam conteúdos mais extensos e ordenações mais hierarquizadas em termos de importância na cadeia sintática. Assim sendo, a partir da extensão da cadeia sintática em expressões interjetivas seria possível apreender a complexidade de sua estrutura e o nível de processamento mental através de um *continuum* do concreto e mais simples para o abstrato e mais complexo, paralelo com a teoria de gramaticalização nas línguas.

A linguagem e as expressões linguísticas são constituídas a partir de imagens mentais construídas a partir de objetos externos ao cérebro para o seu interior. Como afirma Damásio (2013), as palavras formam-se primeiramente como imagens de fonemas e morfemas por intermédio de percepções auditivas, visuais e somatossensoriais para só então serem expressas em termos linguísticos. A partir do momento que as imagens mentais se interligam no fluxo da consciência, movem-se para frente no tempo – sob a forma de ações ou reflexões – de modo mais rápido ou mais lento, de acordo com os estímulos individuais em cada situação.

Assumindo que quanto menor o tempo de duração de uma expressão mais automática ela seria e reconhecendo a possibilidade de expressões interjetivas como as de estranheza apresentarem com frequência um maior *timing* de duração enquanto expressões como as de assombro demandariam um menor *timing*, hipotetiza-se a importância do peso nas expressões. Tal hipótese diz respeito a uma correlação das características das interjeições com a teoria cognitivo-funcional e os estudos linguísticos de Givón (2005; 2009), Gonçalves *et alii* (2007), dentre outros, pesquisas em psicologia cognitiva e evolucionista presentes em Tomasello (2003), Ekman (2011), dentre outros, e as pesquisas em neurociência de Damásio (2011; 2013).

Construções pesadas, ou seja, aquelas que apresentam maior quantidade de forma e mais de um elemento na cadeia sintática possuiriam a característica de serem mais abstratas e complexas, exigindo maior processamento mental. De outro modo, as de menor quantidade de forma e com um único elemento na sentença seriam mais simples e concretas, demandando menor processamento mental.

Expressões interjetivas em contextos de estranheza e de assombro podem servir como uma fonte útil de análise linguística e pragmática, em se tratando de um estudo para estabelecer critérios de classificação das interjeições em consonância com o contexto funcional de uso da língua, considerando os processamentos mentais, a afetividade e a cultura em produções linguísticas. Assim sendo, serão definidos e discutidos o *assombro* e a *estranheza* e a relação de suas expressões interjetivas com os processamentos mentais, a afetividade e a cultura no capítulo seguinte como forma de tornar mais clara a hipótese apresentada.

III – A afetividade, a comunicação não verbal e as expressões interjetivas em contextos de assombro e de estranheza: delineando o objeto sob estudo

Este capítulo tem como finalidade verificar se é possível estabelecer uma distinção entre os contextos de assombro e de estranheza em expressões interjetivas, visando ao estabelecimento de uma tipologia funcional sob uma perspectiva cognitiva. Os subprincípios da iconicidade, que remetem à complexidade das construções linguísticas a partir da quantidade de forma e de informação e o *timing* das sentenças na cadeia sintática resultantes dos processamentos mentais e afetivos são os fatores determinantes a se considerar para este estudo.

Expressões interjetivas podem ser estratégias comunicativas ou até mesmo reflexivas, produzidas em contextos de assombro e de estranheza. Nesse sentido, em situações espontâneas de interação são fartamente empregadas no cotidiano por falantes em quaisquer línguas. As expressões referidas prestam-se à codificação sintática de intenções pragmáticas e são normatizadas por gramáticos na classe de interjeições, com um espectro exemplificativo sempre muito pobre e repetitivo de autor para autor, não revelando, dessa forma, a riqueza dos usos, pelo menos no Português do Brasil.

Essa constatação coloca um problema científico relevante como questionamento: seria possível classificar as interjeições com base na quantidade de forma e de informação? E uma pergunta acessória relativa ao tema: haveria uma diferenciação entre estranheza e assombro em termos de codificação linguística e de propriedades funcionais? Essas questões sinalizam os objetivos de análise deste capítulo.

Em gramáticas de língua portuguesa, como visto no capítulo anterior, há tópicos que discutem a categoria das interjeições, mas nem sempre essas obras contemplam os seus efeitos comunicativos em contextos reais de uso, dentre eles os de *assombro* e de *estranheza*, conforme será evidenciado mais à frente. Exemplos como os que seguem

depõem a favor dessa afirmação: 1) *Eu nem acredito no que estou vendo!*²³ 2) *Meu Deus!* 3) *Nossa!* 4) *Que isso?!*

Nota-se que categorias distintas são selecionadas para codificar os efeitos comunicativos linguisticamente. No exemplo (1), tem-se um período composto por duas orações; no exemplo (2), tem-se um sintagma nominal; em (3), há um possessivo derivado, segundo os gramáticos históricos, de um sintagma nominal. Casos como os de (2) e (3) estão vinculados a uma tradição discursiva religiosa, no entanto essa não é a regra. Alguns usos inovadores indicam que orientações diversas podem ser aplicadas. Ilustra isso o exemplo (4).

Uma questão interessante a ser debatida é aquela sobre como o interlocutor é capaz de perceber ou apreender que uma frase ou segmento linguístico qualquer codifica assombro ou estranheza. Segundo Mendoza e Baicchi (2007:102-103)²⁴, alguns fatores subjazem a essa tarefa de compreender construções ilocucionárias:

- (i) a relação de poder entre interlocutores;
- (ii) o grau de opcionalidade transmitido pelo ato ilocucionário;
- (iii) o grau de polidez;
- (iv) o grau de prototipicidade de certas ocorrências em relação a outras;
- (v) o grau do custo-benefício da ação requerida;
- (vi) a motivação semântica para outros tipos de atos de fala indiretos como expressos por um modal oblíquo (*could, would*) ou um modal negativo (*can't, won't*) no caso de solicitações ou pedidos;
- (vii) o fundamento cognitivo dos atos de fala em gestalts experimentais (Tradução minha).

Esses fatores são relevantes na construção de um cenário conjunto ilocucionário, ou seja, é necessário um dado contexto para que se possa determinar se um segmento linguístico codifica ou não uma pista de efeitos pragmáticos, tais como a *estranheza* e o *assombro*. Não é possível separar o contexto e as intenções pragmáticas do falante do

²³ Apesar de expressões complexas não serem tipicamente classificadas como interjeições por muitos gramáticos e linguistas, a prosódia em alguns contextos de uso destas construções, especialmente os que envolvem emoções intensas, foge da normalidade usual do falante pela influência exercida da afetividade. Assim sendo, apresentam as características das interjeições e atuam como tal. Não é a forma que determina se uma construção é interjetiva ou não, mas sim o contexto em que a expressão se insere.

²⁴ “(i) the power relationship between interlocutors; (ii) the degree of optionality conveyed by the illocutionary act; (iii) the degree of politeness; (iv) the degree of prototypicality of certain utterances over others; (v) the degree of cost-benefit of the requested action; (vi) the semantic motivation for other types of indirect speech acts as expressed by an oblique modal (*could, would*) or a negative modal (*can't, won't*) in the case of requests; (vii) the cognitive grounding of speech acts in experimental gestalts.”

enunciado para que se determine o significado de expressões linguísticas, diferentemente da proposta das gramáticas de perfil tradicional e dos livros didáticos. Justamente por isso, o capítulo que segue destina-se a uma análise dessas expressões, as quais situam na classe das interjeições.

Como procedimento inicial, serão apresentadas as definições de *estranheza* e de *assombro* em dicionários de língua portuguesa organizados em várias sincronias, de modo que se possa ter uma visão de largo espectro, numa diacronia lexicográfica. Essa estratégia permitirá observar se há uma aproximação semântica, ao menos no que tange à norma considerada padrão, entre esses itens lexicais. Em seguida, será mostrada uma investigação em gramáticas de perfil tradicional e também a descritivista com o objetivo de analisar se nelas há menção de expressões interjetivas que podem ser consideradas como de estranheza e de assombro. Com os dados obtidos, será, então, realizada uma pesquisa da aplicação funcional de uso de ambos os tipos de itens linguísticos em língua escrita como modo de averiguar se há similaridade ou não em relação aos elementos coletados. Para que isso seja realizado, foram pesquisados usos dos termos *assombro* e *estranheza* em livros, artigos acadêmicos de diversas áreas do conhecimento e em *sites* de busca na internet.

Considerando que existe uma relação muito próxima entre as interjeições e a linguagem mais espontânea de comunicação, serão discutidas em seguida as características e a relação da comunicação não verbal com a estranheza e o assombro, tendo como base as abordagens da psicologia cognitiva e evolutiva. Para tanto, será abordada a correlação dessas expressões com a afetividade (emoções e sentimentos). Finalmente, com os resultados da pesquisa apresentados, o questionamento da possibilidade de classificação das interjeições em tipos distintos, sob uma perspectiva cognitivo-funcional, será então respondido segundo os fundamentos dos subprincípios da iconicidade, levando-se em conta o *timing* das expressões por meio dos processamentos mentais.

3.1 – Os conceitos de *assombro* e de *estranheza* em dicionários em uma visão diacrônica

O significado de *assombro* é, muitas vezes, associado a uma reação espontânea, inesperada ou instintiva que causa impacto em um observador afetivamente predisposto. O

termo de origem é controverso e não é descrito claramente em dicionários etimológicos, sendo provavelmente derivado da palavra latina *umbra* (sombra produzida por um corpo entre a luz e a Terra; lugar à sombra; imagem espectral; assombração).

A palavra *estranheza* é derivada de *estranho* acrescida do sufixo *-eza*. Conforme Viaro (2011), a sua etimologia é bastante reveladora. Segundo o autor, a origem vem do acusativo latino *extraneum*, adjetivo que tem como base a palavra *extra* (fora), a qual é derivada da preposição *ex* (para fora). O termo, atualmente, é comumente referido a algo que é considerado esquisito/fora dos padrões tidos como comuns, ao se basear em julgamentos de comparação entre provável *versus* improvável, sendo sua origem advinda do conceito de *estrangeiro* atrelado aos sentimentos de xenofobia latinos.

A fim de investigar as atribuições de significado de *assombro* e de *estranheza* em dicionários de língua portuguesa de modo a construir um percurso diacrônico, foram selecionados Bluteau (2002 [1712]), Silveira Bueno (1968) e Houaiss e Villar (2007). Pesquisou-se também a etimologia de *estranho* nas obras supracitadas, pois o item lexical *estranheza* é derivado daquele e, portanto, está estreitamente associado com a sua significação.

Abaixo, seguem as definições dos conceitos nas obras pesquisadas:

Bluteau (2002 [1712]: 333;614) adaptado:

ASSOMBRO – Espanto. Pasma. Admiração, que enleva os sentidos. *Stupor*.

ESTRANHEZA – Modo, que indica falta de conhecimento, e amizade.

ESTRANHO – O que anda fora da sua patria. *Peregrinus*; Estrangeiro. *Alienus*; Coisa, que vem de fora, como mercancias, cheiros, etc. Fora; Alheo. Não conforme, estranho da razão. Não domestico, que não é de casa. *Extraneus*; O que causa estranheza, cousa nova, improvisa, não ordinaria. *Novus*, *Improvisus*. Que causa terror. *Terrificus*; (Termo de cirurgião) Nas feridas, quando se curão, por cousas estranhas, não só se entendem as que vem de fora, como settas, pelouros, e outras semelhantes, mas tambem as de dentro, como cabelos, esquirolas de ossos, grumos de sangue, e tudo o mais, que pode impedir a união, e ajuntamento dos lábios da ferida, cousas estranhas. *Extranea*.

Silveira Bueno (1968:394;1277) adaptado:

ASSOMBRO – Espanto, admiração, susto, pavor, medo.

ESTRANHEZA – A qualidade do que é estranho.

ESTRANHO – De outra terra, desconhecido, fora do comum. Do latim *Extraneus*.

Houaiss e Villar (2007:324;1260-1261) adaptado:

ASSOMBRO – 1) grande espanto ou admiração 2) pessoa ou coisa que infunde ou causa terror 3) pessoa ou coisa que causa admiração; maravilha, portento 4) alma do outro mundo; fantasma.

ESTRANHEZA – 1) caráter diferente, singular, incomum de alguém ou de algo; bizarria, singularidade 2) impressão, sensação mais ou menos desconfortável de uma pessoa diante desta diferença, desta singularidade. 3) pasmo, surpresa, desconfiança diante de algo impensado ou imprevisto 4) Esquivança 5) <Física de partículas elementares> número quântico associado à presença do quark *s* na constituição de certas partículas cuja vida média, observada experimentalmente, é maior do que se esperaria teoricamente.

ESTRANHO – 1) que ou o que é esquisito, que ou o que se caracteriza pelo caráter extraordinário; excêntrico 2) que ou o que é de fora, que ou o que é estrangeiro 3) que causa espanto ou admiração pela novidade; desconhecido, novo 4) que, de alguma forma, foge aos padrões de uso, aos costumes estipulados pela sociedade 5) que não se conhece ou reconhece; que desperta sensação incômoda de estranheza 6) que não faz parte de, que não pode ser identificado ou relacionado com 7) que se esquia, que foge ao convívio 8) misterioso, enigmático ou que levanta suspeitas.

A partir das definições nos três dicionários, é possível observar que há bastante semelhança nos sentidos atribuídos para o conceito de *assombro* como reação imediata diante de uma situação inesperada. A acepção de *terror* para esse item lexical também pode ser identificada nas três obras através de *espanto* e *pasmo* em Bluteau (2002 [1712]) além de *susto*, *pavor* e *medo* inclusos em Silveira Bueno (1968) e *fantasma* / *alma de outro mundo* em Houaiss e Villar (2007). *Estrangeiro* e o sentimento de *xenofobia* demonstram se associar mais ao léxico de *estranho* do que de *estranheza*, sendo este último mais relacionado com a ação de estranhamento diante do desconhecido ou até mesmo a

ignorância diante de um fato, conhecimento ou de vínculos de amizade, conforme observado em Bluteau (2002 [1712]).

Assim sendo, os dados indicam que o *assombro* pode ser considerado uma manifestação pragmática, em geral instantânea, que depende claramente da reação do indivíduo frente a alguma situação ocorrida, podendo ser de estímulo interno ou externo. Não se pressupõe o indivíduo incluir-se nesse evento. É uma expressão comum de todo ser humano quando experimenta uma súbita emoção tal como um surto de felicidade, uma sensação de perigo ou quando se depara com algo que abala a estrutura cotidiana de seu mundo. Essa experiência independe da classe social, da cultura, etc. É comum a todos os indivíduos.

No caso de *estranheza*, excluindo o jargão científico utilizado na física quântica, é possível observar que o termo está relacionado tanto ao efeito de uma manifestação pragmática instantânea – pelo fato de haver os itens lexicais de *pasmo* e *surpresa*, dicionarizados em Houaiss e Villar (2007) – quanto a uma avaliação mais reflexiva do indivíduo. Ocorre, em geral, através da oposição entre situação esperada *versus* situação inesperada. Os valores pessoais, tais como crenças, cultura, classe social, época histórica, etc. aparentam possuir uma relação mais intrínseca com esse estímulo, pois se baseiam em julgamentos de comparação entre provável *versus* improvável, que são conceitos pré-formados e processados possivelmente antes de o indivíduo manifestar esse tipo de expressão.

O conceito de *estranho*, obviamente, associa-se ao de *estranheza* no que tange à avaliação de mundo do indivíduo. *Estranho* pode ser compreendido como tudo aquilo que não está de acordo com os padrões, tradições, regras e normas pré-estipuladas. Considerar algo ou alguém estranho teria como princípio fundamental um julgamento prévio baseado em valores pessoais adquiridos através da sociocultura em suas múltiplas facetas, tais como ideologias, grupos sociais, religião, época histórica, etc., envolvendo geralmente a comparação do comum com o incomum.

Examinando os dicionários em uma perspectiva diacrônica, não é possível observar mudanças relevantes de sentido de uso para o item *assombro*. Tanto em Bluteau (2002 [1712]) quanto em Silveira Bueno (1968) e Houaiss e Villar (2007), os itens *espanto* e *admiração* estão presentes. Ademais, predomina, nos três dicionários, a descrição de um

evento de susto, terror ou pavor que demanda reações imediatas do experienciador como sentido de uso para esse item lexical.

Diacronicamente, do mesmo modo, as diferenças descritas nos dicionários para *estranheza* e *estranho* não são notáveis. Bluteau (2002 [1752]) inicia a descrição do item *estranho* com o sentido de alguém ausente de sua pátria. Silveira Bueno (1968) e Houaiss e Villar (2007) também o associam ao conceito de estrangeiro, permeando o sentido de algo desconhecido e que causa a sensação de desconforto e de incômodo por ser algo que foge dos costumes e dos padrões sociais. Nota-se que os três autores respaldam a explanação etimológica feita por Viaro (2011), apresentada anteriormente.

Estranheza, com o sufixo para designar a ação do estranhar, atesta nos três dicionários o significado de caráter singular e de sensação desconfortável em relação a algo ou alguém. Esse fato de caráter singular reflete uma ação diante de algo misterioso e enigmático que não pode ser compreendido de imediato.

Traçadas as distinções entre os itens lexicais nos dicionários, é possível afirmar que sucedem algumas diferenças entre as palavras *estranheza* e *assombro* em uma perspectiva normativa. Apesar de ambas terem provavelmente origem latina, derivam de palavras distintas sendo presumivelmente *umbra* para assombro e *extraneum* para estranheza. Além disso, não foi possível observar o sentido de estrangeiro para assombro, ao contrário de *estranho* que está intrinsecamente relacionado com *estranheza* e apontado por Viaro (2011) como originário do sentido de alguém distante de sua pátria.

A título de ilustração sobre os significados dos itens *assombro* e *estranheza*, pode-se imaginar que uma pessoa em situação de perigo, que lhe provoque uma sensação de medo ou pavor, provavelmente manifestará assombro de forma espontânea, independentemente de qual seja a situação de perigo enfrentada. Já no caso da *estranheza*, a reação poderá também depender, em grande parte, da visão de mundo individual, pois o que é considerado estranho para alguém pode não ser estranho para o outro, assim como as comparações mentais de atribuição de sentido para o que é provável *versus* improvável. Especificamente no caso da *estranheza*, os estímulos podem não ser tão instantâneos, pois variariam em escala maior ou menor de uma pessoa para outra, o que geralmente não ocorreria com os estímulos do *assombro*.

3.2 – As expressões interjetivas de assombro e de estranheza em gramáticas descritivas e de perfil tradicional

A partir da análise das origens etimológicas e da descrição em dicionários para assombro e estranheza, foi possível concluir que os dois itens lexicais podem assumir, em determinados contextos, significados distintos em descrições lexicográficas de uso. Assumindo tal diferenciação, torna-se relevante uma consulta às gramáticas de vertente descritivista e de perfil mais tradicional, com o intuito de averiguar se há expressões interjetivas específicas para assombro e estranheza apresentadas nessas obras.

Com o objetivo de verificar se as gramáticas fazem referência a expressões interjetivas em contextos de assombro e de estranheza, foram consultados os seguintes representantes do perfil tradicional: Almeida (1978), Cunha e Cintra (1985) e Azeredo (2004). Referente às gramáticas elaboradas num viés descritivista, foram consultadas as seguintes obras: Neves (2000), Bechara (2009), Castilho (2010) e Bagno (2011).

Dentre as quatro obras de cunho mais descritivista pesquisadas, apenas foi possível colher dados na gramática de Bechara (2009). Apesar de o autor classificar algumas interjeições como características de situações típicas, conclui-se através de sua gramática que é inviável apontar com exatidão quais construções podem ser agrupadas como adequadas para determinados contextos de uso, pois tal interpretação dependeria da entonação do falante.

Conforme supracitado na *seção 3.2*, Neves (2000) e Castilho (2010) não abordam o tema das interjeições em suas gramáticas. No caso de Bagno (2011) o autor não reconhece o fenômeno linguístico da interjeição como categoria lexical plena, relegando-o a um fenômeno prosódico sem especificar adequações de contexto para essas expressões.

Em relação às gramáticas de perfil tradicional, nota-se que não há uma classificação específica de expressões para o assombro e a estranheza. Até mesmo essas palavras não são citadas em referência a expressões interjetivas tanto por Bechara (2009) quanto pelos autores mais normativos.

Somente há dois casos verificados que podem se aliar à noção de *assombro*: o conceito de *terror* visto em Cunha e Cintra (1985) e que é descrito como um sinônimo em Houaiss e Villar (2007), além do *espanto* em Almeida (1978) e descrito também como

sinônimo em Bluteau (2002 [1712]), Silveira Bueno (1968) e Houaiss e Villar (2007). Considera-se esses itens como similares ao assombro por estarem mais associados a situações que demandam reações mais automáticas e instantâneas em determinados contextos.

Referente à noção de *estranheza*, o léxico de *admiração* presente nas gramáticas de Almeida (1978), Azeredo (2004) e Bechara (2009) aparenta ser o mais próximo a ser aceito como sinônimo, pois tal conceito não está necessariamente atrelado às reações e expressões automáticas. Pode-se admirar alguém no sentido de respeito ou experimentar uma situação em que se observa um evento ou alguém com admiração, podendo ser uma experiência interna e não externada. Apesar disso, o conceito de *admiração* é igualmente exposto como sinônimo de *assombro* nos três dicionários investigados. Referente à diferenciação desses termos, serão discutidos mais detalhes na seção subsequente.

Com base na pesquisa realizada, *espanto* e *admiração* são os itens linguísticos que mais aparecem para identificar expressões interjetivas nas obras verificadas. No quadro a seguir, apresenta-se uma síntese das expressões classificadas pelos gramáticos para os contextos de *espanto* e *admiração*:

Expressões	Almeida (1978)		Cunha e Cintra (1985)		Azeredo (2004)		Bechara (2009)	
	espanto	admiração	espanto	admiração	espanto	admiração	espanto	admiração
ah!			x					x
chi!			x			x		
ih!			x			x		
oh!	x		x			x		x
ué!			x					
puxa!			x					
hem!	x							x
hum!								x
hein!								x
ui!						x		
epa!						x		
ufa!						x		
oba!						x		
então!	x	x						
assim!	x	x						

Quadro 2: Síntese das expressões interjetivas classificadas em gramáticas para os contextos de *espanto* e *admiração*.

Ainda derivada da análise dessas gramáticas, nota-se a comum presença de expressões como *ah* e *oh* em vários sentidos diferentes, inclusive numa mesma gramática, como exemplificado no quadro seguinte:

Estados emocionais	Almeida (1978)	Cunha & Cintra (1985)	Azeredo (2004)	Bechara (2009)
surpresa		ah!, chi!, ih!, oh!, ué!, puxa! (interj.)	ui!, oh!, ih!, epa!, chi!, ufa!, oba! (interj.)	
espanto	então (interj.) como assim (loc. adverbial) cáspite (interj.) hem (interj.)	ah!, chi!, ih!, oh!, ué!, puxa! (interj.)		
terror		ui! uh! (interj.)		
alegria	ah!, eh!, oh! (interj.)			
aversão	ih!, chi!, irra!, apre! (interj.)			
exclamação				viva! (interj.)
admiração	então (interj.) como assim (loc. adverbial) cáspite (interj.) hem (interj.)		ui!, oh!, ih!, epa!, chi!, ufa!, oba! (interj.)	ah!, oh!, hum!, hein! (interj.)
alívio				ah!, eh! (interj.)
desejo/ ansiedade				oh!, oxalá!, tomara! (interj.)
dor física	ai! (interj.)			ai!, ui! (interj.)
dor moral				oh! (interj.)
dúvida/ suspeita				hum!, hein! (interj.)
impaciência				arre!, irra!, apre!, puxa! (interj.)
interrogação	hem (interj.)			
desalento			ui!, oh!, ih!, epa!, chi!, ufa!, oba! (interj.)	

Quadro 3: As expressões interjetivas e os seus diferentes estados emocionais atribuídos nas gramáticas.

Analisando as informações do quadro acima, nota-se a inexistência de um critério que se preste a identificar a relação entre a expressão linguística e os estados emocionais atribuídos. Um dos fatores que permite essa reflexão é a presença maciça no quadro de

expressões como *ah* e *oh* em diversos contextos, até mesmo opostos e antagônicos. Como exemplo, nota-se a expressão *oh* atribuída para os contextos de *desalento*, *dor moral*, *desejo*, *ansiedade*, *admiração*, *alegria*, *espanto* e *surpresa*, o que é totalmente lícito, mas não há um critério eficaz de diferenciação.

Muitas gramáticas de língua portuguesa, em especial as de perfil mais tradicional, por comumente não reconhecerem a dinamicidade da língua e que os sentidos atribuídos às construções são dependentes da situação em que se inserem, tentam classificar as expressões linguísticas por meio de critérios normativos. O resultado são exposições confusas da conceptualização das categorias gramaticais, sendo observadas classificações de expressões de maneira completamente distinta entre uma e outra obra, o que prejudica o ensino da língua tanto para professores na preparação da exposição dos assuntos quanto para alunos no processo de aprendizado.

Se se considerarem as informações presentes nesses materiais, pode-se assumir que interjeições e advérbios são muito próximos por abrangerem contextos discursivo-pragmáticos em que o falante manifestaria algum tipo de avaliação, derivada de sensação percebida pelos sentidos. É o que se verifica em Almeida (1978), por exemplo, ao apresentar a locução adverbial *como assim* com o sentido de *espanto* e o advérbio *então* para *espanto* e *admiração*. Bechara (2009), no entanto, recorre a Câmara Jr. (1970), em seu capítulo sobre advérbios, para esclarecer que há uma extrema mobilidade semântica e funcional dessas palavras, o que é uma característica típica das interjeições.

Em outras palavras, alguns advérbios e interjeições estão muito próximos por seus usos linguísticos que evocam avaliações e emoções humanas. Em relação às expressões de *espanto* e *admiração* ou de *assombro* e *estranheza*, é possível que possam ser expressas pelo falante através de advérbios e de interjeições, guardando-se logicamente as finas distinções entre essas sensações. Como analisado anteriormente, o *assombro* aparentemente está mais voltado para um significado de *espanto*, enquanto a *estranheza* associa-se ao conceito de *admiração*, não importa se for uma sensação positiva ou negativa como felicidade ou medo, respectivamente.

Concluindo, assim como não foi possível estabelecer nas gramáticas uma exposição coerente do conceito da categoria das interjeições, não é possível definir claramente através de explicações gramaticais quais são as expressões de *estranheza* e de *assombro* em língua

portuguesa, não havendo sequer a menção desses conceitos nas obras pesquisadas. Os autores tentam estabelecer regras e situações linguísticas para o uso de expressões sem reconhecer que os usos da língua são totalmente dependentes do contexto, o que acaba por gerar confusão naqueles que consultam essas obras em busca de aprendizado.

3.3 – Aplicações funcionais de *assombro* e de *estranheza* em língua escrita

Depois de observado que não é possível estabelecer uma definição precisa em gramáticas descritivas e de perfil tradicional referente a expressões típicas de assombro e de estranheza em língua portuguesa, busca-se, nesta seção, comparar os resultados dos significados obtidos dos itens linguísticos na *seção 3.1* com aplicações funcionais de uso em língua escrita no meio acadêmico e cotidiano. O objetivo desta etapa foi verificar se os contextos de uso dicionarizados dos itens eram equivalentes aos de uso corrente em língua escrita.

Para que esta proposta fosse alcançada, foram pesquisados os diversos usos de assombro e de estranheza em *sites* de busca, *google* acadêmico, livros e artigos científicos em geral. A seguir, segue uma descrição de alguns exemplos coletados em conjunto com os seus respectivos comentários.

Zuben (1992) questiona e propõe uma reflexão sobre o papel da Filosofia nas universidades e na sociedade contemporânea. Ademais, apresenta os conceitos de *assombro* e de *estranheza* sob pontos de vista filosóficos. Nos excertos abaixo, é possível perceber claras distinções entre o sentido de ambos os itens:

A “teoria” não é qualquer visão. Ao tentar descobrir a realidade o homem a enfrenta como uma aporia. E esta provoca o espanto. “Espantar-se – diz Sócrates no Teeteto – a filosofia não tem outra origem”. O *thaumadzein*, o espantar-se, testemunha a mudança, a transformação que se opera em relação ao mito. Neste o *thau*ma é o objeto do espanto, da admiração; o efeito por ele produzido é o sinal, nele, da presença do sobrenatural. Quando para os seus antecessores a estranheza de um fenômeno impunha o sentimento do divino, para os Milésios a estranheza se propunha aos espíritos como aporia, como uma questão. O insólito e o estranho não fascinam mais a inteligência mas a mobilizam. Há como uma transformação: o espanto, como veneração se transforma em questionamento. Ao ser reintegrado, na ordem da natureza, o *thau*ma, ou

aquilo que resta de “maravilhoso”, é, ao término da investigação, a engenhosidade da solução encontrada e proposta. (p.15)

Estranhamento não é simples assombro, surpresa. Estranhar-se perante algo, perante as coisas é estranhar-se delas, fazer-se estranho a elas. Na atitude natural há um contato ingênuo com as coisas; não há verdadeiros problemas, não há aporia, tudo parece familiar, evidente, inquestionável. Na estranheza ocorre a ruptura, e o trato habitual com as coisas é rompido. Ao nos surpreendermos, percebemos logo que as coisas são estranhas a nós e nós a elas. Estranhos no sentido de diferentes, outros; separamo-nos delas. Na estranheza desvelamos o que a familiaridade encobria. Deste contraste entre o familiar e o estranho surge a questão. Na passagem da atitude natural cotidiana, onde nada é problemático, à atitude teórica ocorre, e mais, é necessária uma torção, uma conversão que desliga o indivíduo do comércio ingênuo com as coisas. Da atitude natural à atitude teórica filosófica ocorre a conversão. Esta conversão é a separação em relação ao que precede e adesão ou enfrentamento do que vem. (p.16)

O conceito de *aporia*, de acordo com Aristóteles em sua obra *Metafísica*, é um estado inicial de ignorância comparado a um homem acorrentado e que é provocada pela constatação do fato de existirem argumentos em conflito. O *espanto* e a *admiração*, conforme Zuben (1992), ocorreriam quando o homem enfrenta esse impasse e se transforma, provocando uma ruptura em seu estado de espírito anterior. A *estranheza*, como aponta o autor, estaria relacionada com a *aporia*, ou seja, só se dá ao constatar a ignorância através do reconhecimento daquilo que se desconhece. A *estranheza*, deste modo, é entendida como a desencadeadora do autoquestionamento do homem, que ocasiona o rompimento das correntes que o aprisionam.

Já, no segundo trecho, o autor aponta uma distinção entre o *estranhamento* e o *assombro*. O assombro relacionar-se-ia mais com a atitude ingênua diante das coisas: não há o autoquestionamento e nem rupturas; o homem não se transforma diante do desconhecido porque não há *aporia*, tudo se relaciona com o seu cotidiano e é inquestionável. Em suma, assume-se no texto que a *estranheza* pressupõe o reconhecimento do homem de que é possível existirem múltiplos argumentos que, mesmo em conflito, possuem valoração similar ou equiparável. Em contraste, o *assombro* é entendido como uma posição neutra ou indiferente diante dos problemas desencadeados por conflitos, fazendo-se alheio a eles.

Janzen (2004) propõe apresentar contribuição pedagógica e intercultural a partir da concepção bakhtiniana de linguagem, do romance de formação da literatura alemã “Jakob von Gunten”, de Robert Walser, mediada com finalidades didáticas, pela leitura anterior do romance de formação brasileiro “O Ateneu”, de Raul Pompéia. Para tanto, parte da perspectiva wierlacheriana de Germanística intercultural para estabelecer contrapontos a elementos do percurso teórico-prático dessa orientação. O autor explicita um uso para *estranheza* com sentido de *distanciamento*, conforme se transcreve a seguir:

Entendemos que os grupos alicerçados em uma orientação etnocêntrica estão, sem dúvida, mais inclinados a enxergar outros grupos de uma forma estereotipada e estática e a fixar-se nos valores do próprio grupo, dificultando o diálogo cultural e, desta maneira, intensificando o grau de estranheza em relação à outra cultura. (p.37)

A aceção de uso destacada se refere a *estranho*, associada intrinsecamente com o conceito de *estrangeiro* em seu sentido etimológico. O trecho afirma que é mais comum a grupos com orientação etnocêntrica enxergar outros grupos de modo estereotipado – atrelados ao sentimento de *xenofobia*, que também se relaciona com *estranho* – e que, por sua vez, resistem em aceitar culturas distintas e estabelecer diálogo com outros valores.

Botta (2006) faz uma análise léxico-semântica de diversas palavras contextualizadas em frases de reportagens jornalísticas brasileiras, referentes à guerra dos Estados Unidos contra o Iraque. O intuito de sua análise é mostrar que existe uma intencionalidade ideológica dos usos linguísticos em criar uma imagem pejorativa dos iraquianos em relação aos norte-americanos.

No decorrer da dissertação, há uma associação de *assombro* com *prodigioso* em um uso extraído de uma notícia de jornal. A autora faz menção ao dicionário de Houaiss e Villar sobre a significação daquele termo:

A disparidade do confronto entre a assombrosa tecnologia bélica da superpotência... (Revista Veja – 16/04/2003). (p.122)

Prodigioso

1 Relativo a prodígio (subst.); **2** em que há prodígio; maravilhoso, assombroso, fantástico (...) (Dicionário Houaiss). (p.146)

Botta (2006), em sua análise, conclui que o uso do item *assombrosa* na matéria jornalística carrega o sentido de *prodigioso* e assume uma conotação positiva intencional, assim como diversas outras construções, tais como *indevassável*, *primor*, *badalado*, etc. A autora argumenta que o emprego desses usos feitos pela imprensa busca transmitir propositadamente uma clara superioridade dos Estados Unidos em relação ao Iraque.

No que tange à *estranheza*, o seu sentido é ligado ao de *bizarro*, *esquisitice* e *extravagância*, com base no *Dicionário de usos do português*, de Francisco da Silva Borba (2002):

A unidade *Bizarro* também foi registrada em uma única ocorrência, na revista *Veja*, para tratar da justificativa religiosa que Saddam usava para seus atos. Neste contexto, a lexia deixa de lado sua conotação de base e assume o papel mais usado popularmente hoje, como já registra o *Dicionário de Usos do Português* (2002), de Francisco Borba, com as ideias de “esquisitice”, “extravagância” e “estranheza”. (p.144-145)

Ao contrário de *assombro*, o item *estranheza* é interpretado com uma significação negativa pela autora, ligado àquilo que é bizarro, esquisito e extravagante, com base no dicionário de Borba (2002). Segundo Botta (2006), a ocorrência de *bizarro*, utilizada pela imprensa com referência a Saddam Hussein, dentre os diversos significados apresentados, teria por finalidade transmitir ao público a noção de que ele é alguém “estranho”, o que evoca novamente também o sentido etimológico de *estrangeiro* e à *xenofobia*.

Junqueira Filho (2008) discorre sobre a metapsicologia e busca suas definições e raízes. O autor discute a questão da *estranheza* e o conceito de valoração pessoal. Afirma que aquela é o estado de mente metapsicológico por excelência. O item *assombro* é mencionado apenas no título do artigo, sem uma definição exata em momento algum do texto, porém aparenta receber uma valoração positiva através da percepção estética apurada. Em contraste, *estranheza* é diversas vezes relacionada com as obras de Sigmund Freud ao tecer noções de conflito estético e reciprocidade. Seguem excertos:

Fascinou-me constatar que a expressão “metapsicologia” expressava a tensão entre um ideal de completude epistemológica e o real de uma fermentação original de onde não podemos excluir a estranheza, o inesperado e o misterioso (...). (p.30)

Freud abre o artigo com uma detalhada discussão semântica a respeito do adjetivo *unheimliche* associado com sensações de estranheza, esquisitice, inquietação, estrangeirice, desconforto, ameaça, temeridade e sinistrose. (p.31)

Captamos assim no seu esplendor o significado simbólico do tigre: aquilo que o torna fascinante é a tensão emocional causada pela união dos contrários, tigre e cordeiro, ambos deidades intrínsecas à mente humana. (p.35)

Junqueira Filho (2008) aborda a *estranheza* como uma tensão. O conflito estético e de reciprocidade é exposto através da concepção de Freud das noções de ideal e real, o qual decorre por via da inquietação e do desconforto e, muitas vezes, sob a ameaça diante da iminência de um colapso. A *estranheza* associa-se com o estrangeiro, o misterioso ou desconhecido, com a sensação de temer e se buscar uma resposta sobre o que causa o desconforto. É compreendida como uma atitude reflexiva diante de uma experiência traumatizante que causa inquietude. O conceito de *assombro*, todavia, apesar de aparecer apenas no título e não ser explicitamente enunciado na redação do texto, assume uma valoração positiva ao ser substituído por itens como *esplendor* e *fascinante*, sendo o resultado do ápice estético por meio da tensão emocional facultada pela *estranheza*.

Em Bittencourt (2009), o autor apresenta a análise sobre o que denomina “sentimento de *estranheza*” sob um ponto de vista psicanalítico, associando-o ao *medo*. A discussão do tema dá-se através da problemática do medo e do fenômeno da *segregação urbana* na sociedade contemporânea, utilizando como *corpus* o referencial empírico de moradores de um bairro da cidade de Fortaleza. Quanto à expressão “sentimento de *estranheza*”, esta é utilizado pelo autor para designar o medo do estranho e a neurose social em busca de segurança. Pode-se ler essas informações nos trechos selecionados a seguir:

(...) o “estranho” é representado pelo “outro-diferente”, e que logo é situado numa posição de estranheza pela falta de conhecimento objetivo sobre ele. No entanto, o “estranho”, esse ente indecifrável, não é apenas uma representação daquilo que desconhecemos no outro, mas principalmente daquilo que desconhecemos em nós mesmos. (p.173)

Todos aqueles que cruzam as ruas passam a ser suspeitos virtuais, figuras assustadoras que revelam o sentimento de “estranheza” guardado dentro de cada um. Na falta de uma definição precisa, elaboram imagens

estereotipadas, “essencializadas”, para que dessa maneira seja possível esvaziar um pouco o “poço de ansiedades” presente em suas vidas. (p.175)

Mais uma vez se observa a concepção etimológica de *estranheza* ligada a atitudes de xenofobia, além do preconceito e discriminação diante daquilo que é suspeito ou se desconhece. A valoração negativa associada ao distanciamento na presença de algo ou alguém está intimamente relacionada à concepção de *estranheza* no texto de Bittencourt (2009), tendo na criação de estereótipos daquilo que se considera indecifrável o reflexo das ansiedades e tensões presentes no cotidiano dos cidadãos.

Almeida (2009), por sua vez, expõe uma introdução ao estudo e propõe a aplicação prática do direito a partir da visão proporcionada pela arte cinematográfica de situações de convívio humano. A evolução histórica da criação e do desenvolvimento do cinema como técnica, arte e linguagem estabelece a ligação com a linguagem jurídica, pela característica comum de ambos serem produtos culturais e, invariavelmente, tratarem dos conflitos e dramas humanos. Em um trecho do artigo, é possível observar o uso de *assombro* em contextos de susto, pânico ou pavor:

O assombro diante da novidade foi tamanho que muitos espectadores se afastaram correndo acreditando que pudessem ser atropelados pela imagem do trem vindo em sua direção. As fotografias que se moviam causaram verdadeiro assombro. (p.40)

Diferentemente da significação positiva referida por Junqueira (2008) ao *assombro*, em Almeida (2009), nota-se uma atribuição negativa nos sentidos de *pânico*, *pavor* e *medo*. Ademais, o autor relaciona o item a uma reação automática ou instantânea – *se afastaram correndo* – frente a uma situação inesperada.

Morais (2009) discute as relações entre comunicação e *estranheza* e o que une esses dois conceitos na interação comunicativa, recuperando as concepções postuladas por Habermas e Lévinas. *Estranheza* na comunicação mostra-se como um sentido de *marcação de contraste* e de *percepção de distinções* através de paradigmas. Em dois trechos da obra é possível observar as seguintes afirmações:

(...) estranheza, implícita na relação com a alteridade que sempre se estabelece no processo comunicativo, invariavelmente surge como um obstáculo a ultrapassar, sendo infrutífera a relação comunicacional que não investe em territórios comuns com o outro. (p.4)

Todos os esforços da racionalidade vão no sentido de anular a estranheza através de classificações. A razão deve evitar tudo o que obscurece e, nesse sentido, ocupar-se apenas do que pode medir-se e classificar-se. (p.77)

A condição de ausência de conhecimento ou ignorância está nitidamente relacionada com *estranheza* na obra de Moraes (2009). Definida como “um obstáculo a ultrapassar” e que deve ser anulada através dos “esforços da racionalidade” nos excertos citados, *estranheza* é qualificada como um valor negativo e que deve ser superado a fim de se obter êxito nas relações comunicativas interpessoais.

O artigo de Melo (2011), de outra perspectiva, discute o fenômeno da alienação ocidental na atualidade e o discurso da *estranheza* que vem se consolidando no âmbito acadêmico europeu. Tal discurso é, em certa medida, marcado por uma crítica cultural que tenta fazer justiça ao “*estranho*” recalcado por séculos pela cultura europeia. A *fenomenologia da alienação* é entendida como *um momento transitório da estranheza* a partir de uma reformulação de seu conceito. Lê-se nos seguintes trechos:

Auto-alienação é para a filósofa um estado no qual o indivíduo não pode se apropriar da própria vida ou dispor de seus próprios atos, como seria o caso de uma pessoa que não sabe lidar com uma parcela profunda de estranheza na sua própria consciência. (p.10)

(...) o fenômeno da estranheza também está submetido a ordens que permitem e impedem passagens, de tal forma que o acesso a uma camada de significação implica sempre a inacessibilidade a outras camadas. (p.17)

Contrariamente à perspectiva filosófica presente em Zuben (1992), que assinala a *estranheza* como o primeiro passo para a autorreflexão e o conhecimento, Melo (2011) nos excertos apresentados a aponta com uma aparente valoração negativa pelo sentido de auto alienação que torna o indivíduo incapaz de se apropriar de seus próprios atos. Ademais, demonstra um caráter ambíguo para o item por permitir abrir passagens e, ao mesmo tempo, impedir o acesso ao entendimento.

Por fim, no livro de literatura infantil de Vassallo (2011), por meio de linguagem poética, há a narrativa da história de uma professora que sabia encantar seus alunos. A professora ensinava como ver os significados ocultos das palavras, como diminuir os medos e multiplicar a poesia no pensamento. Em certo trecho do livro, há uma definição poética bastante interessante do *assombro* e da *estranheza*, conforme segue:

Maísa era uma professora que olhava para tudo com olhar de assombro e estranheza. Ela dizia que assombro é um susto cheio de beleza e que estranheza é o casamento do estranho com a surpresa. (p.2)

As aulas da Maísa eram mesmo assombrosas, estranhas e surpreendentes. Na escola, ela se derretia de amor pelas palavras, pelas frases, pelos livros. (p.2)

Assombro articula-se com a *beleza*, enquanto *estranheza* seria a união entre aquilo que é *estranho* com a *surpresa*. Um fato curioso a ser mencionado sobre a obra de Vassallo (2011) é que a professora Maísa busca ensinar significados incompreendidos que estão ocultos nas palavras, de modo a expandir o conhecimento das crianças e cessar os seus medos daquilo que desconhecem.

Analisando o material colhido em livros e artigos científicos, verifica-se que há definições extensas e bastante diversas sobre a *estranheza* nas variadas áreas acadêmicas do conhecimento. Não existe um consenso sobre a sua definição, alternando entre o sentido de distanciamento, medo e alienação quase completa em relação ao outro e ao mundo, conforme visto em Janzen (2004), Junqueira Filho (2008), Morais (2009) e Melo (2011), a um estágio inicial de inquietude que marca uma pré-consciência sobre o outro e de aceitação da diversidade de culturas e tradições distintas por meio da reflexão, como em Zuben (1992) e Bittencourt (2009). Entretanto, o sentido etimológico relacionado com aquilo que é *estranho* e ao outro, como alguém desconhecido proveniente de uma cultura ou país diverso (*estrangeiro*), parece estar preservado nos usos observados.

Assombro aparenta se relacionar com qualidades intensificadoras e a atos instintivos e involuntários. Botta (2006) o associa à qualidade de *prodígio*, Junqueira Filho (2008) o vincula a algo *esplendoroso* e *fascinante*, enquanto Vassallo (2011) o incorpora à *beleza*. Todavia, Zuben (1992) o qualifica de forma neutra como um estágio de indiferença em relação aos conflitos que cercam o indivíduo, sendo Almeida (2009) o único a atribuir uma

valoração realmente negativa ao usá-lo na descrição de uma cena de pânico e pavor. Quanto à valoração dos itens, *assombro* parece carregar um significado semântico mais positivo, indo do neutro ao extremo positivo. Já *estranheza* se mostra no extremo oposto, indo do neutro ao extremo negativo.

Referente aos dados coletados em *sites* de busca, seguem alguns usos prototípicos encontrados para *assombro* e *estranheza* e os seus respectivos significados:

- *Estranheza* como jargão científico da Física:

Na física de partículas, *estranheza*, notada como S , é a propriedade das partículas, expressa como um número quântico para descrever a decomposição das partículas em reações fortes e eletromagnéticas que ocorrem em um curto período de tempo.

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Estranheza_\(f%C3%ADsica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Estranheza_(f%C3%ADsica)) – acesso em 06 de janeiro de 2016.

Como explica Moreira (2007), em experimentos de raios cósmicos, a velocidade de decaimento de algumas partículas se apresentou mais acelerada do que outras e não correspondia às previsões teóricas dos pesquisadores. O comportamento adverso dessas partículas fez com que os pesquisadores as batizassem de “partículas estranhas”, daí o uso do item *estranheza*.

- *Estranheza* como preconceito/discriminação – nesse uso, o valor previsto para o traço etimológico de *estranheza* está presente, em especial porque se liga ao item lexical estrangeiro, ou seja, um contexto típico para o uso.

O sujeito se sente diferente ao não ser acolhido. O não acolhimento é um dos pressupostos para diferença, para *estranheza* do estrangeiro.

Fonte: “A *estranheza* do estrangeiro” em www.apaebrasil.org.br/arquivo/17288 - acesso em 06 de janeiro de 2016.

- *Estranheza* como desconfiança – nesse uso, identifica-se um item lexical com valor semântico plenamente compatível com o valor etimológico ligado ao estranho, que pode ser aquele que causa desconfiança.

“Possível venda da Bozzano pela Hypermarchas é vista com estranheza pela Planner”

SÃO PAULO – A possibilidade de venda da marca Bozzano pela Hypermarchas (HYPE3) foi vista com desconfiança pela Planner, uma vez que a corretora esperava que a empresa se desfizesse dos ativos dos segmentos de Alimentos e Limpeza (...)

Fonte: Equipe Infomoney (05/10/2011)

www.infomoney.com.br/hypermarchas/noticia/2226045/possivel-venda-bozzano-pela-hypermarchas-vista-com-estranheza-pela-planner - acesso em 07 de janeiro de 2016.

“Causa estranheza o fato de as medidas terem sido anunciadas sem consistência técnica, repetindo argumentos anteriormente já esclarecidos”, diz o secretário. Isso reforça, diz ele, a sensação de que existem outras motivações para a decisão russa, além das questões técnicas alegadas.

Fonte: Blog do Planalto

<http://blog.planalto.gov.br/suspensao-de-estabelecimentos-exportadores-de-carne-para-a-russia/> - acesso em 7 de janeiro de 2016.

- *Assombro* como maravilha/portento: diferentemente dos usos etimológicos, identifica-se no exemplo seguinte o uso com valor positivo. Nesse caso, o que permaneceu ligado à etimologia foi a grandeza da sensação.

Foi um assombro total!

De tamanha beleza eram as idéias, tão profundos os conceitos, tão cintilantes as frases, tão suaves as cadências dos períodos, que os ouvintes ficaram como que extáticos de enlevo.

Fonte: A Caridade (Renato Burity)

www.rivalcir.com.br/mensagemdia2002/junho03.html - acesso em 07 de janeiro de 2016.

- *Assombro* como surpresa: como uso mais recente na língua, e distante da etimologia, o uso seguinte remete à grandeza do evento vivenciado pelo escrevente.

“Não esperava, foi um assombro. Contentamento de piá que ganha finalmente o cachorro prometido na infância.” (Fabrício Carpinejar)

Fonte: Discoteca de Discussões – Do Twitter para os livros

<http://discods.blogspot.com/2009/11/do-twitter-para-os-livros.html> - acesso em 07 de janeiro de 2016.

- *Assombro* como locução intensificadora: no exemplo que segue, identifica-se a mobilização do valor de grandeza gerando uma locução intensificadora sucedida por um adjetivo, alvo da intensificação.

A minha amada será um assombro de beleza

Muitos hão-de julgar que a minha amada
Será um raro assombro de beleza
Porém, não é assim, à Natureza
Ela só deve uma Alma bem formada.

Os dotes pessoais de que é ornada
São filhos duma pura singeleza:
A constância, lealdade, amor, firmeza,
Nos versos meus a fazem decantada.

Francisco Joaquim Bingre (autor português do século XIX) , in ‘Sonetos’.

Fonte: Poietiko

http://poietiko.blogspot.com/2013/10/a-minha-amada-sera-um-assombro-de-beleza_11.html - acesso em 7 de janeiro de 2016.

Com base em todos os materiais coletados, foi possível observar os seguintes contextos de uso aplicados em língua escrita para *assombro* e *estranheza* listados a seguir:

- (i) Estranheza e assombro representando dualidades de estados e/ou emoções, tais como *estranho* + *surpresa* para estranheza e *susto* + *beleza*, *temor* + *bênção* e *raridade* + *sentimento de dominação* para assombro;
- (ii) Estranheza em contextos de uso que referendam preconceito, discriminação, distanciamento e alienação perante algo ou alguém; sentimento de xenofobia em relação a estrangeiros, suspeita e desconfiança diante de um fenômeno ou de uma atitude do outro; surpresa e medo daquilo que é desconhecido e/ou considerado estranho através de julgamentos pré-estabelecidos entre comum *versus* incomum, além de um jargão científico utilizado pela física quântica;
- (iii) Assombro como adjetivo intensificador, surto de felicidade, maravilha, fascínio ou portento em uma situação agradável e geralmente

inesperada; terror, medo, horror, susto, pânico ou pavor em relação ao desconhecido ou em situações que ameacem a integridade física ou psicológica do indivíduo e/ou de seus semelhantes; admiração, perplexidade, espanto ou surpresa em situações repentinas e que, muitas vezes, exigem uma reação automática por parte do sujeito que as vivencia.

Em conformidade com as análises nos dicionários, nas gramáticas e nos contextos de uso em língua escrita, reconhece-se que é possível captar diferenças e semelhanças entre o *assombro* e a *estranheza*, não sendo possível afirmar que, em termos de uso, os itens interjetivos se distanciam completamente entre si, muito pelo contrário. Percebe-se, além disso, que a aplicação funcional desses itens linguísticos é bastante abrangente e diversificada em relação aos sentidos dicionarizados. Como exemplos, é possível mencionar o uso de *assombro* como adjetivo intensificador e a pluralidade e a mistura de diversos estados e/ou emoções utilizadas para definir ambos os itens.

Outra característica importante a se observar é que os contextos funcionais de uso não são uniformes e podem assumir sentidos de polos distintos. Um fato curioso é que, além da diversidade semântica encontrada nos usos cotidianos, as aplicações funcionais em língua escrita apresentam-se também de modo diversificado no meio acadêmico, de acordo com a área de especificidade como observado no material coletado nas áreas de Letras, Filosofia, Psicologia, Física e Direito.

Combinando os dados obtidos previamente nos dicionários e gramáticas com a aplicação funcional de usos, infere-se que é possível perceber tanto diferenças quanto semelhanças entre *assombro* e *estranheza*. Segue um apanhado geral resumido dessas características:

Assombro <i>versus</i> Estranheza em contextos de uso
<p>Semelhanças: Há uma aproximação semântica de assombro e estranheza com surpresa, ao designarem eventos raros e/ou repentinos; ambos os itens apresentam-se, em muitos casos, como uma representação de uma dualidade de estados e/ou emoções; possuem cargas negativa e positiva, a depender do contexto em que se inserem, podendo se referir a uma situação desconfortável ou de êxtase perante algo ou alguém.</p>
<p>Diferenças: Estranheza é utilizada como sinônimo de suspeita e desconfiança, o que não ocorre com o assombro; assombro pode atuar como adjetivo intensificador, o que não foi observado com estranheza; estranheza, em certos casos, associa-se a uma atitude fixa e duradoura de medo e distanciamento de algo ou alguém, inclusive ligada a atitudes de xenofobia e discriminação; assombro, entretanto, aparenta ser mais utilizado para designar atos automáticos, espontâneos e repentinos como susto, pavor e pânico generalizado; parece haver uma carga semântica com função um pouco mais positiva para assombro, tal como um surto de felicidade, enquanto estranheza vai do neutro ao negativo, representando preconceitos e fuga do desconhecido.</p>

Quadro 4: Resumo de assombro *versus* estranheza em contextos de uso.

Torna-se evidente que não é possível definir os conceitos de *assombro* e de *estranheza* através de uma proposta normativa que limite as variadas situações possíveis para ambos os itens. Assumindo que a língua está em constante mudança e, conjuntamente, os usos linguísticos, não é possível afirmar que na aplicação funcional cotidiana existam diferenças significativas para os contextos de uso dos itens lexicais, pois podem atuar como sinônimos em contextos similares.

Na seção seguinte, será discutida a relação da comunicação não verbal e da afetividade com a estranheza e o assombro, tendo como auxílio a neurociência, a psicologia cognitiva e a psicologia evolutiva. A intenção da proposta é verificar se existe a possibilidade de estabelecer uma distinção de critério entre tipos distintos de expressões interjetivas usando as expressões de assombro e de estranheza como paradigma, não sob um viés normativo de língua, mas através da distinção dos processamentos mentais que ocorreriam nos usos dessas expressões.

3.4 – As expressões não verbais de comunicação e a afetividade em contextos de assombro e de estranheza

Tendo em vista a necessidade de um aprofundamento de estudo com o objetivo de investigar se é possível estabelecer uma distinção sobre quais contextos se aplicariam às expressões de assombro e de estranheza em língua portuguesa, esta seção dedica-se a apresentar quais pistas a linguagem não verbal de comunicação e a afetividade podem oferecer em termos de respostas. A partir das análises anteriores, reconhece-se que as expressões interjetivas – dentre elas o assombro e a estranheza – estão intrinsecamente relacionadas com um interdiálogo discursivo-pragmático, pois se relacionam, muitas vezes, com contextos que demandam reações imediatas ou que causam surpresa diante de algo inesperado.

No que concerne às expressões não verbais de comunicação, Steinberg (1988) afirma que os gestos – os quais não costumam ser sempre observados e analisados durante uma interação – acompanham o ato de fala e, frequentemente, são empregados para substituí-lo ou reforçá-lo. A autora classifica-os, quanto à sua natureza, como instintivos ou deliberados. Ambos variariam de uma cultura para a outra, sendo aprendidos juntamente com o processo de aquisição linguística. Sobre a descrição de ambos, leia-se:

- (i) *Gestos instintivos*: acompanham movimentos fisiológicos; são desencadeados por estímulos externos e se manifestam, por exemplo, através de reações de medo, alegria e surpresa; ocorrem, geralmente, de maneira súbita e frequentemente não podem ser evitados;
- (ii) *Gestos deliberados*: empregados intencionalmente, seja de maneira codificada ou não.

É possível que as expressões linguísticas, assim como as expressões não verbais de comunicação, possam ser classificadas em relação ao seu grau de deliberação. Expressões linguísticas mais automáticas e menos reflexivas estariam mais relacionadas com os gestos instintivos, sendo a classe das interjeições predominante nesses contextos de uso. Em contraste, expressões mais deliberadas seriam menos automáticas e mais reflexivas,

abrangendo construções sintáticas mais complexas e elaboradas compostas por todas as classes de palavras da língua portuguesa.

Rector e Trinta (1985:44) mencionam um ponto importante sobre as expressões não verbais de comunicação: a importância do contexto pragmático na atribuição dos sentidos linguísticos. De acordo com os autores: “Geralmente é a mensagem não-verbal que traz consigo a realidade, mesmo contradizendo a verbal. Vemos, assim, que o gesto significa mais do que a palavra, ao menos em certos casos”.

Tal afirmação conduz à ideia de que os valores culturais dos indivíduos, em muitos casos, estão intimamente relacionados com as manifestações corpóreas. Em termos culturais, é possível mencionar como exemplo as pessoas adeptas do budismo, que acreditam que o espírito das pessoas reside no topo da cabeça. O simples toque nessa região pode ser um ato ofensivo e de violação do espaço do outro, pois é considerado um lugar muito íntimo do corpo para essa cultura. Relativo às expressões linguísticas, além da prosódia, os gestos corporais podem modificar completamente o sentido de uma construção linguística ou, ao menos, torná-la ambígua. Como exemplo, apontar para a direita e solicitar ao ouvinte que olhe para a esquerda no mínimo torna ambíguo o código linguístico e dificulta a compreensão da real intenção comunicativa.

Todo e qualquer gesto, segundo Rector e Trinta (1990), assume uma função elementar em um processo de comunicação do corpo. Como códigos comunicativos, os gestos se relacionariam em três níveis de distribuição:

- (i) *Sintático*, pois os gestos podem figurar numa sequência, cujo sentido, considerado o contexto, provém do encadeamento;
- (ii) *Semântico*, pois os gestos possuem significados (convencionais);
- (iii) *Pragmático*, pois os gestos remetem à experiência individual e à competência social daquele que gesticula.

Como se nota, tanto a língua quanto a comunicação não verbal são códigos que podem ser classificados através das três dimensões do discurso (sintaxe, semântica e pragmática). Em se tratando de análises linguísticas, não é possível separá-los para se atribuírem sentidos como as teorias não funcionais costumam fazer. Conforme Givón (2005) atesta, separar os códigos linguísticos das inferências pragmáticas que governam os

seus usos é o mesmo que excluir ou ignorar dos contextos os processos mentais que ocorrem nas interações comunicativas.

Ainda descrevendo os conceitos apresentados por Rector e Trinta (1990), observa-se como é moldada a educação não verbal em um dado contexto cultural. A educação não verbal intencionada, de acordo com os autores, seria aprendida através dos seguintes processos:

- (i) *Formal*: é aquela geralmente aprendida com os pais ou cuidadores; são os chamados “bons modos” e a distinção entre o que é considerado “certo” e “errado”, em termos de conduta, na sociedade, influenciando como um guia social do corpo; um exemplo ilustrativo é quando uma mãe ensina para a sua filha que, ao se assentar, se devem cruzar as pernas;
- (ii) *Informal*: são as influências culturais que atuam no indivíduo através da imitação; padrões de comportamento que as pessoas adotam para que sejam aceitas nos diversos grupos sociais nos quais se relacionam;
- (iii) *Técnica*: aprendida em instituições, tais como cursos de oratória, disciplina e aptidão.

Similarmente às dimensões do discurso, há um paralelo entre a comunicação não verbal e a língua no que tange à influência da cultura. De acordo com Givón (2005), as normas culturais pragmáticas são observadas através dos contratos comunicativos, sendo a cultura a moduladora de situações aceitas ou rejeitadas pelo indivíduo e a sociedade para usos linguísticos e pragmáticos. Como exemplo, no Brasil, é comum muitas pessoas conversarem em uma distância bem próxima umas das outras, interagirem com bastante contato físico e se cumprimentarem com beijos no rosto, o que não costuma ocorrer de maneira usual em países asiáticos e europeus como o Japão e a Inglaterra respectivamente.

Ainda, segundo Rector e Trinta (1990), para realizar qualquer análise sobre um gesto é preciso sempre levar em conta:

- (i) A *estrutura*, ou base física e fisiológica sobre a qual se assenta;
- (ii) A *função* ou valia social do gesto em seu significado cultural;
- (iii) A *referência* ou relação do gesto a um conjunto de hábitos mentais, ideias, maneiras de ver, etc., no qual se inscreve e adquire valor.

Refletindo sobre a influência que a cultura exerce em expressões não verbais de comunicação, é possível afirmar que a intensidade e a diversidade gestuais variem de modo bastante diversificado em culturas distintas e, até mesmo, entre indivíduos de uma mesma sociedade. Entretanto, pesquisadores que tratam a respeito do tema das expressões humanas e da afetividade como um todo classificam-nas a partir de critérios que as separam entre aquelas com características mais culturais, em oposição às expressões que se enquadrariam em tipos universais da espécie humana.

Em conjunto com a cultura, os processos mentais e a afetividade são inseparáveis e dialogam constantemente na interface que molda as expressões linguísticas e não verbais humanas e, portanto, não podem ser ignorados como algumas teorias linguísticas costumam fazer. Assim sendo, é de suma importância expor os conceitos e os resultados de pesquisadores da psicologia cognitiva, da psicologia evolutiva e de estudos da neurociência no que se refere aos processos mentais e à afetividade, a fim de classificar tipos distintos de expressões linguísticas e não verbais.

A afetividade, conforme explicitado na *seção 2.5*, engloba as emoções, os sentimentos e processos estruturais mais complexos do cérebro humano (LEME, 2011). Contudo, muitos não utilizam didaticamente esse termo e adotam, muitas vezes, o termo *emoção*, como é o caso de Ekman (2011) ou mesmo separam o conceito em mais de um aspecto, por exemplo, entre *emoção* e *sentimento*, como o faz Damásio (2013). Como, independentemente do termo utilizado, tais autores referem-se à afetividade, mesmo que através de abordagens distintas, os conceitos apresentados serão tratados neste trabalho como inclusos no conjunto que a abarca.

Damásio (2013), ao propor a distinção entre *emoção* e *sentimento*, indica que estes devem ser designados para o conjunto de respostas que constitui uma *emoção*. Deste modo, os sentimentos não são observáveis em outras pessoas, apenas no indivíduo que os experimenta. Em defesa desta distinção, o autor afirma que os mecanismos subjacentes à

emoção não requerem consciência, mesmo que eventualmente possa ser usada, sendo a emoção e o sentimento conscientes partes integrantes de um *continuum* funcional. Por conseguinte, em termos afetivos, o assombro – por sua característica mais automática e imediata – estaria em uma posição mais à esquerda do *continuum*, enquanto a estranheza – por sua característica mais reflexiva – poderia comumente incorporar a emoção e o sentimento consciente em uma posição mais à direita do *continuum*.

Sendo os sentimentos apenas apreendidos pelo indivíduo e as emoções consideradas como as expressões dos sentimentos, em termos de análise de expressões linguísticas e pragmáticas, cabe a investigação do aspecto emotivo da afetividade, o qual se relaciona intrinsecamente com a linguagem. Damásio (2013:73) afirma que existe uma base biológica comum subjacente a todos os fenômenos emotivos. São eles:

1. As emoções são conjuntos complicados de respostas químicas e neurais que formam um padrão; todas as emoções desempenham um papel regulador que conduz, de uma forma ou de outra, à criação de circunstâncias vantajosas para o organismo que manifesta o fenômeno; as emoções dizem respeito à vida de um organismo, mais precisamente ao seu corpo; a finalidade das emoções é ajudar o organismo a manter a vida.
2. Não obstante o facto de a aprendizagem e a cultura alterarem a expressão das emoções e revestirem-nas de novos significados, as emoções são processos biologicamente determinados, dependentes de dispositivos cerebrais estabelecidos de forma inata e sedimentados por uma longa história evolucionária.
3. Os dispositivos que produzem emoções ocupam um conjunto restrito de regiões cerebrais, iniciando-se ao nível do tronco cerebral e progredindo para as partes superiores do cérebro; estes dispositivos fazem parte de um grupo de estruturas que tanto regulam como representam os estados corporais (...).
4. Todos estes dispositivos podem ser ativados automaticamente, sem deliberação consciente; a variação individual e o facto de a cultura ter um papel na formação de alguns indutores não negam a estereotipia, o automatismo e o objetivo regulador das emoções.
5. Todas as emoções usam o corpo como teatro (meio interno e sistemas visceral, vestibular e musculoesquelético), mas as emoções também afetam o modo de operação de numerosos circuitos cerebrais, ou seja, as variadas respostas emocionais são responsáveis por modificações profundas, tanto na paisagem corporal, como na paisagem cerebral. O conjunto destas modificações constitui o substrato para os padrões neurais que eventualmente se tornam nos sentimentos de emoção.

Damásio (2013), a partir da perspectiva da neurociência, expõe a importância das emoções para a própria regulação da vida do corpo. Apesar da interferência da cultura e a

da aprendizagem moldar muitas expressões emotivas, estas são biologicamente inatas e determinadas através de dispositivos cerebrais recuperados da evolução humana, conforme também demonstrado por Tomasello (2003). Tal característica biologicamente intrínseca é evidenciada pelos dispositivos que produzem emoções em regiões específicas do cérebro, ativados, muitas vezes, sem deliberação consciente, variando entre os indivíduos de acordo com a intensidade da experiência, a influência da cultura, etc. Tanto o corpo quanto os circuitos cerebrais são afetados pelas emoções, sendo as modificações nos padrões neurais os substratos que se tornam em sentimentos.

Ekman (2011:82), sob o viés da psicologia evolucionista, realizou diversas pesquisas referentes à característica inata e universal das emoções. Em consonância com os resultados de Damásio (2013) e Tomasello (2003), o autor afirma:

A evidência a respeito da proposição universal nos sinais emocionais e em algumas das mudanças na atividade do sistema nervoso autônomo sugere que, embora os programas de afeto estejam abertos a novas informações advindas da experiência, os programas não são, de início, como conchas vazias, desprovidas de informação. Os circuitos já estão ali, desdobrando-se para o desenvolvimento, influenciados, mas não totalmente construídos, pela experiência.

Ekman, sendo um dos principais pesquisadores no que tange à comunicação não verbal ligada à afetividade, realizou pesquisas em várias partes do mundo tentando encontrar universais para as expressões específicas da face humana. Os resultados de suas constatações foram baseados em estudos interculturais em diversas regiões como Papua Nova-Guiné, Estados Unidos, Japão, Brasil, Argentina, Indonésia e a ex-União Soviética.

Dentre suas descobertas, o autor chegou à conclusão que os seres humanos possuem mais de dez mil expressões faciais e que a linguagem humana é limitada por contextos socioculturais ao descrever as emoções, as quais são bem mais diversas do que os nomes dados pelas línguas em diferentes culturas. Apesar desse fato, nunca houve um caso, de acordo com o autor, em que a maioria dos indivíduos, em diferentes culturas, atribuísse uma emoção diferente à mesma expressão. Pessoas em diferentes partes do mundo são plenamente aptas para reconhecer emoções de qualquer ser humano, sem grandes margens de erro.

Ekman (2011) declara que as emoções são funcionais de forma similar à linguagem humana. Há, deste modo, um interdiálogo e uma correlação entre a língua falada, as emoções e as expressões. No entanto, não se deve cair no equívoco de reduzir as emoções a construções linguísticas, como muitos gramáticos fazem ao descrever a língua, conforme demonstrado nesta dissertação no que concerne ao fenômeno das interjeições. As construções linguísticas são representações de emoções carregadas de traços socioculturais e não as emoções em si. A linguagem é um dos muitos artifícios usados pelos seres humanos para lidar com suas emoções, mas não é possível reduzir emoções a palavras.

Eibl-Eibesfeldt (1970 *apud* MCFARLAND, 1999:402)²⁵ reitera: “Várias expressões básicas, tais como sorrir, dar risada e chorar são universais. Essas expressões, além de serem encontradas em diferentes grupos culturais, também estão presentes em pessoas cegas e surdas congênitas (...)” (Tradução minha). Essa declaração corrobora a de Ekman (2011:42) no seguinte trecho:

Há temas universais, que refletem a história de nossa evolução, e diversas variações culturalmente aprendidas que refletem a experiência individual. Em outras palavras, ficamos emocionados a respeito de questões relevantes para nossos antepassados e a respeito das que achamos importantes em nossas próprias vidas.

O fato de expressões, tais como sorrir ou chorar, serem idênticas em uso e em contextos similares em todos os grupos culturais estudados e, além de tudo, ocorrer também em pessoas cegas e surdas congênitas, torna-se uma evidência muito forte da universalidade de certas expressões e emoções. Ekman, em sua proposta inicial de pesquisa, opunha-se às ideias de Darwin²⁶, e acreditava que as expressões e os gestos eram socialmente aprendidos e culturalmente variáveis. Todavia, no decurso de sua investigação, o autor chegou à mesma conclusão da proposta darwiniana.

De acordo com Ekman (2011), as expressões e as emoções são universais. O que diferenciaria de uma cultura para outra é o que ele chama de *regras de exibição*, ou seja, o que é aprendido culturalmente a respeito do controle da expressão. Tais regras podem

²⁵ “A number of basic expressions such as smiling, laughing and crying are universal. Not only are they found in different cultural groups, but they also occur in people born deaf and blind (...)”

²⁶ Ver a proposta de Darwin em sua obra: *A expressão das emoções no homem e nos animais*, lançado em 1872.

impor a diminuição, o exagero, a dissimulação ou o fingimento das expressões e emoções sentidas pelos indivíduos.

Um dos experimentos que levou Ekman a essa conclusão foi colocar japoneses e norte-americanos em uma sala para assistirem a filmes de cirurgias e de acidentes sob a supervisão de um cientista e, em outra ocasião, sozinhos. Quando estavam sozinhos, as expressões faciais dos japoneses e dos norte-americanos eram similares, mas, com a supervisão do cientista, os japoneses mascaravam mais que os norte-americanos as expressões negativas com um sorriso.

Apresentar questões e argumentos que envolvam o tema dos universais humanos, inevitavelmente, lança margem para o debate do inatismo. Lima-Hernandes (2014) discorre sobre o tema na perspectiva funcionalista da linguagem. A autora reconhece que nem tudo vem pronto no indivíduo, sendo muito do que ele é construído como o produto de suas experiências por meio da interação com o mundo. Como atesta, funcionalistas asseveram que a experiência afeta a forma e a função das construções linguísticas. Visa-se, nessa perspectiva, o processo em si e não o produto finalizado.

Sampson (2007), ao contrapor a teoria chomskyana da língua como inata, conclui que as línguas demonstram serem produtos de nossa evolução cultural, sendo a articulação linguística dependente da interação social para o seu aprendizado. No que concerne aos seus aspectos biológicos, os mecanismos de percepção e de fonação servem também para outras funções e não possuem um relacionamento específico com a língua.

Tal afirmação não significa que a interação social pode criar habilidades cognitivas de modo independente dos processos de evolução e de desenvolvimento. De acordo com Tomasello (2003:75):

Isso não significa que os processos socioculturais possam criar novos produtos culturais e habilidades cognitivas a partir do nada. Chimpanzés são criaturas muito sofisticadas cognitivamente e, sem dúvida, há cerca de 6 milhões de anos, os ancestrais comuns aos homens e aos chimpanzés também o eram. Os processos de sociogênese e de aprendizagem cultural têm como fundamento habilidades cognitivas básicas relativas ao espaço, a objetos, categorias, quantidades, relações sociais, comunicação e várias outras aptidões que todos os primatas possuem. Mas os processos culturais humanos levam essas habilidades cognitivas fundamentais para novas e surpreendentes direções – e o fazem muito rapidamente do ponto de vista evolucionário.

A língua, como uma habilidade cognitiva desenvolvida e transmitida graças à cultura, relaciona-se intrinsecamente com a afetividade. Todavia, a existência desta última, diferentemente, independe da influência cultural. Damásio (2011) expõe esse fato ao demonstrar que as emoções e os seus fenômenos subjacentes são de tal forma essenciais para a manutenção da vida e a maturação individual que se encontram prontos para uso já na fase inicial de desenvolvimento. Todavia, apesar de as emoções serem automatizadas e não aprendidas não significa que não exista nada pessoal e educável nelas.

Damásio pôde concluir em suas pesquisas da neurociência que o mecanismo essencial das emoções no cérebro humano sem transtornos cognitivos é muito semelhante entre os indivíduos, mas, conforme o autor atesta, as circunstâncias em que certos estímulos tornam-se emocionalmente competentes variam entre as pessoas. Assim sendo, o convívio em sociedade e o aprendizado das normas de conduta, além das experiências individuais, são fatores que tornam as respostas emocionais consideravelmente individualizadas em relação aos estímulos causadores.

A afetividade (incluídos em seu conjunto as emoções e os sentimentos) é, portanto, universal entre os seres humanos, sendo as suas expressões marcadas por regras de exibição que variam entre culturas e, até mesmo, entre indivíduos em diferentes grupos sociais de uma mesma cultura. Charles Darwin, em sua obra intitulada *A expressão das emoções nos homens e nos animais* (2009 [1872]), por via da comparação das semelhanças intra e interespécies, foi o pesquisador pioneiro a demonstrar interesse na expressão das emoções. Adotando uma postura neodarwinista e seguindo teorias antigas de Darwin, os psicólogos Paul Ekman e Wallace Friesen (1975) apontaram nos anos de 1970 a existência de sete emoções básicas, consideradas universais. São elas: tristeza, raiva, surpresa, medo, aversão, desprezo e felicidade²⁷.

²⁷ Não há um consenso entre cientistas no que se refere a quais seriam exatamente as emoções básicas e a quantidade, apenas sobre a existência delas. Damásio (2013), por exemplo, aponta seis emoções ditas primárias ou universais e não sete: alegria, tristeza, medo, cólera, surpresa ou aversão. Steinberg (1988), porém, apenas destaca a existência dos universais indicando-os como manifestações decorrentes de dor, alegria e espanto. Não é do intuito desta dissertação entrar em discussão sobre quais seriam exatamente as emoções básicas ou primárias, somente apontar que existem estudos que demonstram a existência de universais desde a etapa inicial do desenvolvimento humano. Ekman (2011) afirma que as emoções são muito mais complexas que as palavras e, portanto, não podemos reduzi-las a conceitos linguísticos. Como complemento sobre o tema, ver a página web de Paul Ekman, que contém diversos artigos e resultados de estudos sobre as expressões e as emoções: www.paulekman.com. Acesso em 22 de janeiro de 2016.

Essas emoções primárias ou básicas são consideradas inatas e universais a todos os seres humanos, sendo que qualquer pessoa após o nascimento já pode ser capaz de expressá-las e reconhecê-las em outros indivíduos. Tais emoções seriam configurações “adaptativas” da espécie, com a função de proporcionar um melhor convívio do indivíduo em grupo. São emoções que remetem às diversas expressões faciais humanas usadas na comunicação pragmática e linguística, “sememas” básicos em qualquer recurso comunicativo.

Um século depois de Darwin, após os estudos iniciais de Ekman e Friesen (1975), diversos psicólogos adotaram a iniciativa de investigação das emoções básicas em pesquisas científicas. Dentre os psicólogos de destaque, pode-se citar Richard Lazarus (1991), que apresentou uma proposta semelhante, além de vários outros pesquisadores no assunto, tais como: Carroll Izard, Robert Plutchik, Nico Frijda, Keith Catley e John Soulaire. O próprio Ekman, em investigações posteriores, acrescentou novas emoções e fez diversas adaptações em sua teoria, mas o ponto importante de relevância para essa discussão é o marco inicial da proposta levantada por ele, ou seja, a existência de emoções básicas nos seres humanos.

Considerando a universalidade das emoções e o seu fator inato em todos os seres humanos, Ekman (2011) conceitua o que chama de temas universais e as diferentes variações desses temas que se desenvolvem nas experiências individuais. Um tema seria, por exemplo, a sensação quando uma cadeira desaba quando se está sentado nela, o que ativaria autoavaliadores que desencadeariam em uma emoção, variando a sua intensidade de acordo com as características individuais de cada um.

Autoavaliadores, segundo Ekman (2011:38), são “(...) mecanismos automáticos de avaliação, rastreando continuamente o mundo ao redor de nós e detectando quando algo importante para nosso bem-estar e para nossa sobrevivência está acontecendo”. Assim, quanto maior o tempo para os autoavaliadores identificarem um tema, mais reflexiva é a emoção. Retomando o exemplo anteriormente mencionado – a sensação de desabar junto com uma cadeira –, uma situação inesperada como aquela desencadearia uma emoção mais automática e com pouca avaliação, pois ativaria rapidamente os autoavaliadores. Já em um caso como o de um funcionário de uma empresa que está demitindo vários empregados e,

refletindo sobre a possibilidade de ser demitido, começa a sentir medo, a avaliação seria menos automática e mais reflexiva.

A partir dos mecanismos autoavaliadores, é possível estabelecer uma distinção entre expressões de emoções considerando contextos mais automáticos e outros mais reflexivos. Deste modo, pode-se supor que as expressões de assombro – como uma emoção mais inesperada – seriam mais automáticas, e as expressões de estranheza – mais sociocultural e fundamentada em avaliações de mundo do indivíduo – seriam mais reflexivas.

Ekman (2011:205-206) descreve em sua obra vários aspectos conjugados ao assombro. Nas palavras do autor, há que se analisar criticamente as emoções vivenciadas no momento de assombro para dar conta de uma conceituação mais adequada:

As características que definem o assombro são a raridade e o sentimento de dominação por algo incompreensível. Ao contrário da maioria das pessoas que descreveram o assombro, considero importante separá-lo do medo, embora ambos possam se mesclar quando somos ameaçados por algo opressivo e difícil de compreender. É um estado intenso, intrinsecamente agradável. Quase tudo que é incrível, incompreensível e fascinante pode ser fonte de assombro. Não compreendemos o que é ou como pode acontecer, mas não ficamos amedrontados, a menos que represente uma ameaça à nossa segurança e, então, vem o medo.

O autor considera o assombro como uma emoção distintiva das outras que menciona em sua obra. Dialogando com Darwin (2009 [1872]), Ekman (2011) aponta as seguintes sensações físicas para essa emoção: pele arrepiada, formigamento sobre os ombros e a parte posterior do pescoço, mudança na respiração (inspirações e expirações profundas), além de poder ocorrer o ato de balançar a cabeça. Uma característica importante no que se refere às expressões de assombro, segundo o autor, é que ninguém sabe, por enquanto, se existe um sinal distintivo na voz, na face ou no movimento corporal que codifique essa emoção.

Ainda sobre o assombro, Ekman (2011) descarta a sua associação com o sentimento de admiração, muitas vezes descrito como sinônimo nos dicionários. Como argumento, afirma que a admiração não provoca as mesmas sensações do assombro. Na admiração, ocorreria a atração por algo ou alguém, como meio de inspiração, sendo uma emoção mais próxima do entusiasmo. Referente ao processo evolutivo do ser humano, o autor hipotetiza que o assombro poderia ser uma emoção mais comum nos primeiros tempos da espécie

humana, remetendo a um passado evolutivo mais primitivo, além de também informar as dificuldades em estudá-lo. Conforme afirma o psicólogo, os contornos filogênicos do termo não podem ser delimitados com precisão, mas podem ser hipotetizados:

Pode ser que o assombro fosse comum nos primeiros tempos da História, quando os homens entendiam muito menos a respeito do mundo em que viviam. Praticamente não houve estudos científicos do assombro, principalmente pela dificuldade de conseguir que ele ocorresse em um laboratório, onde pudesse ser cuidadosamente medido (EKMAN, 2011:205).

Em relação a Damásio (2011; 2013) e Tomasello (2003), não há em suas obras definições sobre o assombro e comentários de estudos sobre esta emoção ou de suas expressões. Ekman (2011), como o principal pesquisador na área de expressões faciais, aponta diversas dificuldades em apontar definições precisas e estabelecer estudos científicos que delimitem traços de afetividade que pertencem ao universo mental e subjetivo do ser humano.

No que diz respeito à estranheza, também não há uma abordagem específica dessa emoção e de suas expressões por nenhum dos pesquisadores, mesmo por Ekman (2011). No entanto, apesar de os autores mencionados não delimitarem características intrínsecas da estranheza, é possível inferir, através de tudo o que foi exposto até aqui, traços desta emoção e de suas expressões comparando-a com o assombro.

Em primeiro lugar, a estranheza estaria mais associada aos processos de aprendizagem cultural, sendo o desencadeamento dessa emoção baseado em conhecimentos prévios de mundo relacionados aos diversos contextos socioculturais existentes. Além disso, analisando em termos de processamentos mentais para a ativação e manifestação afetiva, seria mais reflexiva do que o assombro, devido às características intensas e imediatas deste, havendo um *timing* expressivo de maior duração.

Sobre as sensações físicas e as expressões faciais e corpóreas como um todo, para ambas as emoções, torna-se muito arriscado supor qualquer traço característico definitivo já que, conforme experiências realizadas, como a de Paul Ekman com japoneses e norte-americanos, uma sensação desagradável ou de repulsa pode se manifestar tanto como uma expressão que demonstre tal sentimento quanto como uma expressão adversa, tal como um

sorriso, com a intenção de mascarar essa emoção. Essa característica das expressões afetivas advém da diversidade cultural e particular dos indivíduos.

A partir da pesquisa realizada, apenas é possível conjecturar o que seria o assombro e a estranheza em termos de suas manifestações funcionais expressivas, sem defender qualquer definição de maneira definitiva. Entretanto, a distinção destas emoções e suas expressões, conforme apresentado, parece ser baseada nos processos mentais envolvendo os autoavaliadores em um *continuum* de complexidade em que, no polo esquerdo, estaria o maior automatismo e, no direito, a maior reflexão das expressões linguísticas. Tal constatação pode propiciar possíveis respostas e hipóteses para os questionamentos levantados no início desta dissertação sobre as interjeições, na perspectiva cognitivo-funcional, o que será discutido no tópico a seguir.

3.5 – As expressões interjetivas através de um *continuum* de complexidade e de gradação da capacidade cognitiva

Mediante as conclusões anteriores, questiona-se, nesta seção, as expressões de assombro e de estranheza, e interjetivas, no geral, sejam linguísticas ou pragmáticas, a nível evolutivo da espécie. De acordo com o que foi discutido previamente, é provável que o assombro remeta aos primórdios da evolução humana, sendo suas expressões mais antigas e menos complexas a nível evolutivo. Essa menor complexidade remete, em termos de capacidade cognitiva, a processamentos mentais mais automáticos e, por isso, mais curtos.

Analisando em termos de capacidades cognitivas da espécie, algumas emoções, incluindo o assombro e suas expressões, por serem mais primitivas e, portanto, mais simples, assumiriam um maior controle sobre o corpo e a mente do indivíduo. Damásio (2011) ao contextualizar as emoções no sistema fisiológico humano, evoca uma distinção baseada nos componentes de ativação através do pensamento. Segundo o autor, alguns pensamentos desencadeados pela emoção em curso são componentes evocados à medida que a emoção ocorre para que o contexto cognitivo lhe corresponda. É certo que esse recrutamento, muitas vezes, está a serviço do indivíduo para uma resposta imediata que garanta a sua sobrevivência. Em contrapartida, há outros pensamentos que, ao invés de serem componentes estereotípicos do programa da emoção, ou seja, pensamentos que se

ativam instantaneamente ao momento da emoção, são reações cognitivas posteriores à emoção em curso.

No caso da estranheza e de outras emoções, cujos processamentos mentais costumam envolver análises de eventos em critérios de comum *versus* incomum e esperado *versus* inesperado, as expressões se aproximariam um pouco mais de uma característica reflexiva. Por conseguinte, pensando em termos de gradação cognitiva, tais expressões envolveriam um maior tempo de processamento para a ativação por serem mais recentes e complexas. Essas expressões estariam, ainda, mais relacionadas ao que Tomasello (2003) nomeou *processos de aprendizagem sociocultural*, associando-se seus traços mais à ontogênese do indivíduo do que à filogênese da espécie, por se apoiarem na cultura e na mente mimética mais recente, conforme Leme (2008), já que haveria um maior controle do indivíduo em expressar ou não essas emoções.

Expressões mais reflexivas, por serem cognitivamente mais complexas, surgem mais tardiamente do que as expressões mais automáticas e, portanto, estas seriam mais simples durante a etapa de desenvolvimento. Como uma analogia ao processo de ontogênese da espécie, primeiramente os seres humanos aprendem a se expressar não verbalmente e a reconhecer seus coespecíficos para somente depois, então, aprenderem a se locomover. Em consonância, utilizam a língua através do processo de aquisição da linguagem, articulando construções linguísticas curtas e pouco articuladas. Finalmente, aprendem a elaborar estruturas sintáticas complexas, como orações subordinadas, através da interação social cotidiana e da escolarização, reconhecendo as variadas associações entre os objetos e as suas representações. A partir daí, eles próprios tornam-se, ao mesmo tempo, usuários da língua e molas propulsoras de mudanças linguísticas através dos usos que fazem.

A partir dessa premissa, exposta por Tomasello (2003), é plausível concordar com a hipótese de que existam expressões pragmáticas e discursivas mais básicas. Estas remeteriam a um passado biológico filogenético mais remoto. Contrariamente, haveria, também, expressões ulteriores e mais vinculadas à cultura e a um passado evolutivo mais recente da espécie humana.

As expressões interjetivas, deste modo, podem ser classificadas em dois grupos, através de um *continuum* de gradação:

- (i) Expressões ativadas de maneira mais automática e instintiva, em termos de gradação cognitiva, originadas de processamentos mentais mais simples e, portanto, filogeneticamente mais primitivas;
- (ii) Aquelas que se aproximariam mais de uma característica reflexiva e, portanto, pensando em termos de gradação cognitiva, seriam originadas de processamentos mentais mais recentes e complexos, oriundos da cultura humana.

A classificação de uma expressão interjetiva como pertencente a um dos grupos teria como base um *continuum* em que, quanto menor o tempo de duração, mais automática e instintiva a interjeição seria, sendo o assombro tipicamente desse perfil. Ao contrário, expressões com um maior *timing* de duração, por demandarem um maior processamento cognitivo, se encaixariam no lado oposto do polo, com atributos mais reflexivos e sociais, sendo a estranheza um dos casos prototípicos, conforme o esquema a seguir:

Esquema 2: *Continuum* da complexidade interjetiva.

O critério do tempo de duração na realização das expressões afetivas é fundamental nessa hipótese, pois tais manifestações envolvem não apenas a língua falada, mas também a linguagem corpórea. Assim sendo, no que tange ao âmbito das expressões interjetivas, construções muito extensas, evidentemente, assumiriam uma carga fonética mais pesada, o que as associariam a uma maior complexidade linguística e a um processamento mental mais complexo. Já expressões interjetivas com carga fonética mais leve, de curta ou média

duração, por possuírem a característica mais simples, demandariam menor atividade cerebral.

Adotando a postura cognitivo-funcional de não separar a língua da pragmática, o tempo de simultaneidade mais aproximado da expressão linguística com a expressão corpórea seria um fator essencial para determinar o quanto uma construção linguística estaria próxima de um dos polos. A hipótese aqui pretendida visa propor uma classificação das interjeições a qual dê conta de unir pragmática e discurso, de modo a não privilegiar um aspecto interativo em detrimento do outro. Assim como existe uma relação motivadora entre forma e função na língua (VOTRE, 1992), esta também se dá entre o corpo e os processos mentais (DAMÁSIO, 2011).

Conforme Givón (2005) afirma, a perspectiva cognitivo-funcional não admite a língua de um ponto de vista binário; considera-a como uma manifestação dinâmica que envolve outros processos, tais como as operações mentais, os desenvolvimentos evolutivos e a interação social. Tal *modus operandi* favorece a compreensão do produto entendendo o processo (GIVÓN, 2002). O discurso, desse modo, apresenta-se integrado ao conjunto das operações mentais que possibilitam a sua produção e a sua compreensão.

Ademais, a hipótese do *continuum* de gradação de complexidade das interjeições está em consonância com os três subprincípios da iconicidade, os quais referendam a complexidade das sentenças à estrutura da cadeia sintática. A imprevisibilidade do conteúdo de sentenças torna-se maior à medida que as construções linguísticas são mais extensas, o que ocasiona maior quantidade de informação. A complexidade linguística dá-se, assim, através do esforço mental baseado na quantidade de informação processada. Por conseguinte, em contextos que exigem reações imediatas, sejam de ordem linguística, sejam de ordem pragmática, o tempo entre processamento de informação e tomada de ação revela-se mais curto e menos complexo.

Os dois níveis de processamento do afeto, discutidos por Leme (2011), são também fatores que reforçam essa classificação das interjeições em dois grupos, integrando a gramática às especificidades humanas. Do lado mais à esquerda do *continuum*, predominariam expressões interjetivas relacionadas às reações mais automáticas e independentes da cognição, restritas ao processamento de estímulos mais simples que visam à sobrevivência. Contrariamente, do lado mais à direita do *continuum*, prevaleceriam

as expressões interjetivas associadas aos aspectos reflexivos, as quais envolvem um processamento cognitivo mais complexo e mais subordinado às experiências de mundo e aos contextos socioculturais.

O interlocutor, diante de expressões interjetivas com características mais automáticas ou reflexivas, perceberia ou apreenderia com maior facilidade as primeiras, por se relacionarem mais intimamente com as emoções primordiais básicas ou universais descritas por Steinberg (1988), Ekman (2011) e Damásio (2013), dentre outros pesquisadores. Como Ekman (2011) atesta, nunca houve um caso nas suas pesquisas em que a maioria da população de uma cultura atribuisse uma emoção diferente para uma expressão facial em comparação com outros povos. Assim sendo, por via da capacidade cognitiva herdada de perceber ou apreender a intencionalidade e a causalidade no outro, desenvolvida durante a ontogênese e ao longo da filogênese da espécie, todo ser humano sem transtornos cognitivos é capaz de fazer uma leitura de outro indivíduo e compreender uma expressão pragmática mais primitiva, tal como expressões de assombro, de dor e de alegria, por exemplo. Em se tratando de expressões interjetivas linguísticas, mesmo que o interlocutor não seja proficiente no idioma falado, é capaz de captar o sentido da sentença, ainda que de maneira aproximada, através da linguagem corporal que acompanha a língua, de modo mais eficiente do que expressões linguísticas que não se relacionam tão intimamente com a afetividade.

A relevância do aspecto sociocultural para a identificação dessas expressões é muito mais importante no caso das expressões interjetivas mais reflexivas do que no das menos complexas. Ao contrário das expressões primitivas, que são facilmente compreendidas através da leitura da linguagem corporal do outro, as expressões mais complexas, por sua característica reflexiva, são muito mais alinhadas à cultura e podem ser mascaradas com maior facilidade ou incompreendidas. No caso do mascaramento, Ekman (2011) demonstra isso na experiência feita, como já mencionada anteriormente, com japoneses e norte-americanos ao serem expostos a filmes de cirurgias e de acidentes. A presença de um cientista na sala inibiu os japoneses em suas expressões faciais, mas isso não foi idêntico com os norte-americanos. Ocorreu no experimento um processamento mental reflexivo através das regras de exibição de emoções oriundas daquela cultura. As expressões que tendem a ser incompreendidas são geralmente aquelas atreladas à cultura e que é necessário

o conhecimento prévio do contexto sociocultural para a sua apreensão. Como exemplo, pode-se mencionar o *ojigi* da cultura japonesa, em que o interlocutor inclina o tronco em 45 graus em sinal de reverência e respeito ao se encontrar ou se despedir de alguém. O outro deve ser respeitado e respeito equivale a distanciamento. Essa norma cultural metaforizou-se na reação facial dos japoneses de Ekman.

Assim sendo, os contextos pragmáticos dependentes da cultura, como um cumprimento, tendem a ser mais difíceis de apreensão do que um grito de socorro em pedido de ajuda, que demanda uma ação imediata do outro em um ato comunicativo. Os cenários possíveis de ocorrência – linguísticos e pragmáticos – são muito mais amplos para as expressões primitivas, tais como o assombro, pois estão intimamente atreladas à herança biológica da espécie humana, enquanto as expressões reflexivas, que podem ocasionar estranheza, exigem maior esforço cognitivo e costumam ser mais limitadas a culturas, regiões ou grupos específicos.

Expressões linguísticas mais complexas e com maior carga silábica, tais como orações subordinadas, seriam classificadas como reflexivas por sua compreensão pela parte do interlocutor estar mais relacionada com o conhecimento do idioma em si e não tanto do contexto em que a expressão se insere. Em oposição, expressões linguísticas menos complexas e com menor peso silábico são mais facilmente apreendidas, mesmo que o interlocutor desconheça o idioma da expressão falada, pois é capaz de realizar uma leitura instintiva do corpo e das expressões faciais e compreender o significado do código, justamente porque estas costumam demandar ações mais imediatas e por estarem intrinsecamente relacionadas com as emoções universais humanas compartilhadas por todos da espécie sem transtornos cognitivos. Todavia, tal fato não significa que essas expressões, como as interjeições, situam-se fora do seu idioma de uso e não são passíveis de sofrer mudanças ao longo do tempo, como alguns gramáticos e linguistas costumam afirmar. Elas variam formalmente de maneira similar às outras classes de palavras nos diferentes códigos linguísticos humanos existentes.

Entretanto, como Ekman (2011) justifica, os estudos envolvendo as expressões faciais e a afetividade, como um todo, são recentes no âmbito acadêmico e ainda apresentam muitas dificuldades para investigação, tal como análises precisas em situações reais e não em laboratórios. Deste modo, as conclusões a respeito dos processos cognitivos

envolvendo expressões interjetivas, nesta dissertação, permanecem como hipóteses, pois ainda não é possível precisar onde estariam situados os limites graduais do *continuum* aqui proposto. Para que isso seja possível, antes de tudo, será necessária uma equipe interdisciplinar composta por linguistas, psicólogos e neurocientistas cognitivistas. Os neurocientistas atuariam de modo a analisar a atividade cerebral dos indivíduos em contextos afetivos reais; os psicólogos avaliariam as expressões corpóreas e as emoções; e os linguistas, a partir dos resultados obtidos, fariam a análise das expressões interjetivas de fala.

Devido à impossibilidade de qualquer afirmação conclusiva a respeito dos limites de complexidade, o capítulo seguinte apresentará uma análise comparativa de usos de expressões interjetivas de assombro e de estranheza nas variedades paulistana e macaense da língua portuguesa, com a pretensão de expor construções linguísticas que se inserem nos dois polos do *continuum* aqui preconizado. A intenção do estudo, em perspectiva intercultural, é aventar usos linguísticos, verificar se as expressões interjetivas parecem ocorrer em contextos semelhantes e se as construções linguísticas para expressões de estranheza e de assombro coincidem ou não nas duas culturas, explicitando as variações, quando houver. A hipótese sob checagem diz respeito, em suma, ao papel da cultura.

IV – Encaminhamentos metodológicos

Conforme discutido anteriormente, apenas uma pesquisa cooperativa entre linguistas, psicólogos e neurocientistas poderia extrair resultados mais conclusivos sobre as interjeições em contextos de uso, mesmo porque essa classe de palavras está intimamente relacionada com as emoções e a linguagem pragmática. Por outro lado, como salienta Castilho (2010), ainda não é possível descrever todos os movimentos mentais envolvidos na atividade linguística, pois isso implicaria um avanço na área científica que favorecesse o uso de equipamentos de ressonância magnética funcional a serviço da Linguística. Isso ainda não é uma realidade no Brasil.

No entanto, com base na proposta de classificação das interjeições através do *continuum* de tempo de realização das expressões linguísticas, a oposição entre automatismo *versus* reflexão e a instintividade *versus* a sociabilidade, é possível conjecturar quais expressões linguísticas estariam comumente mais posicionadas em cada extremo dos polos. Além disso, a comparação em uma análise intercultural de expressões interjetivas de assombro e de estranheza do português paulistano e do português macaense possibilita verificar se coincidem essas expressões ou se há variação cultural subjacente a uma região. Em resposta positiva da existência de variação, questiona-se em qual extremo dos polos do *continuum* proposto situaria a maior diferenciação.

Este capítulo parte da seguinte estrutura: serão retomados os objetivos e as hipóteses que foram sendo erigidos ao longo dos capítulos anteriores. Após isso, serão apresentadas as amostras constituídas a partir de *corpora* diversos, além das informações pertinentes à forma como foram constituídos em sua organização. Esse passo será fundamental para que seja apresentada a metodologia de seleção de dados e os critérios que foram formados para este estudo.

4.1 – Objetivos, hipóteses e amostras de análise

A decisão metodológica da análise que segue ampara-se na Linguística Centrada no Uso (*Usage-based Linguistics*), sob um viés teórico cognitivo-funcional. Esse campo teórico tem como âmago a preocupação em lidar com dados que preservem os contextos de

produção de uso. Distinguir entre expressões de assombro e de estranheza, conforme exposto nos capítulos anteriores, não é uma tarefa fácil nem em dicionários e nem em gramáticas. É até mesmo impossível, atualmente, sustentar com certeza tal distinção pela ausência de investigação mais a fundo da pragmática e dos processamentos mentais envolvidos em conjunto com as produções linguísticas.

Entretanto, a discussão teórica previamente estabelecida contribui como um porto seguro para uma tarefa de investigação. Trata-se, sobretudo, do *continuum* proposto como modo de diferenciação de expressões linguísticas com base no tempo de duração, o que incide em um maior automatismo ou maior reflexividade dos processamentos mentais implicados na atividade linguística, além de traços mais instintivos ou sociais relacionados com as expressões. Partindo dos estudos precedentes, considera-se que as expressões de assombro correlacionar-se-iam ao polo mais à esquerda do *continuum*, ou seja, mais instintivas, automáticas e com menor tempo de duração. Em contrapartida, expressões de estranheza estariam posicionadas mais à direita do *continuum*, por suas características mais reflexivas e sociais ao exigirem um mais complexo processamento cognitivo e, conseqüentemente, apresentarem um maior tempo de duração de produção.

A presente investigação tem como procedimento uma análise qualitativa de *corpus*. Compreende-se, nesta dissertação, a abordagem qualitativa dos dados linguísticos conforme conceituada por Alves e Silva (1992:61): trata-se de um “(...) processo indutivo que tem como foco a fidelidade ao universo de vida cotidiano dos sujeitos (...)” e que “(...) visa apreender o caráter multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural, bem como captar os diferentes significados de uma experiência vivida, auxiliando a compreensão do indivíduo no seu contexto”.

A incursão pretendida consubstancia-se na apreensão de significados na fala dos sujeitos, concatenada ao contexto em que os indivíduos estão inseridos. Tal proposta de análise traz em seu conteúdo uma sistematização baseada na qualidade, com base nos dados coletados, não se configurando os resultados como definitivos e de representação de um todo de uma comunidade, grupo social ou cultura, por exemplo. Contrariamente, tem por meta estimular a reflexão, proporcionando um avanço científico sobre o tema em investigações posteriores.

A proposta que segue, por conseguinte, tem como objetivo realizar uma análise intercultural comparando expressões interjetivas de assombro e de estranheza do português paulistano com o português macaense em contextos orais de produção linguística. Assume-se, previamente, a perspectiva de que uma heterogeneidade distintiva entre os artefatos culturais disponíveis nessas culturas manifesta-se, inclusive no que tange à riqueza dos variados usos linguísticos. O contato intenso com o cantonês dos falantes da península de Macau, por exemplo, aponta um fato linguístico que ocorre diversamente na cidade de São Paulo, cujas bases culturais são outras.

A partir do fato mencionado, reconhece-se a possibilidade da presença de usos interjetivos diversos em contextos similares no português macaense em comparação com o português paulistano, pois, em termos de evolução humana, adotaram soluções que podem reforçar os laços coespecíficos filogenéticos de maneira distinta. Considerando que esta pesquisa investigará linhas culturais de desenvolvimento com aspectos similares – sendo o português e sua influência cultural um desses fatores – e, ao mesmo tempo, diferentes, a possibilidade da diversidade linguística torna-se um objeto relevante de análise de verificação da consistência de atuação de princípios funcionalistas de base cognitiva.

Hipotetiza-se, nesta investigação, que, em virtude das diferenças no desenvolvimento cultural entre paulistanos e macaenses, existam codificações de assombro e de estranheza distintas em ambas as regiões para contextos equivalentes, porém com estratégias explanáveis segundo os mesmos princípios. Considerando que as expressões reflexivas necessitam de um mais complexo processamento cognitivo e são mais dependentes da cultura, prevê-se que as expressões interjetivas de estranheza terão maior variação intercultural de formas comparando os usos linguísticos em São Paulo e Macau. De maneira oposta, espera-se que as expressões de característica mais simples, menos complexas e mais relacionadas com as emoções universais humanas que independem da cultura, favoreçam uma menor variação na diversidade de usos de expressões interjetivas de assombro na comparação entre as duas culturas.

Em resumo, as questões que tocam esta análise são, em outras palavras, checar:

- (i) se é possível observar a presença de usos interjetivos diversos, que sinalizam expressões interjetivas de assombro e de estranheza, em contextos semelhantes no português macaense em comparação com o português paulistano;
- (ii) se coincidiriam as expressões interjetivas de assombro e de estranheza nas variedades paulistana e macaense do português. Em caso positivo, quais fatores motivariam as similaridades? Em caso negativo, seriam as diferenças culturais e não a sintaxe o fator primordial de influência nas divergências?

Os *corpora* que serviram de base para a constituição de amostragem foram: a) registros audiovisuais oriundos de filmes paulistanos coletados por Guerra (2015); e b) inquéritos realizados por Lima-Hernandes *et alii* (2012) e Rodrigues (2013) vinculados ao Projeto História do Português Paulista (PHPP). A amostra proveniente do *corpus* do PHPP reúne a língua falada por pessoas nascidas ou criadas desde idade tenra na capital de São Paulo. As expressões interjetivas presentes nesses materiais serão comparadas com uma segunda amostra extraída do *corpus* composto de língua falada por macaenses, falantes bilíngues simultâneos de cantonês e português, registrados em gravações de teatro, diálogos informais e entrevistas realizadas em programas televisivos e de rádio da península.

A pesquisa visou apreender um apanhado considerável de expressões interjetivas empregadas nas duas variedades, o que não significa que o conjunto apresentado represente o todo dessas expressões, muito pelo contrário. A língua está em constante mudança nos usos cotidianos, surgindo, a cada dia, novas expressões e sentidos de atribuição para as diversas construções linguísticas. Assim sendo, a análise centrará apenas no material coletado, verificando as hipóteses previamente estabelecidas.

4.2 – Os materiais sob análise do português paulistano

Os materiais sob análise do português paulistano são constituídos por transcrições de diálogos audiovisuais, extraídos por Guerra (2015) de cenas de filmes ambientados na cidade de São Paulo e de gravações em áudio de inquéritos realizados por Lima-Hernandes

et alii (2012) e Rodrigues (2013) junto ao Projeto História do Português Paulista (PHPP). A seleção dos materiais baseou-se na premissa de obter elementos de espontaneidade típica do cotidiano paulistano. Considerando que a variedade macaense da língua portuguesa está em vias de desaparecimento e os seus falantes são, em sua maioria, pessoas de faixa etária mais madura que viveram em um período mais intenso da cultura portuguesa na península, o período de recorte comparativo de São Paulo abrangeu da segunda metade do século XX até a segunda década do século XXI.

As gravações provenientes do PHPP nas pesquisas de Lima-Hernandes *et alii* (2012) e Rodrigues (2013) têm por meta contemplar o gênero entrevista com pessoas oriundas da capital de São Paulo para comparar com os falantes de Macau, sendo selecionados somente registros obtidos de pessoas nascidas e criadas desde idade tenra na região paulistana. Considera-se que as entrevistas, no geral, apesar de abordarem assuntos variados, costumam envolver situações mais formais e são limitadas por não gerarem contextos diversos de espontaneidade do cotidiano em que as expressões interjetivas frequentemente ocorrem. À vista disso e da impossibilidade de apuração precisa de expressões de assombro e de estranheza em contextos reais, deve-se a importância do gênero teatral para a coleta de usos possíveis de interjeições.

A seleção de um material constituído por produções cinematográficas igualmente atende a critérios existentes da aleatoriedade. O gênero teatral, apesar de sua artificialidade, propicia contextos e situações emocionais diversas que desencadeiam expressões afetivas, sendo a presença do uso linguístico de interjeições recorrente. Como o objetivo dessa análise visa apenas apresentar e comparar um emaranhado de expressões linguísticas interjetivas passíveis de ocorrer em contextos de assombro e de estranheza no português paulistano e no português macaense e como parte da afirmação de que não se pode definir precisamente se os usos se encaixam em situações específicas, o material de análise atende perfeitamente a função de coletar um número satisfatório de expressões potenciais.

O material selecionado de entrevistas recolhidas pelo PHPP não se pautou em distinções de classe social, gênero ou etnia, apenas na faixa etária compreendida como idade acima de 21 anos. Devido à adoção do preceito de selecionar apenas registros de falantes nascidos e criados desde idade tenra na região paulistana, foram escolhidos dois inquiridos da década de 1980, com cerca de 30 minutos cada um, presentes em Rodrigues

(2013) e um com tempo similar em Lima-Hernandes *et alii* (2012), colhido na primeira década do século XXI.

Referente às produções cinematográficas adotadas para a investigação das expressões interjetivas, cada uma representou o cenário de uma década específica, sendo sete filmes no total utilizados para a análise. A intenção foi realizar uma busca de expressões de assombro e de estranheza em cenas cotidianas e informais, para então desenhar um quadro desses usos comparando com a língua portuguesa falada em Macau. Inicialmente, torna-se necessário apresentar os critérios estabelecidos para a seleção de cada filme que compõe a amostra. Tais foram eles:

- (i) *Todos os filmes selecionados são legitimamente nacionais*: houve um controle das pessoas que atuaram na equipe diretora dos filmes. Tal decisão ampara-se na possibilidade de que diretores e roteiristas estrangeiros pudessem alterar com maior facilidade as características linguísticas dos falantes e também o cenário social paulistano, pois, provavelmente, não estariam habituados ao cotidiano e à cultura da região;
- (ii) *Todos os filmes retratam a vida cotidiana paulistana*: tornou-se imprescindível levar em consideração a manifestação de cenas variadas de interação social, evitando-se filmes com ambientação num único cenário, como é o caso típico de filmes de carceragem. Tais filmes acabam reproduzindo cenas com linguagem mais estereotipada do que os de múltipla ambientação, que exigem personagens distintos e ambientes interativos também diversos. A apreensão de intenções pragmáticas de assombro e de estranheza e a proposição de uma tipologia seriam favorecidas pela diversidade de situações cotidianas e comunicativas;
- (iii) *O gênero dos filmes é recortado no drama*: ao analisar algumas comédias, por exemplo, tornou-se evidente a tendência ao exagero nas falas dos personagens, criando caricaturas ao invés de tentar reproduzir a realidade. Filmes, como os de gênero musical, também

revelaram um acentuado tom lírico nos diálogos. Ao contrário disso, o gênero drama permitiu reconhecer uma representação mais fidedigna tanto do cenário social quanto dos personagens, pois apresenta frequentemente uma imitação mais próxima da realidade;

- (iv) *Os protagonistas dos filmes escolhidos são, preferencialmente, paulistanos:* a escolha de protagonistas de origem paulistana foi priorizada pelo fato de que, deste modo, é possível observar com mais facilidade um maior número de diálogos e interações que contenham características genuínas da região. Em contrapartida, uma personagem oriunda de outra região do Brasil poderia apresentar falas e outras características diferentes do ambiente investigado neste tópico, como foi possível observar em alguns filmes analisados;
- (v) *Os tipos sociais paulistanos foram diversificados nas produções cinematográficas:* as interações dos tipos sociais paulistanos deveria garantir uma diversidade de atitudes e intenções. Para que isso fosse possível, os filmes selecionados contêm personagens representativos de não apenas uma camada social, mas das mais variadas possíveis, tal como é a realidade urbana paulistana;
- (vi) *O contexto das obras se passa na década de sua produção:* como a intenção foi apreender usos de expressões interjetivas de assombro e de estranheza de cada década, os filmes escolhidos não foram adaptações literárias ou obras em contextos anteriores ou posteriores às décadas de produção. Filmes ambientados no passado ou no futuro às décadas em que foram produzidos tenderiam a apresentar falantes não fieis às intenções de análise.

Adotando os preceitos acima, chega-se aos seguintes sete filmes:

DÉCADA	TÍTULO	DIRETOR	GÊNERO	DURAÇÃO
1950	O grande momento	Raimundo Higinio	Drama	80 min.
1960	São Paulo, Sociedade Anônima	Luís Sérgio Person	Drama	107 min.
1970	Joelma, 23º andar	Clery Cunha	Drama	80 min.
1980	Eles não usam black-tie	Leon Hirszman	Drama	120 min.
1990	Perfume de gardênia	Guilherme de Almeida Prado	Drama	118 min.
2000	Os 12 trabalhos	Ricardo Elias	Drama	90 min.
2010	Trabalhar cansa	J. Rojas e M. Dutra	Drama	99 min.

Quadro 5: Filmes selecionados.

As sinopses dos filmes, bem como algumas informações técnicas, ajudam a reconhecer e a reforçar a presença dos critérios básicos adotados para a composição do *corpus*, razão pela qual são reproduzidos a seguir:

Filme	O grande momento
Ano de produção	1958
Duração	80 min.
Produção	Nelson Pereira dos Santos; Roberto Santos
Roteiro	Norberto Nath; Roberto Santos
Elenco	Gianfrancesco Guarnieri; Myriam Pérsia; Vera Gertel; Paulo Goulart
Sinopse	Zeca é um jovem paulistano do bairro do Brás às vésperas do casamento, mas sem muitas condições financeiras. Para realizar os preparativos do seu casamento, sai em busca de dinheiro para pagar as despesas e acaba se endividando.

Quadro 6: Ficha técnica de *O grande momento*.

Filme	São Paulo, Sociedade Anônima
Ano de produção	1965
Duração	107 min.
Produção	Luís Sérgio Person
Roteiro	Luís Sérgio Person
Elenco	Walmor Chagas; Eva Wilma; Darlene Glória; Otello Zeloni
Sinopse	Carlos é um jovem de classe média paulistana que trabalha em uma empresa automobilística e vive se envolvendo com mulheres. Demitido, torna-se gerente de uma fábrica de autopeças e se casa, mas vive insatisfeito com a vida.

Quadro 7: Ficha técnica de *São Paulo, Sociedade Anônima*.

Filme	Joelma, 23º andar
Ano de produção	1979
Duração	80 min.
Produção	Sebastião de Souza
Roteiro	Denise Santucci; Chico Xavier
Elenco	Beth Goulart; Liana Duval; Vilma Camargo; Alvamar Taddei
Sinopse	Lucimar consegue emprego, indicada por seu irmão Alfredo, em um dos escritórios do edifício Joelma, em São Paulo. Em um dia rotineiro de trabalho, acaba se envolvendo em uma das maiores tragédias da história da cidade, quando ocorre um incêndio no edifício.

Quadro 8: Ficha técnica de *Joelma, 23º andar*.

Filme	Eles não usam black-tie
Ano de produção	1981
Duração	120 min.
Produção	Leon Hirszman; Carlos Alberto Diniz
Roteiro	Leon Hirszman; Gianfrancesco Guarnieri
Elenco	Gianfrancesco Guarnieri; Fernanda Montenegro; Carlos A. Riccelli
Sinopse	Tião, um jovem operário, descobre que sua namorada Maria está grávida e decide se casar. No entanto, ocorre uma greve na metalúrgica em que trabalha, envolvendo toda a comunidade em que vive. Atormentado com o medo de perder o emprego e não conseguir manter uma vida estável, Tião entra em conflito com o seu pai Otávio, militante sindical que luta em favor dos trabalhadores da região.

Quadro 9: Ficha técnica de *Eles não usam black-tie*.

Filme	Perfume de Gardênia
Ano de produção	1992
Duração	118 min.
Produção	Guilherme de Almeida Prado
Roteiro	Guilherme de Almeida Prado
Elenco	Christiane Torloni; José Mayer; Betty Faria; Cláudio Marzo
Sinopse	Daniel é um taxista que trabalha arduamente durante a noite para sustentar sua esposa e filho. Por acaso, sua esposa Adalgisa acaba se envolvendo com o mundo do cinema e da fama e abandona a família. Após alguns anos, Adalgisa reencontra o seu filho, Joaquim, e provoca um sentimento de vingança em Daniel.

Quadro 10: Ficha técnica de *Perfume de Gardênia*.

Filme	Os 12 trabalhos
Ano de produção	2007
Duração	90 min.
Produção	Ricardo Elias
Roteiro	Ricardo Elias; Hilton Lacerda; Arthur Autran
Elenco	Sidney Santiago; Flávio Bauraqui; Vera Mancini; Vanessa Giácomo
Sinopse	Heracles é um jovem que vive na periferia de São Paulo. Após deixar a FEBEM, procura uma ocupação e acaba se tornando um motoboy, por indicação de seu primo. Em seu primeiro dia de trabalho, Heracles terá que cumprir 12 trabalhos nos mais variados locais da capital paulistana.

Quadro 11: Ficha técnica de *Os 12 trabalhos*.

Filme	Trabalhar cansa
Ano de produção	2011
Duração	100 min.
Produção	Maria Ionescu; Sara Silveira
Roteiro	Juliana Rojas; Marco Dutra
Elenco	Helena Albergaria; Marat Descartes; Naloana Lima; Clarissa Kiste
Sinopse	Helena, uma jovem doméstica, decide abrir uma mercearia de bairro. Contrata então Paula para cuidar da filha e de sua casa. Mas quando Otávio, o marido de Helena, fica desempregado, as relações entre os três personagens mudam repentinamente. Acontecimentos inquietantes começam então a ameaçar o negócio de Helena.

Quadro 12: Ficha técnica de *Trabalhar cansa*.

4.3 – Os materiais sob análise do português macaense

Os materiais utilizados para a análise do português macaense são provenientes de dois registros audiovisuais de peças de teatro encenadas por falantes de língua materna cantonesa e portuguesa de Macau, uma entrevista audiovisual em um programa televisivo com uma pessoa nativa da península, uma conversa coloquial com um informante macaense registrada em áudio por Lima-Hernandes (2010b) e quatro gravações em áudio da Rádio de Macau, registradas por Lima-Hernandes (2010b). Reconhece-se que o *corpus* do português macaense é bastante limitado no que tange à diversidade de falantes e até mesmo na abrangência de materiais de análise em comparação com o português paulistano, pois atualmente o português macaense é utilizado apenas por uma população minoritária da

região e se apresenta caindo em desuso, sendo cada vez menor o número de falantes dessa variedade na península.

Assim sendo, os materiais macaenses aqui apresentados não possuem como finalidade estabelecer uma equivalência fiel quantitativa aos materiais paulistanos, já que tal meta seria impossível dado o contexto atual da língua portuguesa em Macau. A função da comparação entre as duas variedades é, portanto, verificar se há similaridades de usos para expressões interjetivas em possíveis contextos de assombro e de estranheza nos registros coletados e apenas neles, tendo na quantidade maior de materiais paulistanos a possibilidade de verificar com mais eficiência diferenças e semelhanças de comunidades tão heterogêneas culturalmente, mas análogas do ponto de vista linguístico.

Considera-se que, apesar das dificuldades, é importante estabelecer estudos interculturais em um campo em que se plasnam as consistências teóricas de princípios linguísticos considerados universais. Além disso, assim como o patuá, o português macaense tem sido fonte de poucos estudos linguísticos por pesquisadores locais e internacionais, sendo necessário estabelecer esforços que visem a sua preservação, tais como pesquisas científicas, atividades culturais, publicação de textos que abarquem essa vertente do português, etc.

No que concerne ao *corpus* de análise, o primeiro material é composto por registros de áudio da Rádio de Macau, coletados a partir de Lima-Hernandes (2010b). Consistem em entrevistas com cerca de 1 hora de duração cada uma, de que participam pessoas de faixa etária acima de 21 anos que respondem sobre temas de interesse público. O programa de rádio inquire personalidades de algum modo influentes em Macau, falando em língua portuguesa, os quais são convidados a opinar sobre temas específicos, especialmente relativos aos problemas cotidianos da península, tais como assuntos referentes à política, saúde e educação. As entrevistas são conduzidas por um jornalista português e os convidados escolhidos para esta análise são todos macaenses, porém de duas etnias distintas: chineses de Macau (com pais e mães chineses, falantes de cantonês e, eventualmente, também de mandarim) e pessoas miscigenadas de pais e mães portugueses e chineses (falantes bilíngues simultâneos desde idade tenra do português e do cantonês, eventualmente do mandarim também). Para o primeiro grupo, o português é L2 e para o segundo grupo é, atualmente, língua de herança.

Supõe-se alguma diferença no uso das interjeições entre os dois grupos de falantes. Porém, assume-se previamente que a ambientação das entrevistas da Rádio de Macau colhidas de Lima-Hernandes (2010b) impele os convidados a assumirem uma postura mais formal e a refrear expressões linguísticas informais e de uso mais cotidiano, o que desfavorece uma observação mais minuciosa de tais variações. Ademais, o gênero de entrevista formal compõe a maior quantidade dos materiais de análise provenientes de Macau devido à limitação de fontes de coleta. Tal fato ocorre tendo em vista que a variedade macaense de língua portuguesa está atualmente excluída da grande maioria dos ambientes públicos, ao passo que o cantonês prevalece amplamente como a língua falada no cotidiano da sociedade. Deste modo, admite-se a impossibilidade de alcançar resultados conclusivos minuciosos, o que exclui aqui a proposta de uma análise complexa pautada por classificações dos falantes macaenses por grupos distintos, o que será feito, portanto, também em relação ao *corpus* do português paulistano. A meta da proposta, como já supracitado, situa-se na comparação entre expressões das duas variedades.

O segundo material recolhido trata-se de um inquérito formal audiovisual, com cerca de 30 minutos de duração, em que um jornalista português entrevista um falante nativo de Macau sobre a cultura local, mas desta vez em um programa televisivo. Já o terceiro refere-se a um diálogo informal de 1 hora de duração gravado em áudio por Lima-Hernandes (2010b) com um cidadão macaense a respeito de temas diversos. Apesar de o terceiro material situar-se em um ambiente mais informal, enfatiza-se que este estabelece uma similaridade com os materiais paulistanos do PHPP obtidos por Lima-Hernandes *et alii* (2012) e Rodrigues (2013). Tanto o ambiente quanto a relação entre o entrevistador e o informante não é de intimidade, o que não favorece conversas coloquiais diversas, tais como assuntos e situações que instiguem a obtenção de uma variada gama de expressões interjetivas.

Por fim, assim como as obras cinematográficas paulistanas, visou-se contemplar o gênero teatral devido aos contextos dessas manifestações artísticas propiciarem situações que desencadeiam com maior frequência expressões interjetivas de assombro e de estranheza, a fim de colher a maior quantidade possível de tais usos. Entretanto, não existem produções cinematográficas em língua portuguesa produzidas em Macau, apenas em inglês e cantonês. Por conta dessa impossibilidade, foram selecionadas duas peças

teatrais improvisadas realizadas por um grupo teatral da comunidade macaense e apresentadas em São Paulo nos anos de 2009 e 2011. Nos registros audiovisuais, os atores alternam entre o português macaense e o patuá durante as encenações, conforme contextos diversos se apresentam. Ao rigor da análise, foram submetidas apenas as expressões interjetivas que remetem ao português de Macau. No entanto, as apresentações cênicas possuem um tom cômico, sendo esta característica algo inerente aos grupos teatrais de Macau que encenam peças em patuá e em língua portuguesa macaense. À vista disso, além do número reduzido de material teatral em comparação com o *corpus* paulistano, o tom e o ambiente das encenações também apresentam diferenças singulares com as produções cinematográficas paulistanas. Em consequência, conforme afirmado anteriormente, a investigação comparativa tem como critério analisar apenas o uso de possíveis expressões interjetivas de assombro e de estranheza e os contextos em que se inserem, excluindo verificações mais apuradas e complexas.

A seguir, são reproduzidas as sinopses das peças teatrais, assim como algumas informações técnicas adicionais que são úteis para a compreensão da composição do material cênico adotado:

Peça	O passaporte
Ano de apresentação	2009
Duração	33 min.
Local	Casa de Macau de São Paulo
Produção	Projecto Memória Macaense
Filmagem e Edição	Rogério P. D. Luz
Trilha Sonora	Rigoberto Rosário Jr.
Grupo teatral	Dóci Papiacám di Macau
Elenco	Manuel Ramos; Yolanda Luz Ramos; Francisco Madeira Carvalho; Pedro Ayala
Sinopse	Ainda nos tempos dos portugueses, duas senhoras macaenses dirigem-se para a padaria Volong na intenção de comprar pão. Porém, acabam entrando em uma fila destinada a tirar passaportes e se desentendem com o atendente.

Quadro 13: Ficha técnica de *O Passaporte*.

Peça	Futebol da 3ª idade
Ano de apresentação	2011
Duração	20 min.
Local	Casa de Macau de São Paulo
Produção	Projecto Memória Macaense
Filmagem e Edição	Rogério P. D. Luz
Grupo teatral	Dóci Papiçám di Macau
Elenco	Mariazinha Conceição Carvalho; Armando Sales Ritchie
Sinopse	No Encontro de 2013 da comunidade macaense, haverá um torneio de futebol da Terceira Idade e cada associação macaense participará com sua equipe. Dois associados são, então, encarregados de formar uma seleção de jogadores.

Quadro 14: Ficha técnica de *Futebol da 3ª idade*.

V – Análise das interjeições de assombro e de estranheza no português paulistano e no português macaense

A partir da apresentação dos *corpora* no capítulo anterior, foi possível observar as singularidades relativas aos materiais paulistano e macaense. Estabelecer uma análise linguística em que perpassem fatores sociais como etnia, classe social, faixa etária, etc. na comparação entre duas variedades da língua portuguesa, sendo uma com uso a pleno vapor e a outra em vias de extinção dentro de uma sociedade dominada por outra língua não parece uma estratégia adequada, pois os contextos divergem tanto pelas diferenças culturais quanto pela função que as variedades de língua portuguesa exercem dentro dos grupos sociais.

A ausência de uma gama mais ampla de materiais provindos do português macaense torna possível uma análise que efetue comparações das expressões linguísticas em si, sem levar a considerações e resultados que extrapolem a linguagem e adentre questões políticas, sociais e biográficas dos falantes. Assim, a descrição que segue tem como base os estudos funcionalistas de cognição e se centra nos usos e contextos singulares em que as expressões interjetivas ocorrem, verificando as formas interjetivas de cada variedade com o intuito de observar se há usos semelhantes entre estas duas vertentes do português.

Este capítulo conclui a investigação e parte da seguinte estrutura: em primeiro lugar, serão exibidas e categorizadas expressões interjetivas de assombro e de estranheza recolhidas no contexto das amostras oriundas do português paulistano e do português macaense. Após isso, serão comparados e analisados os conteúdos apresentados, sendo respondidas as hipóteses e questionamentos expostos na *seção 4.1*. Para finalizar, em seguida, as considerações finais propiciarão o diálogo entre os resultados obtidos e a perspectiva do estudo das expressões interjetivas através de um *continuum* de complexidade e de gradação cognitiva.

5.1 – Padrões de expressões interjetivas de assombro e de estranheza

Conforme já explicitado, há diferenças de uso das interjeições de assombro e de estranheza. Nesta seção, classificam-se padrões categorizados a partir das duas variedades estudadas com base em amostras dos *corpora* investigados. A fim de uma compreensão satisfatória baseada na perspectiva cognitivo-funcional, as expressões são apresentadas nos variados contextos de uso, a começar dos processos estruturais menos até os mais complexos.

Ademais, para facilitar o entendimento da dimensão contextual de uso de algumas expressões interjetivas identificadas, descrições de eventos e interações extralinguísticas foram apresentadas entre parênteses em alguns dos exemplos como método para facilitar a apreensão do âmbito contextual. Por fim, marcações de reticências sem parênteses no meio de uma fala representam uma longa pausa no discurso e, ao fim de falas, simbolizam interrupção brusca pelo evento ou fala posterior. Seguem os padrões categorizados.

5.1.1 – Categorização de expressões interjetivas de assombro

Expressões interjetivas de assombro, por situarem no polo mais à esquerda do *continuum* gradativo – *grau zero* – como as mais básicas, apresentam apenas um tipo categorial. Construídas, geralmente, com base em sons exclamativos vocálicos, tais expressões linguísticas exigem os processamentos cognitivos mais simples e básicos por parte do falante, manifestando baixíssimo peso fônico e fraca complexidade estrutural. Situações extralinguísticas inesperadas constituem-se como contextos propícios para desencadear tais expressões.

Ainda sobre os aspectos contextuais, ocorrem em circunstâncias mais intensas que exigem menor conhecimento cultural para a decodificação de contexto pelo interlocutor e demandam respostas imediatas e automáticas que, em muitas vezes, visam à sobrevivência do falante. Apesar de bastante comuns no cotidiano, apresentam-se mais frequentemente em contextos de pouca ou nenhuma interação com o outro, tendo menor função social comunicativa e maior função instintiva de autopreservação, daí a raridade e dificuldade de coleta dessas expressões em registros linguísticos de áudio tradicionais, os quais são

comumente utilizados academicamente como *corpora* investigativos de língua. Exemplos coletados são listados a seguir:

- (1) *(homem abre uma porta, sem bater antes de entrar, e mulher grita de susto)*
– **Ai** [alongado]! (O grande momento, 1958)
- (2) *(menino causa um curto circuito na casa, em festa de casamento; a luz da sala apaga inesperadamente e os convidados gritam apavorados)*
– **Ah** [alongado]!
– **Ai** [alongado]!
– **Ih** [alongado]! (O grande momento, 1958)
- (3) *(mulher dançando e cantando perde o equilíbrio do próprio corpo)*
– **Ai** [alongado]! (O passaporte, 2009)
- (4) *(mulher observa prédio pegando fogo e escombros caem em sua direção)*
– Cuidado moça, saia daí! Isso vai desabar!
(mulher percebe os escombros caindo e grita desesperada)
– **Ah** [alongado]! (Joelma, 23º andar, 1979)
- (5) *(homem bate com o violão nas costas do outro, enquanto está distraído)*
– **Ah!** Vai te catá, pô! Vai batê na mãe! (Eles não usam *black-tie*, 1981)
- (6) – É isso que você sempre quis ser, né, Adalgisa? Uma puta!
(homem dá um tapa no rosto da mulher e ela grita)
– **Ah** [alongado]! (Perfume de Gardênia, 1992)
- (7) *(mulher levanta-se da cadeira de atendimento da loja e se choca de frente com outra mulher distraída)*
– **Ah** [alongado]! (O passaporte, 2009)

- (8) *(enquanto joga uma lata de refrigerante na direção do interlocutor)*
 – Aí, ó, pensa rápido!
(assustando-se com a velocidade da lata em sua direção)
 – **Oh**[*alongado*]! Qual é, Catatau?
 – Pô, foi mau, Jonas! (Os 12 trabalhos, 2007)
- (9) *(avaliadora, em entrevista de emprego, segurando uma bexiga)*
 - Joaquim, nascido em mil novecentos e quarenta e dois, filho de Álvaro e Neide. Joaquim era um homem pragmático. *(estoura a bexiga inesperadamente e os candidatos se assustam)*
 – **Uh**[*alongado*]! (Trabalhar cansa, 2011)
- (10) *(motorista faz manobra brusca com o táxi e o passageiro se assusta)*
 – **Ei**[*alongado*]! Ei, ficou louco, mocinho? (Perfume de Gardênia, 1992)

Como se nota, apesar do baixíssimo peso fônico e de complexidade estrutural, interjeições de assombro são marcadas por um alongamento acentuado em suas expressões. Tendo estrutura monomorfêmica e alongada, constituem uma unidade entonacional que pode ter por intenção chamar a atenção do outro ou ser apenas autorreflexiva. Ademais, são desencadeadas por um estímulo externo, humano ou não humano, muitas vezes ameaçador. Tal fato demonstra linguisticamente a característica mais intensa desses usos linguísticos, os quais são tipicamente acompanhados de exteriorizações pragmáticas que objetivam a manutenção e a salvaguarda dos indivíduos em cenários de ameaça à autopreservação.

5.1.2 – Categorização de expressões interjetivas de estranheza

Expressões interjetivas de estranheza são classificadas, segundo os graus de complexidade, em seis tipos categoriais. Independentemente do grau de elaboração, tais expressões configuram-se alicerçadas no julgamento do falante a partir de seu conhecimento prévio de mundo entre comum *versus* incomum. A estranheza assenta-se

muito mais nas expectativas do indivíduo com relação ao interlocutor e às diferentes culturas que o rodeiam do que com eventos inesperados, como é o caso do assombro.

Devido à característica mais reflexiva e complexa, expressões de estranheza são costumeiramente desencadeadas a partir de interações prévias com o interlocutor. Eventos externos com o meio não apresentam risco tão intenso ao falante e não exigem ações tão imediatas quanto o assombro. Tal fato evidencia-se no contexto, tendo a sentença do falante produzida a partir da reação do outro em relação a si mesmo ou de um evento externo que não o atinge de modo tão profundo a ponto de ameaçar sua integridade física. Lista-se, em seguida, a classificação em categorias funcionais por ordem gradual de complexidade e suas respectivas descrições:

Expressão de estranheza de grau I: é o grau menos complexo e que se apresenta com o menor peso fônico. As expressões interjetivas são construídas com base em sons exclamativos vocálicos, num revestimento silábico simples, mas de efeito claro sobre o interlocutor. Os usos ocorrem a partir de uma informação prévia contrária às expectativas do falante ou sem importância inicial dada ao interlocutor.

Esse padrão correlaciona-se a contextos prosódicos (afirmação, negação e interrogação), dependentes dos quais seria possível reconhecer maior ou menor grau de complexidade²⁸. Além disso, o estranhamento é um padrão típico presente na prosódia, o que o torna, do ponto de vista do princípio de iconicidade, uma construção que requer um processamento cognitivo relativamente complexo, por envolver um contexto prévio em uma relação interpelativa que pode ou não demandar resposta do outro.

- (11) – Você...é filha única?
– Não! Tenho um irmão que tá em Brasília com meus pais.
– **Ah!** Eles não moram aqui? (São Paulo, Sociedade Anônima, 1965)

²⁸ Segundo o princípio de iconicidade, haveria um *continuum* de complexidade representado da seguinte maneira: afirmação > negação
afirmação > interrogação

- (12) – A minha mãe disse pra eu num abusá da senhora.
– **Ah!** Diz pra sua mãe deixá de ser besta! (Eles não usam *black-tie*, 1981)
- (13) – Seus pais fazem o quê?
– Meu pai eu não conheci, não senhora. Minha mãe faz faxina, em casa de família.
– **Ah**, deixa disso Roseli! Passa logo os trampo pru moleque, o rapaz é gente boa, cê vai ver. (Os 12 trabalhos, 2007)
- (14) (*pessoa esbarra, sem querer, em uma mulher no elevador lotado*)
– **Ô[alongado]!** Desculpa.
– Num foi nada. (Joelma, 23º andar, 1979)
- (15) – Aí mano, os parcero tão meio noiado que você vai dá linha da gente hein!
– **Ô!?** Que parcero? (Os 12 trabalhos, 2007)
- (16) – Bom né? Num é bom não vê patroa?
– **Ô!** Eu num vejo mais a empregada. (RODRIGUES, 2013)
- (17) – Chi[*alongado*], baixou o santo! Vamo dá uma passadinha na casa da Silene?
– **Ih**, tá meio tarde agora, né? (Eles não usam *black-tie*, 1981)
- (18) – Já governou há onze anos. O melhor e o pior momento desses onze anos.
– **Hã?** Está a falar do governo da RAEM, não é? (Rádio de Macau #2)
- (19) – Tudo de graça!
– Avião?
– Avião!
– Hotel?
– Hotel!

- Refeição?
- Refeição!
- Hospital?
- **Hã?**
- **Oh!** Você não sabe? (Futebol da 3ª idade, 2013)

- (20) – **Ih**, puta embaço, meu!
- **É?**
- Tô precisando que você quebra um galho aí pra mim. (Os 12 trabalhos, 2007)

Expressão de estranheza de grau II: caracteriza-se por baixo peso fônico e baixa complexidade. As expressões interjetivas desse grau são tipicamente construídas com base em sons exclamativos vocálicos, em um padrão silábico composto por duas sílabas vocálicas ou por uma sílaba complexa formada por vogal e semivogal. Nota-se que os padrões vocálicos revelam-se mais complexos que os do padrão anterior, pois se observam duas vogais ou uma vogal sequenciada por uma sílaba complexa.

Referente aos contextos de uso, constata-se nas sentenças uma oposição mais intensa entre as expectativas iniciais esperadas pelo falante e os resultados finais. Tais eventos demandam um maior processamento cognitivo de informações em relação ao grau anterior, provocando dúvida e espanto, por exemplo, diante das situações imprevistas em que os falantes são postos.

- (21) – Atílio, telegrama pra você!
- **Ué!** Onde? (O grande momento, 1958)
- (22) – Tá bem, tá certo! Entre nós, somente amizade! Isto num quer dizer que a gente num vai deixar de sair junto de novo, num é mesmo?
- Sair junto pra fazer o quê, Carlos?

- **Ué?** É claro que num é pra ir à missa ou visitar a tua mãe no asilo! (São Paulo, Sociedade Anônima, 1965)
- (23) – O aumento da função pública são também fundamentais este ano já que há... há vários anos que não há aumentos na função pública?
 – **Ué!** Eu disse isto! Eu disse isto ao governo por várias vezes. (Rádio de Macau #4)
- (24) – Nossa, quanta gente!
 – **Ai!** Ah! Meu Deus, mas quanta gente que está aqui! Nossa!
 – Que multidão! Será que toda essa gente aí vai consultar, é? (Joelma, 23º andar)
- (25) – Que que cê tá fazendo com essa caneca, hum?
 – Não tinha copo ali.
 – **Ai!** Tá uma bagunça! (Os 12 trabalhos, 2007)
- (26) – O índice está em 59 e deve passar pra quê? 102, 103, 104?
 – **Ai!** Daí ter que dizer isto ao chefe (...) (Rádio de Macau #4)
- (27) *(personagem cobre o rosto e começa a chorar)*
 – **Ei!** Que isso, Helena? Fica assim não. (Trabalhar cansa, 2011)
- (28) – Olha!
 – **Uau!** Cê que montou, filha?
 – Montei. Olha vó! Vem mãe! (Trabalhar cansa, 2011)
- (29) – O novo regime vai entrar em janeiro, *é[alongado]* satisfaz ou fica alguém?
 – **Uai!** A filosofia é muito boa. (Rádio de Macau #4)

- (30) – E eu tô morrendo de fome!
– **Ah é?** Espera um pouco! Tenho uma surpresa pra você! (Joelma, 23º andar, 1979)

Expressão de estranheza de grau III: expressões interjetivas com relativo peso fônico e com relativa complexidade silábica. Inclui pelo menos dois fonemas em que figura ao menos uma consoante oclusiva surda ou sonora. Do ponto de vista icônico, trata-se de uma forma que atende à iconicidade por quantidade, sendo a maioria dos exemplos verificados com uso de consoantes explosivas. Assim como no *grau II*, os contextos de uso envolvem o jogo de intensidade entre expectativas iniciais *versus* resultados inesperados.

A complexidade maior em *grau III* dá-se, especificamente, pela tensão evidenciada por emoções decorrentes de sentimentos desencadeados a partir da interlocução. Nesses casos, do ponto de vista do emissor, a informação seria pertinente, mas a reação revela a avaliação do ouvinte. Agrega-se a isso a complexidade decorrida do revestimento fônico um pouco mais elevado em relação ao grau anterior.

- (31) – Grande fundo que a gente tem, né? Não, mas deixa comigo, eu me arrumo. Arrumo uma nota emprestada aí. Que mulher minha vai ter filho numa boa! Quarto particular, muita flor e sapatinho azul pendurado na porta porque vai ser homi e parecido comigo porque é pra vencer na vida!
– **Chi[alongado]!** Baixou o santo! Vamo dá uma passadinha na casa da Silene? (Eles não usam *black-tie*, 1981)
- (32) – E eu tô morrendo de fome!
– Ah é? Espera um pouco! Tenho uma surpresa pra você!
– **Oba!** Quê que é?
– Cê vai vê! (Joelma, 23º andar, 1979)

- (33) – A turminha do berro ganhô! Aprovaram greve geral pra segunda-feira!
– **Pô!** Mas num pode Bráulio! Vai ser uma derrota isso aí! (Eles não usam *black-tie*, 1981)
- (34) – Amanhã cedo vou até a casa do Guilo!
– Primeiro tem que pedir pru teu pai.
– **Pô**, mãe! Ele vai dizer que não! (Perfume de Gardênia, 1992)
- (35) – Ah[*alongado*], eu to acostumado dona Helena! A vida inteira trabalhando com isso...
– Cuidado!
– **Opa!** Puxa, bela marreta, hein? O que que eu faço com isso? (Trabalhar cansa, 2011)
- (36) – Tá grávida?
– **Psiu!** Seu louco! (Eles não usam *black-tie*, 1981)
- (37) – Eu respeito e...admiro muito o senhor!
– **Opa!** Faz tempo que eu não ouvia uma declaração dessas. (Eles não usam *black-tie*, 1981)
- (38) – O que importa é fazer os macaenses perceberem...
– **Opa!** ...Exatamente, é isto... é isto... é isto que é... que é fundamental. (Rádio de Macau #3)
- (39) [*atendente desliga o telefone irritado*]
– **Épa!** Hoje num é o meu dia. (O passaporte, 2009)
- (40) – Por favor, a senhora sabe me dizer se o moço do apartamento um saiu?
– Ih moço, ele quase nunca tá aí viu!

- É que eu precisava entregar o envelope pra ele. Mas entreguei o envelope errado!
- **Tch!** Vai ter que esperar ele voltar então né? (Os 12 trabalhos, 2007)

Expressão de estranheza de grau IV: expressões complexas que exercem função de interjeição a depender da entonação e do contexto em que se inserem. Apresentam grande peso fônico com maior complexidade semântica. A base de formação dessas expressões assenta-se em itens lexicais que desempenham outras funções na língua, atuando em empregos semânticos diversos e em usos gramaticais, o que aponta maior grau de elaboração em termos de processamento cognitivo. Em alguns dos exemplos coletados desse grau é possível identificar itens lexicais em franco processo de gramaticalização nas variedades de língua portuguesa, porém, nos contextos de estranheza recolhidos, os itens exercem funções mais discursivo-pragmáticas.

- (41) – E você, Carlos, por que se casou?
 - Pela mesma razão que fui trabalhar na tua fábrica! Cansaço! Preguiça de escolher coisa melhor!
 - **Puxa!** Eu devia ter consultado horóscopo antes de sair com você hoje! (São Paulo, Sociedade Anônima, 1965)
- (42) – Daniel Diniz?
 - É!
 - **Porra!** Finalmente você apareceu por aqui, hein! (Perfume de Gardênia, 1992)
- (43) – Cê vai fazer piquete?
 - **Quê?**
 - Piquete de greve... (Eles não usam *black-tie*, 1981)

- (44) – Arranjou outro?
– **Vá!** Deixa de fazê a zangadinha comigo! Escute, você acha que tinha razão naquele domingo de fazer toda aquela cena só porque eu queria ir embora? (São Paulo, Sociedade Anônima, 1965)
- (45) – Surpresa!
– **Olha!**
– Uau! Cê que montou, filha? (Trabalhar cansa, 2011)
- (46) – A família é grande, tem muitas crianças?
– **Quem?**
– As famílias onde você trabalha? (RODRIGUES, 2013)
- (47) – Chega chega! Eu desisto! As senhoras podem voltar daqui a dez dias e escolher os passaportes.
– Passaporte? Que passaporte? Nós viemo pa comprá pão! Mas que passaporte!?
– **Ora!** Pra vocês saírem de Macau o mais depressa possível. (O passaporte, 2009)
- (48) – (...) e essa escadaria, cê senta?
– **Claro!** (Conversa informal)
- (49) – Em que bairro você morava naquela época?
– **Como?** (Conversa informal)
- (50) *(mulheres caminham uma ao lado da outra; uma delas percebe que a outra está distraída e vai se chocar contra a escada)*
– Olha-te a escada!
– **O quê?** (O passaporte, 2009)

Expressão de estranheza de grau V: expressões interjetivas com alto peso fônico e de alta complexidade, encadeadas em forma de uma sequência sintática, porém com entorno prosódico típico de exclamações. Conforme Bechara (2009:331-332), “Em certas situações [as interjeições] podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas”. Assim sendo, é a entonação oriunda dos processamentos afetivos e cognitivos do falante em contexto de uso que determina a função interjetiva em expressões mais complexas.

Muitas das expressões neste grau projetam pessoas gramaticais como tópico ou foco e tendem a cifrar modalidade deôntica (ordem, pedido, etc.), dirigindo-se de forma bastante enfática ao outro. Verifica-se a alta complexidade dos usos em *grau V* através do nível de elaboração mais sofisticado e da significação dependente do código linguístico. Remetem a enunciados e eventos anteriores ao discurso, o que requer intercompreensão para a recomposição de algumas das expressões interjetivas.

Além disso, são marcadas por construções condensadas em um item ou mais, os quais reduzem uma composição frasal mais extensa, sem perder o sentido semântico original pretendido, tais como as expressões idiomatizadas. Como exemplos, podem-se mencionar as formas deônticas coletadas (em negrito) e suas respectivas interpretações em (51) **Calma!** [*Tenha paciência que eu já estou indo embora*], (52) **Conversa!** [*Deixa de conversa!*] e (57) **Silêncio!** [*Façam silêncio!*]. Resgatar o sentido original dessas frases implica conhecimento cultural adquirido do contexto em que se inserem, demandando maior esforço cognitivo do interlocutor e de quem está fora do evento como observador.

(51) – E nada de contar pra ninguém o que aconteceu! Entendido?

– Já sei, já sei! Vai, vai!

– **Calma!** (O grande momento, 1958)

(52) – É, lucrei! A comissão miserável que você me dava, a perda do emprego e, ainda por cima, me arriscando parar na cadeia!

– **E o que é que você queria?** As empresas vendendo as peças tão barato que num dava nem pra ganhar um tostão!

– **Conversa**, Arturo! **Conversa!** (São Paulo, Sociedade Anônima, 1965)

- (53) – Eu num vô. Eu vou trabalhá no feriado.
– **Como assim?** Quem que abre no carnaval, Helena? (Trabalhar cansa, 2011)
- (54) – Sua mulher? Pena que não veio junto!
– Leva o dinheiro amigo, mas deixa o táxi!
– É gostosa? Hein? Leva jeito!
– **Pelo amor de Deus!** Eu esqueço tudo! (Perfume de Gardênia, 1992)
- (55) – Vocês vão atrás desses bunda mole? Nunca vão conseguir nada!
– **Qual é a tua,** Sartini? A gente não tem condição nem de parar a Santa Marta. Que dirá toda a categoria! O sindicato... (Eles não usam *black-tie*, 1981)
- (56) – Já acabou!
– Não, num acabou não! Pra você pode ter acabado, mas não pra mim!
– **Cê tá maluca?** Acha que eu quero ver minha mulher fazendo papel de puta? (Perfume de Gardênia, 1992)
- (57) *(apresentadora se dirige à plateia fazendo barulho)*
– **Silêncio!** Silêncio e atenção! (Futebol da 3ª idade, 2013)
- (58) – (...) beber água?
– Um copo d'água!
– **Que miséria!** (O passaporte, 2009)
- (59) *(mulheres caminham uma ao lado da outra; uma delas percebe que a outra está distraída e vai se chocar contra a escada)*
– **Olha-te a escada!**
– O quê? (O passaporte, 2009)

- (60) – Mariazinha, vô querê um apito pa soprá.
– **Que diabo!** Onde eu vô comprá um apito pra esse soprá? (Futebol da 3ª idade, 2013)

Expressão de estranheza de grau VI: expressões interjetivas de maior peso fônico e maior complexidade, encadeadas em forma de sequências altamente elaboradas, a exemplo de orações combinadas, cifrando modalidade epistêmica (conhecimento, crença, etc.), com traços de menor ou maior intensidade de avaliação. Identificam-se como peculiaridade as características mais reflexiva e subjetiva do falante marcadas nas construções, o que atribui a esse grau o nível mais complexo de consciência e processamento cognitivo.

Ademais, a quantidade de itens agrupados em uma única sentença demonstra alta dependência do código linguístico para a apreensão da mensagem. Tais sentenças de *grau VI* apresentam menor produtividade em diversidade contextual e são mais presas a conjunturas conversacionais de âmbito restrito sendo, portanto, menos frequentes em usos cotidianos abrangentes.

- (61) – Você quer tomar alguma coisa?
– Não, obrigada!
(*percebe uma pessoa conhecida no recinto*)
– **Mas que surpresa você aqui!** (Joelma, 23º andar, 1979)
- (62) – Você precisa ir embora, Carlos! Daqui a pouco chega minha tia, num quero que ela me veja aqui sozinha com você.
– **Só faltava essa!** (São Paulo, Sociedade Anônima, 1965)
- (63) – Por quê? Alguma vez já fiquei devendo?
– Que eu sei não!
– Então num tem motivo pra desconfiar!
– Num é bem isso! Seu Domingos tá cheio de dívida, a mulher dele...
– **E eu sou o Cristo?** (O grande momento, 1958)

- (64) – Ah! Tá aí ó..os trinta, é o que eu pago pru Jonas. Tá achando ruim é?
 – Não.
 – **Era só o que me faltava!** Vá rapaz, eu tô bem! Té parece que eu preciso de babá pra tomá conta de mim! (Os 12 trabalhos, 2007)
- (65) – É, eu acho que o leite acabou mesmo.
 – **Mas num é possível!** (Trabalhar cansa, 2011)
- (66) *(mulheres conversando escutam ruído estranho na casa)*
 – **Que barulho foi esse?**
 – O quê? (Trabalhar cansa, 2011)
- (67) – Estás a saber que as frações econômicas até 2012 não serão cumpridas...
 – **Eu num acredito nisso!** (Rádio de Macau #4)
- (68) *(mulher lê nomes em um caderno)*
 – **Ai que vergonha!** (Futebol da 3ª idade, 2013)
- (69) *(atendente fecha a loja e vai embora irritado)*
 – **Eu não tô entendendo nada!** (O passaporte, 2009)
- (70) *(atendente de loja é ignorado por mulheres que discutem entre si e falam ao mesmo tempo; cansado de esperar elas terminarem para dar prosseguimento ao atendimento, exclama)*
 – **Ô santa ladainha!** (O passaporte, 2009)

5.2 – Síntese dos usos interjetivos paulistanos

Tendo em vista as expressões interjetivas de assombro e de estranheza expostas em seus respectivos contextos de uso, cabe salientar algumas observações no que concerne aos

corpora de coleta. No que tange aos usos interjetivos paulistanos, as cenas de produções cinematográficas não são espontâneas, mas sim artificialmente interpretadas por atores, o que não impede que forneçam cenas típicas de ocorrência de assombro e de estranheza, já que os diversos roteiros e a atuação dos atores abarcam situações das mais variadas possíveis.

Quanto aos materiais do PHPP, obtidos por Lima-Hernandes *et alii* (2012) e Rodrigues (2013), estes são gravações de áudio com entrevistas em contextos tradicionais de uso acadêmico. Tal cenário formal não costuma propiciar eventos inesperados que exijam reações instantâneas do falante por colocarem em risco a sua integridade física, o que favorece apenas a apreensão da estranheza na interação com o interlocutor. Decorrente dessa característica inerente a esse gênero, não foi possível obter contextos de expressões de assombro nesses materiais.

A seguir, apresenta-se a listagem completa em quadros das expressões de estranheza e de assombro coletadas através da transcrição de extratos de fala de todos os filmes e das entrevistas realizadas pelo PHPP. Cabe salientar que as expressões interjetivas não estão arranjadas em conjuntos classificatórios, pois elas já foram categorizadas nas duas seções anteriores. Assim, a exposição a seguir tem como finalidade apenas apresentar o apanhado das expressões interjetivas recolhidas em cada uma das amostras.

Filme	O Grande Momento (1958)
Expressões de assombro	Ai! / Ôla! / Ah! / Ih!
Expressões de estranheza	Ah! / Ih! / Ê! / Ué! / Chi! / O que é que você tá procurando? Como é que num sabe? / Coisíssima nenhuma! / Ó quem tá falando! Não amola! / Calma! / Como não pode? / Vê lá como fala! Não tô falando nada de mais! / Ué, o que que tem? E eu sou o Cristo? / Eu não podia adivinhar, podia?

Quadro 15: Expressões de assombro e de estranheza em *O grande momento* (1958).

Filme	São Paulo, Sociedade Anônima (1965)
Expressões de assombro	Hum! / Ê!
Expressões de estranheza	Ah! / Ô! / Hã? / Hum! / Ué? / Puxa! / Não! / Quê? / Vá! / Conversa! E o que é que você queria? / O que você tá querendo dizer com isso? Besteira! / Num diga isso! / Que que há? / O quê!? / Só faltava essa!

Quadro 16: Expressões de assombro e de estranheza em *São Paulo, Sociedade Anônima* (1965).

Filme	Joelma, 23º andar (1979)
Expressões de assombro	Ah!
Expressões de estranheza	Ah! / Ô! / Ih! / Ê! / É? / Hum! / Ué? / Ai! / Oba! / Puxa! / Não! / Olha! Ah é? / Como assim? / Mas que surpresa você aqui! / Mas o que é isso? Só isso? / Como é que é? / Pelo amor de Deus! / Puxa vida! / Meu Deus! Nossa! /

Quadro 17: Expressões de assombro e de estranheza em *Joelma, 23º andar* (1979).

Filme	Eles não usam black-tie (1981)
Expressões de assombro	Ah! / Ai!
Expressões de estranheza	Ah! / Ô! / Ih! / Hã? / Ê! / Hum! / Ué! / Chi! / Pô! / Psiu! / Opa! / Não! / Quê? / Cês tão aí é? / Ah, deixa de onda! / Calma mulher, calma! Toma jeito! / Qual é a tua? / E nem pra me contar? Num te mete onde num é chamado! / Puxa vida! / Porcaria! Mas tá tudo louco! E você não podia esperar até amanhã pra me dizer essa besteira?

Quadro 18: Expressões de assombro e de estranheza em *Eles não usam black-tie* (1981).

Filme	Perfume de Gardênia (1992)
Expressões de assombro	Ei! / Ah!
Expressões de estranheza	Ah! / Ih! / Hã? / É? / Hum! / Ué! / Uá!? / Ei! / Ah é? / Pô! Por quê? / Como? / Cuidado! / Qualé! / Vê se cala essa boca! Cê tá maluca? / Como é que é? / Que história é essa? / Tem certeza? Que merda! / Pelo amor de Deus! / Porra!

Quadro 19: Expressões de assombro e de estranheza em *Perfume de Gardênia* (1992).

Filme	Os 12 trabalhos (2007)
Expressões de assombro	Ô! / Oh! / Ah!
Expressões de estranheza	Ah! / Ih! / Hã? / Ê! / É? / Oh! / Ué! / Ai! / Tch! / Quê? / Ah é? É o quê? / Que isso? / Qual que é a tua? / Cê tá maluco? / Nossa! Cê bebe café pa caraio hein! / Pera aí! / Era só o que me faltava!

Quadro 20: Expressões de assombro e de estranheza em *Os 12 trabalhos* (2007).

Filme	Trabalhar cansa (2011)
Expressões de assombro	Uh!
Expressões de estranheza	Ah! / Oh! / Uh! / Hum! / Ué? / Ei! / Uau! / Opa! / Não! / Olha! / Já? Tem alguém aí? / Quem são vocês? / Tá louco de falar assim comigo? Por quê? / Ah não! / Que que cê tá fazendo com essa caneca, hein? O que que isso? / Mas num é possível! / Que nojo! / Que barulho foi esse? Como assim? / Eles são de verdade? / Pra que quebrar tanto? Eu posso saber o que tinha de errado aqui?

Quadro 21: Expressões de assombro e de estranheza em *Trabalhar cansa* (2011).

Entrevista PHPP	Lima-Hernandes et alii (2012)
Expressões de assombro	
Expressões de estranheza	É? / Não! / Lá?

Quadro 22: Expressões de assombro e de estranheza em Lima-Hernandes et alii (2012).

Entrevista PHPP	Rodrigues (2013)
Expressões de assombro	
Expressões de estranheza	Ô! / É? / Não! / Quem?

Quadro 23: Expressões de assombro e de estranheza em *Rodrigues (2013)*.

5.3 – Síntese dos usos interjetivos macaenses

O *corpus* do português macaense é composto, em sua maioria, por entrevistas formais realizadas pela Rádio de Macau, uma de programa televisivo e a conversa informal coletada por Lima-Hernandes (2010b), sendo distintas deste gênero apenas as duas peças de teatro macaenses. Deste modo, as produções teatrais foram as únicas em que se obteve êxito em colher expressões interjetivas de assombro. Assim sendo, assume-se que há uma caracterização singular para este *corpus* em relação ao coletado do português paulistano devido à restrição de contextos nas amostras que favorecem a apreensão do assombro.

A limitação de materiais linguísticos em língua portuguesa reflete o próprio contexto atual da ilha peninsular, dominada pelo cantonês e por produções culturais em outros idiomas tais como o inglês. Tal fato impediu a coleta de expressões interjetivas em produções cinematográficas por causa da inexistência de obras deste gênero faladas na variedade macaense de língua portuguesa, tendo sido utilizadas peças de teatro como alternativa para que se contemplasse um número mais variado de contextos para que fosse possível observar tanto o assombro quanto a estranheza. No entanto, ainda assim o material não atende a âmbitos contextuais tão variados como o *corpus* do português paulistano.

Devido as expressões interjetivas, em especial as de assombro, ocorrerem com maior frequência em situações cotidianas que escapam da formalidade e em diálogos de maior intimidade com outros falantes, esperou-se que o número de expressões interjetivas fosse bastante reduzido no material do português macaense em comparação ao *corpus* da variedade paulistana por conta do gênero preponderante não privilegiar tais usos. Destarte, a análise não seguiu um viés quantitativo, mas sim qualitativo, verificando similaridades

entre os usos a partir das expressões linguísticas da variedade de Macau, comparando-as com os usos paulistanos.

Assim como na apresentação das expressões do português paulistano, segue a lista completa de interjeições de assombro e de estranheza na variedade macaense, a partir da transcrição de extratos de fala de todas as entrevistas e das produções teatrais. Do mesmo modo que na *seção 5.1.3*, ressalta-se que as expressões linguísticas não são organizadas em conjuntos classificatórios, pois já foram categorizadas previamente em seus respectivos contextos.

Entrevista	Rádio de Macau #1
Expressões de assombro	
Expressões de estranheza	Não! / Não justifica!

Quadro 24: Expressões de assombro e de estranheza em *Rádio de Macau #1*.

Entrevista	Rádio de Macau #2
Expressões de assombro	
Expressões de estranheza	Ah! / Hã? / Hum! / Não! / Ora! / Como assim? / Como é que é?

Quadro 25: Expressões de assombro e de estranheza em *Rádio de Macau #2*.

Entrevista	Rádio de Macau #3
Expressões de assombro	
Expressões de estranheza	É! / Opa! /

Quadro 26: Expressões de assombro e de estranheza em *Rádio de Macau #3*.

Entrevista	Rádio de Macau #4
Expressões de assombro	
Expressões de estranheza	Ué! / Ai! / Uai! / Olha! / Bem! / Uai, como eu disse! Eu num acredito nisso!

Quadro 27: Expressões de assombro e de estranheza em *Rádio de Macau #4*.

Entrevista	Telejornal
Expressões de assombro	
Expressões de estranheza	Não!

Quadro 28: Expressões de assombro e de estranheza em *Telejornal*.

Entrevista	Conversa informal
Expressões de assombro	
Expressões de estranheza	É! / Oh! / Não! / Claro! / Como?

Quadro 29: Expressões de assombro e de estranheza em *Conversa informal*.

Peça de teatro	O passaporte (2009)
Expressões de assombro	Oh! / Ai! / Ah!
Expressões de estranheza	Ah! / Épa! / Olha! / Ora! / Tenha santa paciência! / Onde? / O quê? Chega! / Não toque na minha mesa! Comprido, que comprido! / Que miséria! / Ah, doutor!? Eu não tô entendendo nada! / Ai, escabroso! / Olha-te a escada! Ô santa ladainha!

Quadro 30: Expressões de assombro e de estranheza em *O passaporte*.

Peça de teatro	Futebol da 3ª idade (2013)
Expressões de assombro	Ah! / Oh! / Uh!
Expressões de estranheza	Ah! / Hã? / Oh! / Uh! / Hum! / Ai! / Chi! / Já? / Silêncio! Ai, meu deus do céu! Por quê? / Que diabo! / Que ladrão ladrão!? Mas esse é uma cabeça de vento! / Oh lá, oh lá! Ai que vergonha!

Quadro 31: Expressões de assombro e de estranheza em *Futebol da 3ª idade*.

5.4 – Análise comparativa intercultural de expressões interjetivas de assombro e de estranheza nas variedades paulistana e macaense de língua portuguesa

A partir da observação dos materiais registrados de falantes paulistanos e macaenses, é possível depreender usos de expressões interjetivas para contextos de assombro e de estranheza nessas duas variedades da língua portuguesa. Porém, antes de dar início a uma análise linguística comparativa intercultural de regiões tão distintas e, ao mesmo tempo, análogas em seus traços histórico e cultural, é preciso frisar que o amálgama de tradições em cada uma das culturas exerce intensa influência na cognição e no comportamento e, conseqüentemente, também nas expressões linguísticas e pragmáticas.

Como aponta Tomasello (2003), a cultura deve ser entendida como nicho ontogenético. Os organismos herdam o seu meio ambiente, assim como herdam o seu genoma. Os seres humanos, inclusos nesse sistema, não poderiam se desenvolver cognitivamente sem o ambiente social denominado de cultura, o qual é típico e exclusivo da espécie para o desenvolvimento humano. É no ambiente cultural humano que se criam os contextos como *habitus*²⁹ cognitivo para o desenvolvimento e fonte de instrução ativa por parte dos coespecíficos.

²⁹ Bourdieu (1998) conceitualiza o processo de constituição do sujeito através da noção de *habitus*, qual seja a ideia de que as estruturas de personalidade dos indivíduos são moldadas pela trajetória da experiência individual percorrida no interior de contextos sócio-históricos específicos. Assim sendo, o *habitus* é um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de posições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas por intermédio do processo de socialização (em condições sociais específicas de existência, constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano).

Pessoas de um determinado grupo social vivem de uma certa maneira, possuem um certo conjunto de modos de vida, seguem costumes e fazem certas coisas diferentes de outros grupos. Destarte, de acordo com Tomasello (2003), o *habitus* particular em que um indivíduo nasce determina parcialmente as diversas interações sociais que terá, os objetos físicos que estarão à sua disposição, as experiências de aprendizagem e de estímulos que encontrará, além das inferências que poderá fazer a respeito do modo de vida dos que o rodeiam. Portanto, reconhecendo a individualidade de cada um dos falantes presentes nos materiais de pesquisa, constituiu-se intuito desta análise recuperar experiências culturais típicas por meio das interjeições de assombro e de estranheza e categorizá-las inicialmente para, depois, cotejá-las nas variedades paulistana e macaense.

Ademais, reconhece-se a existência de normas culturais pragmáticas que são postas em prática através de contratos comunicativos implícitos e que interferem no uso de expressões linguísticas. Givón (2005), por exemplo, destaca que o falante confrontado com um interlocutor com maior poder, *status* ou autoridade tende a diminuir a frequência de expressões que demonstrem certeza. Considerando a relação intrínseca das interjeições com os usos coloquiais da linguagem cotidiana, esperava-se que, em tais contextos, o falante, em muitos casos, também as refreasse em seus usos. Os resultados da análise ratificaram essa hipótese.

Conforme se observou nos *corpora* das variedades macaense e paulistana, as interações de pouca intimidade entre o falante e o interlocutor foram as que, como um todo, apresentaram uma menor frequência de interjeições de estranheza. No caso do assombro, o próprio âmbito do gênero entrevista não permite estas expressões, exceto em circunstâncias muito raras, tais como o falante cair da cadeira, o interlocutor assustá-lo intencionalmente, alguém ou algum evento externo ameaçar o falante, etc., situações estas que não ocorrem em nenhum dos materiais analisados.

No que tange ao *corpus* de Macau, o refreio de expressões em contextos formais ficou evidente especialmente na entrevista do telejornal, sendo o entrevistado colocado em uma situação sob os olhares de câmeras com um interlocutor de outra nacionalidade. Apesar da extensão da entrevista apresentar um tempo considerável, esta foi a que

O *habitus* é, portanto, uma subjetividade socializada. Dessa forma, deve ser visto como um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação que é experimentado e posto em prática.

apresentou menor índice de registros de expressões interjetivas. Referente ao *corpus* de São Paulo, o gênero cinematográfico, por sua dinâmica mais abrangente e contextos mais relacionados à linguagem cotidiana, apresentou um maior índice de expressões interjetivas, tendo as entrevistas presentes em Lima-Hernandes *et alii* (2012) e Rodrigues (2013) – contextos em que o falante não estabelece uma relação de intimidade com o interlocutor – os materiais paulistanos com menores produções.

Tal resultado corrobora o que Ekman (2011) considera como *regras de exibição*. Essas são socialmente aprendidas e podem variar de uma cultura para a outra no que concerne ao controle das expressões através de normas sociais, por exemplo, quanto a quem pode demonstrar que emoção para quem e quando pode fazer isso. Tais regras ditam o exagero, o fingimento, a dissimulação ou a diminuição da intensidade da expressão do que o indivíduo sente emocionalmente. Dado que as interjeições estão estreitamente atreladas à afetividade e o modo de exibição das emoções sofre ação da cultura, os usos de expressões de assombro e de estranheza são profundamente afetados pelas normas culturais. Todavia, analisando os materiais sob uma perspectiva intercultural, tanto os falantes paulistanos quanto os macaenses refrearam em certa medida essas expressões em contextos mais formais, o que pode aludir a uma característica em comum entre as duas culturas ou até mesmo um universal do comportamento humano, como sugerem as pesquisas de Paul Ekman.

Aplicando o *continuum* funcional das expressões interjetivas proposto na *seção 3.5*, é possível demonstrar as diferenças e semelhanças observadas nos materiais de análise entre as duas variedades da língua portuguesa. No entanto, é preciso, antes disso, evidenciar a atuação do desenvolvimento cultural, individual e dos dispositivos biológicos predeterminados do mecanismo emocional na manifestação das expressões pragmáticas e linguísticas. A respeito disso, Damásio (2013:79-80) comenta o seguinte:

Há uma considerável variação no tipo de estímulos que pode induzir uma emoção, tanto num indivíduo como numa cultura, e chamo a atenção para o facto de, independentemente do grau de predeterminação biológica do mecanismo emocional, o desenvolvimento individual e a cultura terem que ver com o produto final. Com toda a probabilidade, o desenvolvimento individual e a cultura sobrepõem as seguintes influências nos dispositivos predeterminados: em primeiro lugar, dão forma individual àquilo que vai constituir o indutor apropriado para uma dada emoção; em segundo lugar,

dão forma individual a alguns aspectos da expressão da emoção; em terceiro lugar, dão forma à cognição e aos comportamentos que se seguem ao desenrolar de uma emoção.

Como exposto na fundamentação teórica desta dissertação, em consonância com a explanação de Damásio (2013), o desenvolvimento individual e a cultura regulam o modo de se exprimir, a forma da expressão, a cognição e os comportamentos. Dado que o intuito dessa análise foi verificar as expressões interjetivas e categorizá-las em atendimento ao princípio da iconicidade, é possível verificar que, na pragmática e nos movimentos mentais individuais de cada falante, os usos das expressões interjetivas de assombro e de estranheza diferem sobremaneira.

Adotando o *continuum* funcional proposto, é possível perceber que a forma das expressões que se situam mais à esquerda do polo de gradação foram as que menos variaram em uso na comparação dos materiais paulistanos e macaenses. Expressões de curta duração e peso, tais como *Ah!*, *Oh!*, *É!*, *Ai!*, *Hã?*, aparecem frequentemente em usos diversos nos dois *corpora* e não apresentam distinções numa perspectiva intercultural comparativa entre as duas variedades. Todas as expressões interjetivas de assombro e de estranheza de baixo peso silábico da variedade macaense caberiam perfeitamente em contextos paulistanos no que tange às suas formas linguísticas, com exceção da expressão *Épa!*, cujo primeiro fonema mostra-se semiaberto em Macau e semicerrado em São Paulo.

Em oposição quanto à frequência de usos, nota-se que as expressões de estranheza, situadas mais à direita do polo de gradação do *continuum* funcional, variaram grandemente nos materiais paulistanos e macaenses e até mesmo dentro de cada um dos *corpora*. Usos interjetivos mais complexos, tais como *Só faltava essa!*, *Tenha santa paciência!*, *O que você tá querendo dizer com isso?*, *Eu num acredito nisso!*, dentre outros, são reservados a contextos de uso mais específicos e menos abrangentes, o que produziu uma gama variada de expressões de estranheza.

Apesar de a maioria das expressões de estranheza macaenses, tais como *Que miséria!*, *Ai que vergonha!*, *Que diabo!*, *Chega!*, se encaixarem perfeitamente em contextos paulistanos, alguns usos excepcionais aparentam estar mais atrelados, ao menos atualmente, à variedade de Macau. Observa-se a presença desses usos nos *graus* V e VI, os quais são os mais complexos e elaborados, evidenciando a interferência cultural mais acentuada na

língua nos níveis mais à direita do *continuum* de gradação. Como exemplos, podem-se mencionar as expressões *Ai escabroso!*, *Olha-te a escada!* e *Ô santa ladainha!*, cujas expressões no primeiro e terceiro casos e o uso da mesóclise no verbo da segunda construção não costumam ocorrer na variedade paulistana.

As variedades paulistana e macaense do português apresentam bastante similaridade entre si quanto à forma. No entanto, a fonética desta última aponta muito mais semelhança com a variedade lusitana, provavelmente pela influência mais intensa exercida por Portugal na península até o fim do século XX, enquanto o Brasil – incluindo São Paulo – se distanciou gradativamente de Portugal já em meados do século XIX. Referente às semelhanças de contexto para as expressões interjetivas de assombro e de estranheza, não houve disparidades perceptíveis entre as duas variedades, sendo as diferenças observadas apenas em usos lexicais.

A coincidência de ocorrência com maior frequência de expressões similares de assombro e as de estranheza situadas mais à esquerda na comparação entre as amostras e a menor frequência em semelhança de usos no que tange às expressões de estranheza mais à direita pode ser explicada através do polo de gradação do *continuum* funcional. Devido à característica mais automática e instintiva das interjeições de assombro e as de estranheza mais básicas, estas sofrem menor interferência cultural e variam menos em forma, tendo amplos contextos de uso, o que explica a alta frequência de utilização pelos falantes em todos os materiais de análise, independentemente da variedade analisada. Já as interjeições de estranheza mais elaboradas, pela natureza mais reflexiva e social, sofrem maior influência cultural e variam mais em forma, tendo contextos de uso mais restritos, o que explica a menor frequência de ocorrência de cada uma das expressões nos materiais de análise e o baixo índice de coincidência de várias expressões na comparação entre as duas variedades do português.

Assim sendo, é possível hipotetizar que a celeridade do processo de mudança linguística também ocorreria em termos de gradação, havendo uma frequência mais lenta de mudança em expressões linguísticas relacionadas a contextos mais universais que envolvam a afetividade ou que representem sons não lexicais, como no caso das onomatopeias, os quais são mais fixos e estáveis em relação aos outros códigos linguísticos. Tal constatação elucida o fato de códigos linguísticos menos culturais e mais instintivos

sofrerem variação quase nula em relação às codificações mais culturais nos materiais de análise, mesmo sendo variedades distintas de uma mesma língua, com traços culturais diferentes e localizadas em posições geográficas tão distantes.

Essa ideia remete à conceituação de linguagem proposta por Damásio (2013:137-138) como a tradução de uma outra coisa, consistindo esta em uma conversão de imagens não linguísticas que representam entidades, eventos, relações e inferências. Conforme o autor,

Se a linguagem funciona em relação ao *self* e à consciência do mesmo modo que funciona para todas as outras coisas, ou seja, simbolizando em palavras e frases aquilo que começa por existir sob uma forma não verbal, então deverá existir um *self* não verbal e um conhecimento não verbal para os quais as palavras <<eu>> e <<mim>> ou a frase <<eu conheço>> constituem as traduções apropriadas, em qualquer linguagem. Julgo que é inteiramente legítimo pegar na frase <<eu sei>> e deduzir, a partir dela, a presença duma imagem não verbal de conhecimento centrada num *self* que precede e motiva essa frase verbal.

A partir de Damásio, pode-se inferir que as expressões interjetivas mais automáticas, por se situarem sob formas não verbais que remetem ao instinto e a contextos afetivos motivados pela cognição em processos mentais mais involuntários, funcionam a partir de uma relação menos lúcida entre o *self* e sua consciência. Em contraste, expressões interjetivas reflexivas se assentariam sob formas não verbais que aludem ao social e a contextos afetivos motivados pela cognição em processos mentais mais voluntários, em uma relação mais lúcida entre o *self* e a consciência.

Assumindo que as expressões interjetivas de assombro sejam as mais leves e automáticas, necessitam de processamentos mentais menos complexos e que aludem a um passado filogeneticamente mais antigo da espécie humana, reconhece-se que provavelmente não existiriam expressões de estranheza se não houvesse, antes, as expressões de assombro. A própria ontogênese humana remete a essa conjectura, pois os primeiros sons de bebês humanos e a fase inicial da aquisição linguística concentram-se muito mais no polo esquerdo de gradação. Igualmente, provavelmente não haveria a sintaticização que dá origem a estruturas mais complexas pelo uso incessante da língua se, antes, não houvesse discursos simples e pouco elaborados, pois é através da língua em uso

que estruturas mais simples se tornam mais complexas, organizando a hierarquia de informações de modo coordenado e veiculando o que antes era apenas pensamento.

Constata-se, com base na observação dos materiais analisados, que as principais diferenças encontradas entre o português paulistano e macaense foram fonéticas, gramaticais e lexicais. No campo da fonética, é possível notar uma grande similaridade no falar macaense com a variedade lusitana como, por exemplo, no uso do fonema /r/ vibrante em posição inicial, por exemplo, na sigla RAEM, o que não ocorre no português paulistano. Em termos gramaticais, pode-se mencionar o uso do infinitivo gerundivo de Macau em contraste com o gerúndio de São Paulo em construções verbais e a conjugação verbal de itens linguísticos que têm uso como substantivos na variedade paulistana, o que pode refletir a influência de Portugal na península até tempos recentes.

Ademais, o outro fator diferencial entre as duas variedades está nos usos lexicais, sendo três aspectos linguísticos que passam por interferência direta constante da cultura. Construções linguísticas presentes no *corpus* macaense, tais como *Não sou eu que estou a dizer, acarinhado, apetrechada, contributo, inclusivamente, equipa, Essa qualidade de vida está esticada a todos os residentes?, responsabilização, governação, fraquito, suster e escabroso*, são usos que refletem a identidade cultural de Macau espelhada em sua variedade, sendo construções pouco comuns ou atípicas no português paulistano.

A motivação das divergências na fonética, no léxico e na gramática, portanto, deve-se presumivelmente às diferenças culturais que moldam a sintaxe de cada uma das variedades investigadas. Nesse sentido, as expressões interjetivas de estranheza no polo mais à direita, por sua maior duração, estão mais atreladas em termos de gradação aos três aspectos linguísticos supracitados, possuindo uma maior interferência cultural e, por isso, sofreriam maior variação, apresentando uma menor frequência de usos similares. De outro modo, as coincidências de formas similares e a maior frequência de uso intra e interculturalmente de expressões interjetivas de curta duração poderiam ser explicadas pela menor interferência sociocultural devido ao caráter mais biológico e relacionado com a afetividade através do princípio da iconicidade, exposto em Furtado da Cunha *et alii* (2003) e Lima-Hernandes (2006).

Em conformidade com o subprincípio icônico da quantidade, aquilo que é mais simples e esperado é expresso com o mecanismo morfológico e gramatical menos

complexo. Por conseguinte, expressões pragmáticas e linguísticas que demandam atenção imediata e possuem uma característica mais universal de compartilhamento – tais como as expressões de assombro – exigem menor complexidade de pensamento, o que reflete na maior automaticidade destas expressões. Conforme já mencionado anteriormente, as emoções universais relacionam-se mais com tais expressões, o que explica a menor variação de formas e a maior frequência de coincidência destas produções nos materiais de análise.

Givón (1995), como aventado anteriormente, atesta que a complexidade não é limitada às categorias linguísticas, mas que pode se estender a outros fenômenos como o discurso formal e a conversação espontânea. Segundo Furtado da Cunha *et alii* (2003), por se tratar de assuntos mais abstratos e complexos, o discurso formal é mais marcado por exigir um maior processamento cognitivo. Já a conversação informal é processada com mais rapidez e facilidade, por referir-se, em geral, a assuntos de ordem do cotidiano e por sua característica mais espontânea.

Também em Givón (2009), a atenção e o processamento da memória durante um ato comunicativo podem ser entendidos como fatores essenciais da complexidade. De acordo com o autor, as informações da memória são recuperadas antes da decodificação gramatical na produção de sentenças. Além disso, ocorrem mudanças de estado mental e de perspectiva durante a comunicação, o que implica a ativação de processos cerebrais de controle de atenção. Deste modo, é correto afirmar que processamentos mais complexos geram produções linguísticas mais distintas e variadas, o que se evidencia nas expressões de estranheza mais à direita do *continuum*.

Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) igualmente relacionam a quantidade de material fônico nas produções linguísticas à frequência de uso de uma forma. Em seu texto, afirmam que pela “lei do menor esforço” a tendência de um item usado com mais frequência é ser mais curto do que os de menor frequência. A verificação nos *corpora* corrobora essa afirmação, pois é possível observar mais frequentemente expressões interjetivas de assombro com apenas uma carga silábica tais como *Ah!* e *Oh!*, em comparação a itens com maior carga silábica e, portanto, mais complexos.

Entretanto, no que concerne à questão da mudança linguística, Gonçalves *et alii* (2007:72-73) afirmam que

(...) a repetição no discurso é a responsável pela automatização da forma linguística, i.e., saber como executar um comportamento linguístico sem ter de pensar sobre suas partes componentes. A partir dessas crenças, tem-se então que itens pouco frequentes no discurso são mais resistentes à mudança, que, no caso da gramaticalização, pode também ser considerada foneticamente motivada.

Com base nesta afirmação, seria de se esperar em uma comparação intercultural de variedades da língua portuguesa que expressões interjetivas de curta duração, com sua característica mais frequente e automatizada, fossem menos resistentes à mudança e variassem em formas, considerando as distinções e diversidades culturais existentes entre Macau e São Paulo. Todavia, não foi o que se observou nos materiais de análise, sendo as expressões de curta duração as que mais coincidiram em semelhança de forma, mesmo apresentando uso intenso em ambas as culturas.

No que concerne às expressões linguísticas, Castilho (2002:8), referindo-se às propriedades de construções, argumenta que “(...) qualquer expressão linguística exhibe simultaneamente propriedades discursivas, semânticas e gramaticais, variando embora o grau de saliência entre elas”. Através do argumento da gradualidade apontado pelo autor, torna-se possível explicar a baixa presença de variação de formas, mesmo em perspectiva intercultural. Interjeições de curta duração, apesar de apresentarem uma frequência bastante presente no discurso dos falantes, especialmente em contextos espontâneos do cotidiano, não exibem alto grau de saliência no que tange às suas propriedades semânticas e gramaticais, como aquelas mais motivadas pela cultura e desencadeadas por processos mentais mais complexos. Por isso, variam menos em formas e são menos alterados em frequência os seus contextos de uso, que são de larga abrangência.

Cabe ressaltar, em tempo, que, ao contrário do que linguistas, tais como Bagno (2011), e gramáticos, tais como Cunha e Cintra (1985), afirmam, o fenômeno da interjeição é parte integrante das classes de palavras ou categorias da língua portuguesa e não pode ser excluído da gramática e nem dos estudos linguísticos, pois são sequências comunicativas portadoras de significado completo. Constitui, por conseguinte, fator chave para se observarem os movimentos mentais e culturais que moldam as línguas. Apesar do baixo grau de saliência no que se refere à semântica e à gramática, expressões interjetivas estão

atreladas à sintaxe da língua em suas diversas formas que se distinguem de outras línguas tais como o inglês, o alemão, o japonês, dentre outras. Por serem acompanhadas, em muitos casos, pela linguagem pragmática que envolve fatores afetivos universais, muitas dessas expressões podem ser mais facilmente compreendidas por um falante nativo de outro código linguístico e pertencente a uma cultura diversa, porém é essa característica que torna essas expressões de fácil acesso para esses indivíduos e não o código linguístico em si.

Por fim, através da análise dos materiais coletados, conclui-se que a relação da mudança linguística com a frequência de uso está muito mais associada aos movimentos mentais mais complexos, atrelados à cultura impregnada na língua através de suas propriedades semânticas e gramaticais, do que com a intensidade com que as construções linguísticas se apresentam no discurso. Atesta isso o fato da coincidência intra e intercultural de baixa frequência de variação de formas e alta frequência de usos de expressões interjetivas de curta duração, cujos processamentos mentais são mais automáticos e instintivos em comparação com as expressões de maior duração.

Considerações finais

Como proposto inicialmente, o desenvolvimento desta dissertação foi amparado em dois campos teóricos fundamentais: a Linguística Cognitivo-Funcional e a abordagem da Psicologia Cognitiva no desenvolvimento e na evolução. Ao longo das discussões, foram utilizadas ferramentas metodológicas para lidar com a descrição das expressões interjetivas de assombro e de estranheza. Estas provieram dos postulados sobre Gramaticalização (processos e categorias cognitivas) e da Linguística Funcional (princípio da iconicidade). Tais ferramentas revelaram-se produtivas na organização dos dados identificados e propiciaram a compreensão de que uma relação entre desenvolvimento e evolução nesse campo de estudo se mostra eficaz para estudos linguísticos.

Interjeições são produções linguísticas que estão profundamente atreladas à ordem pragmática do discurso, pois os seus significados derivam quase que exclusivamente da entonação do falante e do contexto em que se inserem. Formadas a partir da estrutura específica de cada língua e orientadas por situações interativas, carregam consigo os processamentos mentais individuais e os traços culturais dos falantes.

Em consequência da sua relação íntima com o desenvolvimento cognitivo e a afetividade, é plausível concordar com a hipótese de que existam expressões interjetivas pragmáticas e discursivas mais primitivas e que remetam a um passado biológico filogenético mais remoto. Diversamente, há expressões ulteriores, complexas e mais vinculadas à cultura e a um passado evolutivo mais recente da espécie humana. Num plano ontogenético, também se poderia supor que algumas expressões interjetivas se apresentam mais cedo e outras em momentos mais avançados na história de desenvolvimento de um indivíduo, o que também deve diferir conforme a cultura e mesmo entre indivíduos de um mesmo grupo. Estudos longitudinais, ou pelo menos transversais, em contextos culturais diferentes poderiam examinar esta hipótese.

Em uma perspectiva cognitivo-funcional, as interjeições podem ser classificadas em duas categorias através de um *continuum* de gradação. No polo mais à esquerda, concentram-se as expressões ativadas de maneira mais automática e instintiva, em termos de gradação cognitiva, originadas de processamentos mentais mais simples e, portanto, filogeneticamente mais primitivas. Em contrapartida, no polo direito, situam-se aquelas que

se aproximam de uma característica mais reflexiva e, conseqüentemente, pensando em termos de gradação cognitiva, originadas de processamentos mentais mais maduros e complexos, oriundos da cultura humana.

O afeto e a cognição são fatores que guiam e motivam a percepção da realidade, sendo a linguagem um aspecto deste processo, de enorme complexidade. Em um viés interdisciplinar que associe cognição e afetividade à gramática para dar conta de descrever o fenômeno da interjeição, é possível afirmar que a distinção entre emoções menos e mais mediadas pela cultura pode, de certa forma, ser transposta também para a linguagem, e contribuir para a diferenciação das duas categorias básicas de expressões interjetivas em contextos de uso. Do lado mais à esquerda do *continuum*, predominam expressões interjetivas relacionadas às reações mais automáticas e independentes da cognição, restritas ao processamento de estímulos mais simples que visam à sobrevivência da espécie. Contrariamente, do lado mais à direita do *continuum*, prevalecem as expressões interjetivas associadas aos aspectos reflexivos, que envolvem um processamento cognitivo mais complexo e mais subordinado às experiências de mundo e aos contextos socioculturais.

Esquema 3: *Continuum da complexidade biológica na Fonética.*

O interlocutor sem transtornos cognitivos perceberia ou apreenderia com maior facilidade as expressões interjetivas situadas mais à esquerda do *continuum* de gradação por se relacionarem mais intimamente com as emoções primordiais básicas ou universais. Por estarem comumente acompanhadas da linguagem pragmática, que envolve fatores afetivos universais, muitas dessas expressões podem ser mais facilmente compreendidas por um

falante de outro código linguístico e pertencente a uma cultura diversa. Em contraste, expressões interjetivas mais à direita do *continuum* gradativo apresentam uma menor vinculação com a linguagem pragmática, estando mais associadas com a gramática e a cultura específica de cada grupo linguístico, sendo mais necessário o conhecimento do código e os contextos culturais distintos para o entendimento.

Ademais, como atesta o subprincípio icônico da quantidade, o peso das construções está correlacionado à complexidade linguística. Destarte, construções pesadas, ou seja, aquelas que apresentam maior quantidade de forma, mais de um elemento na cadeia sintática e, portanto, apresentam um maior *timing* de duração, possuem a característica de serem mais abstratas e complexas, exigindo maior processamento mental. De outro modo, as de menor quantidade de forma e com um único elemento na sentença, ou seja, com menor *timing* de duração, são mais simples e concretas, demandando menor esforço mental.

Por meio dos conceitos teóricos expostos e da pesquisa realizada referente às expressões de *estranheza* e de *assombro* nas variedades paulistana e macaense da língua portuguesa, foi possível perceber claras distinções entre elas, como, por exemplo, a característica mais instantânea desta e a mais reflexiva daquela, especialmente as de maior grau, situando-se cada uma em polos opostos do *continuum* interjetivo de gradação. Uma das relevantes observações constituídas a partir dos resultados alcançados seria atinente ao peso da forma das expressões interjetivas a uma correlação frequentemente observada: construções pesadas relacionam-se às expressões de *estranheza*, e as leves, às de *assombro*.

No que concerne à codificação linguística, as expressões de *assombro* e as de *estranheza* de menor grau exibiram alta frequência de uso e não apresentaram variações relevantes na comparação dos materiais de pesquisa entre as duas variedades analisadas. Em oposição, interjeições de *estranheza* de maior grau apresentaram menor coincidência de usos quanto à forma e alta diversidade de variações. Conjectura-se que tal resultado se deve ao fato de as interjeições de curta duração, como as de *assombro* – apesar de apresentarem uma frequência bastante presente no discurso dos falantes, especialmente em contextos espontâneos do cotidiano –, não possuírem grau de saliência alto no que tange às suas propriedades semânticas e gramaticais como aquelas mais motivadas pela cultura e processos mentais mais complexos, tais como as expressões de *estranheza* de maior grau e,

por isso, variam menos em formas e são menos alterados em frequência os seus contextos de uso.

As considerações aqui apresentadas não devem ser apreciadas como respostas conclusivas, mas, sim, como um passo adiante para estudos futuros no que tange ao fenômeno da interjeição e a sua importância para a compreensão da cognição e da afetividade atreladas à linguagem humana. Apesar da pouca atenção recebida por alguns gramáticos e linguistas e dos equívocos a elas relacionados pela exclusão de seus aspectos funcionais na língua, interjeições são estratégias comunicativas utilizadas fartamente em nosso cotidiano e, portanto, representam uma rica fonte de investigação.

Reconhece-se, aqui, a sua importância e a necessidade de estudos linguísticos interdisciplinares mais avançados que incorporem a linguagem pragmática, a afetividade e os processamentos mentais numa metodologia adequada à descrição dos diversos fatores que moldam a língua. Considerando o arcabouço teórico e o conjunto de hipóteses desse estudo, duas ampliações possíveis a serem trabalhadas na continuidade desta pesquisa são a análise da expressão prosódica e da expressão facial que acompanham o uso das interjeições, investigando-as por meio dos mesmos critérios de classificação linguístico-cognitivas, tais como a da intensidade, da complexidade e do mais automático ao mais reflexivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, T. R. d. **Análise das funções emotivas de interjeições encontradas em “Alice no País das Maravilhas” de Lewis Carrol.** Anais de evento da XIII semana de Letras da UFOP. Ouro Preto: UFOP, 2012.

ALI, M. S. **Gramática histórica da língua portuguesa. e. 3.** Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1964.

ALMEIDA, J. R. D. Cinema, Direito e Prática Jurídica: uma introdução. **Revista do curso de Direito da Faculdade Campo Limpo Paulista**, v.7. Porto Alegre, 2009.

ALMEIDA, N. M. d. **Gramática metódica da língua portuguesa. 27 ed. rev.** São Paulo: Saraiva, 1978.

ALVES, Z. M. M. B.; SILVA, M. H. G. F. D. d. **Análise qualitativa de dados de entrevista:** uma proposta. *Paidéia*, 2. Ribeirão Preto: FFCLRP – USP, 1992.

AMORIM, N. C. S. d. **O item linguístico mesmo:** confrontando usos e funções no português do Brasil. Tese (Doutorado em Linguística). João Pessoa: UFPB/CCHLA, 2009.

AUSTIN, J. **How to do things with words.** Cambridge: Harvard University Press, 1962.

AZEREDO, J. C. d. **Fundamentos de gramática do português e. 3.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BARKOW, J.; COSMIDES, L.; TOOBY, J. **The Adapted Mind: Evolutionary Psychology and The Generation of Culture.** New York: Oxford University Press, 1992.

BARTSCH, K.; WELLMAN, H. **Children Talk About the Mind**. New York: Oxford University Press, 1995.

BATISTA, H. R. **Uai**: estudo de uma interjeição do português brasileiro. Dissertação (Mestrado em Letras). Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Letras, 2013.

BAXTER, A. **O português em Macau**: contacto e assimilação. CARVALHO, A. M. (org.). *Português em Contacto*. Madri: Iberoamericana, 2009.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira & Lucerna, 2009.

BECKNER, C. *et alii*. **Language is a complex adaptive system**. *Language Learning* 59: Supplement 1.1-26, 2009.

BENASSAR, B. Dos mundos fechados à abertura do mundo. In: NOVAES, A. (org.). **A descoberta do homem e do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BERNÁRDEZ, E. Some reflections on the origins of Cognitive Linguistics. **Journal of English Studies** 1: 9-27, 1999.

BITTENCOURT, J. B. d. M. “O inferno são os outros”: uma análise sobre o medo do estranho na cidade de Fortaleza (CE). **Revista Subjetividades**, v.9, n.1, 2009.

BLOOM, L. **One Word at a Time: The Use of Single Word Utterances Before Syntax**. The Hague: Mouton, 1973.

BLUTEAU, R. **Vocabulário português e latino – Impressão da edição de Coimbra, 1712**. Hildeshelm: Georg Olms Verlag, 2012.

- BOLINGER, D. **Meaning and form**. London: Longmans, 1977.
- BORBA, F. d. S. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.
- BOURDIEU, P. **Futuro de Classe e Causalidade do Provável**. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOTTA, M. G. **A Guerra EUA x Iraque no discurso jornalístico: análise léxico-semântica das unidades de denominação**. Dissertação (Mestrado em Linguística). São Paulo: UNESP Araraquara, 2006.
- BOWERMAN, M. **Early Syntactic Development**. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.
- BRUNER, J. S. **Realidade mental, mundos possíveis**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- _____. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BYBEE, J. **Cognitive processes in grammaticalization**. In: TOMASELLO, M. (ed.). The new psychology of language. v.2. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003.
- CAIXETA, G. F. Interjeições: no limbo dos estudos gramaticais. **Revista Alpha**, n. 15. Minas Gerais: UNIPAM, 2014.
- _____. **“Que bom, que bom, ai, que bom!” Da existência da relação retórica de interjeição**. Tese (Doutorado em Linguística). Belo Horizonte: UFMG, 2015.
- CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- _____. **Dicionário de Linguística e Gramática**. 24 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CASTILHO, A. T. **Abordagem da língua como um sistema complexo: Contribuições para uma nova Linguística Histórica**. São Paulo: USP/CNPq, 2006.

_____. **Como, onde e quando nasceu a língua portuguesa?** Museu da Língua Portuguesa, 2009.

Disponível em: www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_9.pdf. Acesso em: 15 de setembro de 2015.

_____. **Gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Unidirectionality or Multidirectionality? Some Issues on Grammaticalization. **XII Seminary of Functional Syntax.** São Paulo: USP, 2002.

CLARK, H. H. O uso da linguagem. In: GARCEZ, P. M. (org.). **Cadernos de tradução (9).** Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2000.

CORBALLIS, M. C. **Pensamiento recursive – La facultat de pensar sobre el pensar puede constituir el atributo critic que nos dintingue de todas las demas especies.** Mente y cérebro, 77-87, 2007.

CORREIA, M. F. B. A construção social da mente: (re)descobrimo Jerome Bruner e construção de significados. **Estudos de Psicologia**, 8, 3. Paraíba: UFPB, 2003.

COULTHARD, M. **Linguagem e sexo.** São Paulo: Ática, 1991.

CROFT, W. Language structure in its human context: new directions for the language sciences in the twenty-first century. **Cambridge Encyclopedia of the Language Sciences.** Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DAMÁSIO, A. R. **O sentimento de si.** Lisboa: Temas e Debates, 2013.

_____. **E o cérebro criou o Homem.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DARWIN, C. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DUNCAN, S.; BARRETT, L. F. Affect is a form of cognition: A neurobiological analysis. **Cognition and Emotion**, 21 (6), 1137-1154, 2007.

EISENCK, M. W.; KEANE, M. T. **Manual de psicologia cognitiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

ESPADINHA, M. A. N.; TEIXEIRA E SILVA, R. O português de Macau. In: LIMA-HERNANDES, M. C.; MARÇALO, M. J.; MICHELETTI, G.; ROSSI, V. L. (orgs.). **A Língua Portuguesa no Mundo – I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa**. São Paulo: FFLCH-USP, 2008.

EIBL-EIBESFELDT, I. **Ethology, the biology of behavior**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1970.

EKMAN, P. **A linguagem das emoções**. São Paulo: Lua de Papel, 2011 [2003].

EKMAN, P.; FRIESEN, W. V. **Unmasking the Face: a guide to recognizing emotions from facial clues**. New Jersey: Prentice Hall, 1975.

FERNANDES, P. D.; COSTA, N. S. A. A origem da língua portuguesa: contexto geral e brasileiro. **Web-Revista SOCIODIALETO**, v.5, p. 38-49, 2014.

FORTES, F. d. S. **Os marcadores discursivos no latim**: considerações pragmáticas e textuais sobre as preposições, interjeições e conjunções em Donato e Prisciano. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: IEL/UNICAMP, 2008.

FORTES, M. G. As interjeições como Atos Expressivos: uma análise das variedades lusófonas à luz da Gramática Discursivo-Funcional. **Domínios de Lingu@gem**, ano 4, nº1, 2010.

FURTADO DA CUNHA, M. A. A linguística cognitivo-funcional. **Trabalho apresentado no SIELP**, 2011.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; MARTELOTTA, M. E. Linguística baseada no uso: o papel de destaque da língua falada. **II Congresso Internacional de Linguística Histórica**, Anais de Resumos do Castilho. São Paulo: USP, 2012.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GARDNER, H. **A nova ciência da mente**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

GEERAERTS, D. **Cognitive Linguistics: Basic Readings**. Berlim/New York: Mouton de Gruyter, 2006.

GEERTZ, C. O. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GIVÓN, T. **The Genesis of Syntactic Complexity**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009.

_____. **Context as Other Minds: The Pragmatics of Sociality, Cognition and Communication**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.

_____. **Bio-linguistics: The Santa Barbara Lectures**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2002.

_____. **Mind Code and Context**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1989.

_____. **On Understanding Grammar**. New York, NY: Academic Press, 1979.

GONÇALVES, M. **A interjeição em português**: contributo para uma abordagem em semântica discursiva. Coimbra: FCG/FCT, 2002.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (orgs.). **Introdução à gramaticalização**: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GOPNIK, A. How we know our minds: The illusion of first-person knowledge about intentionality. **Behavioral and Brain Sciences** 16, 1-14, 1993.

GROSSO, M. J. d. R. **O discurso metodológico do ensino do português em Macau a falantes de língua materna chinesa**. Macau: Universidade de Macau, 2007.

GUERRA, A. Y. R. **Expressões de assombro e de estranheza no português paulistano**: a hipótese do peso. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

_____. A língua oral e o desenvolvimento de sua articulação por crianças em processo de letramento. **Anthesis**: Revista de Letras e Educação da Amazônia Sul-Occidental, ano 2, nº3, 2013.

_____. Expressões interjetivas de assombro e de estranheza: a hipótese do peso. **Linguagem e cognição: um diálogo interdisciplinar**. Lecce: Pensa MultiMedia Editore, 2015.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization**: A Conceptual Framework. Chicago / London: University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B.; KUTEVA, T. **The Genesis of Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. d. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1974.

JANZEN, H. E. **O Ateneu e Jakob von Gunten**: um diálogo intercultural possível. Tese (Doutorado em Letras). São Paulo: FFLCH/USP, 2004.

JUNQUEIRA FILHO, L. C. U. **A metapsicologia no horizonte estético**: assombro e estranhamento. In: *Ide*, v.31, n.47, 2008.

KOCKELMAN, P. **Language, culture and mind**: natural constructions and social kinds. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

KRUS, L. O imaginário português e os medos do mar. In: NOVAES, A. (org.). **A descoberta do homem e do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LAKOFF, G. **Women, Fire, and Dangerous Things**: What Categories Reveal about the Mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar, Vol. 1**: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LAZARUS, R. **Emotion and adaptation**. New York: Oxford, 1991.

LEME, M. I. S. Reconciliando divergências: conhecimento implícito e explícito na aprendizagem. **Psicologia USP** v. 19, no. 2. São Paulo, abr./jun. 2008.

_____. As especificidades humanas e a aprendizagem: relações entre cognição, afeto e cultura. **Psicologia USP**: 22, 703-722, 2011.

LEHMANN, C. **Thoughts on grammaticalization a pragmatic sketch**, akup, n.48. v.1, 1982.

LIMA-HERNANDES, M. C. Nova mente, outro contexto. In: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (orgs.). **Linguística centrada no uso**. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015, v.1, p. 13-21.

_____. E se a limitação humana não permitir reconhecer outras linguagens? Sobre ignorância e (in)adequação humana. **Revista Letra (Rio de Janeiro)**, v.9, 2014.

_____. Mudança gramatical: caminhos a percorrer. In: LIMA-HERNANDES, M. C. (org.). **Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino**. São Paulo: Paulistana, 2010a.

_____. **Língua portuguesa em Macau: amostragem, descrição e organização de dossiê sobre a variedade asiática**. Projeto de Pós-doutoramento na Universidade de Macau. São Paulo: CAPES, 2010b.

_____. Estudos sobre gramaticalização: objetos, métodos e problemas. In: OLIVEIRA, M. R. d.; ROSÁRIO, I. d. C. d. (orgs.). **Pesquisa em Linguística Funcional: convergências e divergências**. Niterói: Leo Christiano Editorial, 2009. p. 21-33.

_____. O princípio da iconicidade e sua atuação no português do Brasil. **Filologia e Lingüística Portuguesa**, v. 8, p. 83-96, 2006.

LIMA-HERNANDES, M. C.; VICENTE, R. B. (orgs.). **A língua portuguesa falada em São Paulo: amostras da variedade culta do século XXI**. São Paulo: Humanitas, 2012.

MARTELOTTA, M. E. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, M. E. F. A questão da interjeição: classe gramatical ou frase de situação? **Revista Linguagem**, mês de julho. São Paulo: UFSCAR, 2012.

MATSUMOTO, D.; HWANG, H.S. Culture and Emotion: the integration of biological and cultural contributions. **Journal of Cross Cultural Psychology**, 43, 91-118, 2012.

MATTOS e SILVA, R. V. Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestão para uma pauta de pesquisa. **Cadernos de Letras da UFF**, v.34, p.11-30, 2008.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Pala Athenas, 2001.

MCFARLAND, D. **Animal behaviour**. England: Longman, 1999.

MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Edouard Champion, 1948 [1912].

MEIRELES, S. Onomatopéias e interjeições em quadrinhos em língua inglesa. **Pandemonium germanicum**, 2007.

MELO, S. V. d. Alienação (*Entfremdung*) e Estranheza (*Fremdheit*): dois paradigmas culturais do ocidente. **Pandaemonium**, n.17. São Paulo, 2011.

MENDONÇA, R. **A influência africana no português do Brasil**. Brasília: FUNAG, 2012.

MENDOZA, F. J. R. d.; BAICCHI, A. Illocutionary constructions: cognitive motivation and linguistic realization. In: KECSKES, I.; HORN, L. (eds.). **Explorations in Pragmatics**: Linguistic, Cognitive, and Intercultural Aspects. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2007.

MITHEN, S. J. **A pré-história da mente**: em busca das origens da arte, da religião e da ciência. São Paulo: Ed. da UNESP, 2002.

MORAIS, S. **Comunicação e Estranheza**: contingências da intersubjetividade. Covilhã: Editora Labcom, 2009.

MOREIRA, M. A. A física dos quarks e a epistemologia. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, vol. 29, n.2. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2007.

NAVARRO, E. A. O último refúgio da língua geral no Brasil. **Estudos Avançados (USP Impresso)**, v.26, p. 245-254, 2012.

_____. **Dicionário de tupi antigo**: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

NEISSER, U. **Cognitive Psychology**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1967.

NEVES, M. H. d. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA, M. d. (org.). **Língua portuguesa em São Paulo**: 450 anos. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

PACHECO, D. A língua portuguesa em Macau e os efeitos da frustrada tentativa de colonização linguística. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê**: Difusão da língua portuguesa, nº 39, p. 41-66, 2009.

PEZATTI, E. G. Uma abordagem funcionalista da ordem de palavras no português falado. **Alfa**. São Paulo, 1994.

PINKER, S. **The Stuff of Thought**: language as a window into human nature. New York: Viking Penguin, 2007.

RECTOR, M.; TRINTA, A. R. **Comunicação não-verbal**: a gestualidade brasileira. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Comunicação do corpo**. São Paulo: Ática, 1990.

RODRIGUES, A. C. S. Português Popular Brasileiro em São Paulo: materiais para seu estudo. In: MÓDOLO, M. (org.). **História do Português Paulista (Projeto Caipira)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

SAMPSON, G. There is no language instinct. **Ilha do Desterro**, vol. 52, p. 35-63, 2007.

SEARLE, J. **Speech Acts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1970.

SILVA, A. S. Linguagem, Cultura e Cognição, ou a Linguística Cognitiva. In: SILVA, A. S.; TORRES, A.; GONÇALVES, M. (orgs.). **Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva**. Coimbra: Almedina, vol. I, 2004.

SILVA NETO, S. d. **História da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970 [1952].

SILVEIRA BUENO, F. d. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1968.

SOUSA, I. C. d. O bicho da lusofonia ainda não é de seda. In: CORREIA, A. M.; SOUSA, I. C. d. (eds.). **Lusofonia: encruzilhadas culturais**. Macau: Saint Joseph Academic Press, 2011.

SOUZA, M. T. C. C. d. Cultura, cognição e afetividade: inter-relações em diferentes perspectivas. In: LEITE (org.). **Cultura, Cognição e Afetividade: a sociedade em movimento**. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo.

SPAZIANI, L. **A gramaticalização do item fora no Português do Brasil: a unidirecionalidade do processo**. Dissertação (Mestrado em Letras). São Paulo: FFLCH/USP, 2008.

STEINBERG, M. **Os elementos não-verbais da conversação**. São Paulo: Atual, 1988.

TALMY, L. How language structures space. In: PICK, H.; ACREDOLO, L. (eds.). **Spatial Orientation: Theory, Research, and Application**. New York: Plenum Press, 1983.

_____. Force dynamics in language and cognition. **Cognitive Science** 12: 49-100, 1988.

TOMASELLO, M.; CARPENTER, M.; CALL, J.; BEHNE, T.; MOLL, H. Understanding and sharing intentions: The origins of cultural cognition. **Behavioral and Brain Sciences**, n. 28, 675-735, 2005.

TOMASELLO, M. **Why We Cooperate**. Cambridge: MIT Press, 2009.

_____. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1999].

_____. Do young children have adult syntactic competence? **Cognition**, 74, 2000.

TRAVAGLIA, L. C. A gramaticalização dos verbos. In: HENRIQUES, C. C. (org.). **Conhecimento e Aplicação: estudos de uma língua**. Rio de Janeiro: Ed. Europa, 2003.

WITTGENSTEIN, L. **Philosophical Investigations**. New York: MacMillan, 1953.

VASCONCELLOS, J. L. C. d.; OLIVEIRA, R. V. História da Psicologia Cognitiva: antecedentes da Psicologia Cognitiva. In: **Revista Saúde Mental em Foco do CESUCA**, v.1, p. 1-15, 2012.

VASSALLO, M. **A professora encantadora**. Minas Gerais: Editora Abacatte, 2011.

VIARO, M. E. Sentidos muito esquisitos. **Revista Língua Portuguesa**, 2011. Disponível em: <http://revistalingua.com.br/textos/67/artigo249108-1.asp>. Acesso em: 20 de dezembro de 2015.

VOTRE, S. J. **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1992.

ZUBEN, N. A. v. Filosofia e Educação: atitude filosófica e a questão da apropriação do filosofar. **Revista da Faculdade de Educação da Unicamp**, vol.3, nº8, 1992.